

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós Graduação em Psicologia

“Olhos fechados”: a perspectiva de pais sobre bullying

Mariana Simões Floria
Orientadora: Profa. Dra. Maria de Jesus Dutra dos Reis
Coorientadora: Profa. Dra. Rachel de Faria Brino

São Carlos
Fevereiro de 2015

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós Graduação em Psicologia

“Olhos fechados”: a perspectiva de pais sobre bullying

Mariana Simões Flória
Orientadora: Profa. Dra. Maria de Jesus Dutra dos Reis
Coorientadora: Profa. Dra. Rachel de Faria Brino

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia da Universidade Federal
de São Carlos como parte dos
requisitos para o título de Mestre em
Psicologia.

São Carlos
Fevereiro de 2015

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

F635of Flória, Mariana Simões.
"Olhos fechados" : a perspectiva de pais sobre *bullying* /
Mariana Simões Flória. -- São Carlos : UFSCar, 2015.
141 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2015.

1. Violência escolar. 2. *Bullying*. 3. Pais e filhos. 4.
Perspectiva. I. Título.

CDD: 371.58 (20^a)



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

COMISSÃO JULGADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Mariana Simões Floria

São Carlos, 26/02/2015

Prof.^a Dr.^a Rachel de Faria Brino (Presidente)
Universidade Federal de São Carlos/ UFSCar

Prof.^a Dr.^a Ana Carina Stelko-Pereira
Universidade Estadual do Ceará /UECE

Dr.^a Paloma Pegolo de Albuquerque
Universidade Federal de São Carlos /UFSCar

Submetida à defesa em sessão pública
realizada às 14h no dia 26/02/2015.

Comissão Julgadora:

Prof.^a Dr.^a Rachel de Faria Brino

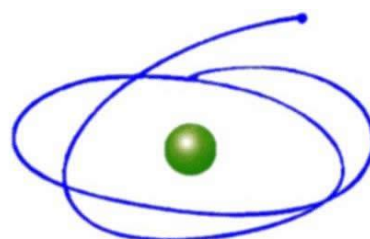
Prof.^a Dr.^a Ana Carina Stelko-Pereira

Prof.^a Dr.^a Paloma Pegolo de Albuquerque

Homologada pela CPG-PPGpsi na

____^a. Reunião no dia ____/____/____

Prof.^a Dr.^a Deisy das Graças de Souza
Coordenadora do PPGpsi



C A P E S

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

A pesquisa teve financiamento da Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
(CAPES)

*A todos que participaram do meu crescimento
pessoal e profissional nesses últimos anos.*

Agradecimentos

Quando pensei em fazer Mestrado, achei que meu maior ganho seria o conhecimento acadêmico adquirido. No entanto, logo nas primeiras semanas percebi que, ao final desse processo, ganharia muito mais do que “simplesmente” o conhecimento. Foram meses muito intensos de estudo, claro, mas também de uma convivência e aprendizagem sem igual com pessoas sensacionais!

O caminho para chegar ao Mestrado foi recheado de ansiedade e expectativas. Já no processo seletivo as coisas foram um pouco diferentes do esperado e, por isso, não posso deixar de agradecer duas pessoas que foram responsáveis pela minha entrada no Programa de Pós-Graduação: Lúcia Williams e a querida Jesus. Acolheu-me de braços abertos como sua orientanda, prestativa e com intensa vontade de me incluir em seu grupo – obrigada, Jesus, pelo apoio!

Rachel, com seu carisma ímpar e sua vocação ao ensino, aceitou, de prontidão, me coorientar nesse processo. Desdobrava-se para arranjar um horário para me ajudar sempre que precisava (como a coordenação do curso toma tempo, não é mesmo?) – sempre presente! Juntas desde a graduação, trilhando um caminho ainda pouco explorado pelos pesquisadores nacionais... É uma parceria que deu e, com certeza, continuará dando muitos frutos. Grata a tudo o que você me proporcionou em todos esses anos de convivência!

Minha banca de Qualificação e Defesa: Bia, João, Lisa, Alessandra, Paloma, Ana Carina e Ana Aiello. Pelo tempo que cada um dispendeu ao ler esse “pequeno” manuscrito, dissertar sugestões e estar presente nos dias da Qualificação e Defesa: obrigada! Cada um teve uma imensa contribuição para a escrita desse trabalho.

Meus pais, que lá no meu segundo ano de graduação pareciam já ter certeza do meu futuro acadêmico (quando eu mesma ainda não tinha nenhuma ideia). Profecia auto

realizadora? Não sei, talvez eles me conheçam melhor que a mim mesma. Parece que foi ontem que estávamos em Santos, participando do maior e mais louco trote que já vi em minha vida... E agora aqui, São Carlos, UFSCar, Mestrado... Obrigada por acreditarem em meu potencial, respeitarem minhas decisões e me ensinarem que a educação é o melhor investimento! Amo vocês!

Lucas, meu irmão, que, por mais que tenhamos nossos “pequenos” conflitos, ainda estamos ali um para o outro. Pode não parecer com frequência (rs!), mas eu te amo!

Marília Sônego e Marília Vilela, mais que colegas de apê, amigas! São companheiras com C maiúsculo, que foram essenciais nesses últimos meses. Entendem muito bem a vida de mestranda, ajudam a superar os obstáculos do caminho e sabem como ninguém comemorar cada conquista. Obrigada por aturarem meus choros, estarem sempre presentes nos momentos especiais e compartilhar os sorrisos e alegrias da vida são-carlense!

À diretora da escola participante, que, sem hesitar, aceitou que adentrasse à sua escola e realizasse a pesquisa. Alunos, pais, professores e todos os funcionários da escola que, de alguma forma, ajudaram a construir esse trabalho, muito obrigada!

Renan, Ana Carolina e Thais, alunos da graduação que toparam pesquisar sobre *bullying* e descobrir as oportunidades que esse tema carrega. Obrigada por me ajudarem nesse processo! Em especial, Thais, que dedicou uma boa parcela de suas férias me ajudando.

Pessoal do Laprev: Lu, Chay, Jé, Sheila, Nah, Sidnei, Paolla, Marina, Paloma e Ana Carina. Mais do que as trocas de e-mail, de milhares de mensagens no WhatsApp e Facebook, dos trabalhos a serem realizados, dos prazos a serem cumpridos... Carregarei comigo a alegria de ter convivido com cada um de vocês! Pessoas que tenho orgulho de ter conhecido e compartilhado momentos de sorrisos (e choros também, vai, rs!).

Gatas garotas que o Mestrado me proporcionou a alegria de conhecer/reencontrar: Lu(ciana), Chay, Lu(ziane), Carol, Nina, Fanny, Fer e Van. Amizades que nasceram na vida acadêmica, mas que ultrapassaram os “muros” da universidade e ganharam uma parcela grande do meu coração. Quantas jantas, churras, saídas, risadas... Com vocês tive a oportunidade de ir do Pará a Santa Catarina, de Sergipe ao Paraná, dando uma passadinha em Minas Gerais e sem sair de São Paulo! Obrigada por todos os momentos, pelas bilhões de mensagens (com direito aos resumos da Nina, rs!) e pela alegria de ter compartilhado esses últimos anos com vocês!

Queridas amigas eternas, Nati, Nay, Gabi, Thaís, Ligia, Ana, Luma, Nê, Fran e Flávia. Encontro que se deu lá em 2008, mas que ainda permanece. Cada uma seguiu um caminho, cada uma com seu destino... De encontros em desencontros, nossa sintonia continua!

Mas a maior descoberta e presente do Mestrado tem nome e sobrenome: Cynthia Carvalho Jorge. Amizade que nasceu devagar, de mensagens virtuais e acabou por tomar uma dimensão gigantesca. E eu que não acreditava muito em alma gêmea tive que rever meus conceitos... Como a vida ainda prega peças e traz surpresas inesperadas! Como podemos ser tão iguais sendo tão diferentes? Chegou quietinha, mas esbanjando simpatia – conquistou a todos, mas principalmente a mim. Veio, voltou, mas permaneceu... Permaneceu em mim, porque distância nenhuma fez diminuir a frequência das mensagens pelo celular, das ligações via Facetime, das risadas, dos conselhos e do ombro amigo. Colega de Mestrado, de especialização, de trabalhos e supervisões... Amiga para a vida toda! Te amo, miguis!

E de encontros em encontros o Mestrado se fez... Ouso dizer que esses meses estarão entre os melhores de minha vida! Obrigada a cada um que me acompanhou nessa jornada!

Sumário

Resumo	1
Abstract	2
Introdução	3
Concepção dos pais sobre bullying	14
Características da prática do bullying	15
Consequências do envolvimento em bullying	18
Indicadores de envolvimento em bullying	19
Identificação do envolvimento do filho em bullying	20
Procedimentos adotados pelos pais diante do envolvimento do filho em bullying	22
Análise e lacunas dos estudos encontrados	26
Método.....	31
Participantes.....	31
Critério de seleção dos participantes.....	33
Local.....	35
Instrumentos para coleta de dados	36
Escala de Violência Escolar (EVE).....	36
Protocolo de Indicação Sociométrica.....	37
Formulário de pesquisa: envolvimento em bullying.....	38
Questionário de Percepção de Pais sobre Bullying.....	39
Testagem do instrumento.....	40
Aspectos éticos	42

Procedimento	43
Análise de dados	45
Resultados	50
Concepção dos pais sobre bullying	51
Consequências do envolvimento em bullying	52
Perspectiva dos pais sobre as consequências de um possível envolvimento dos filhos em bullying.	53
Perspectiva dos pais sobre as consequências que o real envolvimento em bullying causou em seus filhos.	57
Indicadores de envolvimento	58
Entendimento dos pais sobre o tempo para identificação de envolvimento dos filhos	62
Envolvimento em bullying	64
Auto relato dos alunos.....	65
Relato dos pares.	65
Relato dos professores.....	66
Relato dos pais.	66
Comparativo do relato dos alunos, pares, professores e pais sobre envolvimento.	67
Explicação dos pais para o envolvimento dos filhos em bullying	69
Envolvimento em bullying no passado.	69
Envolvimento em bullying no presente.	71
Relato dos pais sobre condição de testemunha dos filhos	74
Procedimentos adotados pelos pais diante do envolvimento dos filhos em bullying .	76
Perspectiva dos pais sobre como agir diante do envolvimento do filho.	76
Procedimentos adotados pelos pais diante do real envolvimento do filho.	78

Discussão	79
Considerações finais.....	105
Referências	108
Anexo 1: Protocolo de Indicação Sociométrica.....	119
Anexo 2: Formulário de Pesquisa: Envolvimento em Bullying - Professores.....	121
Anexo 3: Formulário de Pesquisa: Envolvimento em Bullying - Pares	123
Anexo 4: Questionário de Percepção de Pais sobre Bullying	125
Anexo 5: Parecer Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos	129
Anexo 6: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais alunos	132
Anexo 7: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Alunos	133
Anexo 8: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais pares	134
Anexo 9: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pares	135
Anexo 10: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professores.....	136
Anexo 11: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais.....	137
Anexo 12: Carta pais alunos	138
Anexo 13: Carta pais pares.....	139
Anexo 14: Carta professores.....	140
Anexo 15: Carta pais.....	141

Índice de tabelas

Tabela 1: Características dos pares participantes da pesquisa	32
Tabela 2: Características dos professores participantes da pesquisa	32
Tabela 3: Quantidade de alunos identificados como “populares” e alunos escolhidos como pares para participar da pesquisa, segundo a alocação como Pa1 ou Pa2 para análise dos relatos	47
Tabela 4: Quantidade de professores identificados como “populares” e professores escolhidos para participar da pesquisa	48
Tabela 5: Consequências do envolvimento como vítima em <i>bullying</i> e sua frequência de relato pelos pais	53
Tabela 6: Consequências do envolvimento como agressor em <i>bullying</i> e sua frequência de relato pelos pais	55
Tabela 7: Características comportamentais dos agressores de <i>bullying</i> e sua frequência de relato pelos pais	57
Tabela 8: Indicadores de envolvimento em <i>bullying</i> e sua frequência de relato pelos pais	60
Tabela 9: Indicadores de envolvimento em <i>bullying</i> de acordo com a condição de vítima ou agressor segundo relato dos pais	61
Tabela 10: Comparativo da frequência, condição e tempo de envolvimento em <i>bullying</i> segundo relato dos alunos, pares, professores e pais	68
Tabela 11: Explicação dos pais segundo a crença de envolvimento ou não do filho em <i>bullying</i> no passado e a frequência de relato	71
Tabela 12: Explicação dos pais segundo a crença de envolvimento ou não do filho em <i>bullying</i> no presente e a frequência de relato	74
Tabela 13: Perspectiva dos pais sobre como agir diante do envolvimento do filho	76

Floria, M. S. (2015). “*Olhos fechados*”: *A perspectiva de pais sobre bullying*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, São Carlos, SP, 133p.

Resumo

A perspectiva de pais sobre bullying ainda é um tema pouco explorado pela literatura. Objetivou-se investigar o conhecimento de pais sobre o bullying e comparar o relato dos mesmos sobre o envolvimento dos filhos com as informações obtidas por meio dos próprios filhos, professores e pares. Oitenta alunos (6º a 8º anos) de uma escola pública do interior de São Paulo responderam a *Escala de Violência Escolar* e o *Protocolo de Indicação Sociométrica*. Quatro professores e oito pares responderam um questionário investigando o envolvimento dos alunos em situações de bullying. Trinta e nove pais (79,5% do sexo feminino, idade média de 37 anos) responderam a um questionário, estruturado de acordo com os objetivos do estudo. Os resultados indicam que a frequência de envolvimento dos alunos em bullying é superior a 40% da amostra estudada. Cerca de 13% dos pais afirmaram que os filhos estavam envolvidos em bullying, enquanto 7,5% dos professores e 17,5% dos pares relataram o mesmo. Os pais apontaram maior número de consequências para a condição de vítima. Poucos pais citaram indicadores de envolvimento de bullying, sendo que o relato do filho era o critério principal para julgar o envolvimento do mesmo. Alguns procedimentos adotados pelos pais diante do envolvimento dos filhos foram conversar com os filhos, procurar os gestores escolares e profissionais da área da saúde. Segundo o relato dos próprios pais, a maioria dos filhos estava envolvida em bullying há mais de dois anos. Mesmo com a utilização de diferentes instrumentos para avaliar o envolvimento em bullying e uso de um questionário não validado para investigar a perspectiva de pais, esse estudo ainda representa um expressivo avanço para a área. Investigações mais aprofundadas poderiam ser realizadas para avaliar a efetividade dos procedimentos adotados pelos pais diante do envolvimento do filho.

Palavras-chave: bullying, pais, perspectiva.

Floria, M. S. (2015). *“Olhos fechados”*: A perspectiva de pais sobre bullying. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, São Carlos, SP, 133p.

Abstract

The parents' perspective of bullying is still a subject little explored in the literature. This study aimed to investigate knowledge's parents about bullying and compare their own report on the involvement of children with the information obtained by means of their own children, teachers and peers. Eighty students (6 to 8 years) of a public school in São Paulo accounted School Violence Scale and Sociometric Indication Protocol. Four teachers and eight pairs answered a questionnaire investigating the involvement of students in bullying. Thirty-nine parents (79,5% female, mean age 37 years) completed a questionnaire, structured according to the study objectives. The results indicate that the frequency of involvement in bullying pupils is above 40% of the sample. About 13% of parents say that their children were involved in bullying, while 7.5% of teachers and 17.5% of couples reported the same. Parents point out more consequences for the victim status. Few parents cited bullying involvement indicators, and the son of the report was the main criterion for judging the involvement of the same. Some procedures adopted by parents on the involvement of children were talking to their children, look for school managers and health professionals. According to the account of their parents, most of the children were involved in bullying for more than two years. Even with the use of different instruments to assess involvement in bullying and use of a questionnaire not validated to investigate the perspective of parents, this study also represents a significant advance for the area. Further investigation could be carried out to evaluate the effectiveness of the procedures adopted by the parents before the child's involvement.

Keywords: bullying, parents, perspective.

Nas últimas décadas, o bullying tem ganhado bastante destaque na mídia. Por se tratar de um fenômeno que apresenta uma causalidade multideterminada (Olweus, 1993) e com consequências a curto e longo prazo (Lopes Neto, 2005; Williams, D’Affonseca, Correia & Albuquerque, 2011; Ttofi, Farrington, Lösel, & Loeber, 2011a), os pesquisadores têm direcionado expressivo enfoque para essa séria problemática.

A definição de bullying na literatura ainda é um desafio. Dan Olweus, precursor do estudo desse fenômeno, define bullying como sendo um comportamento agressivo, de natureza intencional, que ocorre repetidamente entre pares, durante um prolongado período de tempo e é caracterizado por um desequilíbrio de poder entre as pessoas envolvidas (Olweus, 1993). Há três categorias que a definição formulada por Olweus (1993) indica: intencionalidade, repetição e desequilíbrio de poder. Alguns pesquisadores (Finkelhor, Turner, & Hamby, 2012; Williams & Stelko-Pereira, 2013) têm discutido que essa definição pode acarretar alguns problemas, dificultando escolhas metodológicas em estudos da área e até mesmo a aplicação de algumas medidas de intervenção.

Duas categorias (repetição e desequilíbrio de poder) apresentam dificuldades de serem objetivamente definidas e/ou ocasionam dúvidas a respeito da inclusão de algumas situações como sendo características de bullying. O caráter repetitivo, enquanto exclui conflitos triviais entre pares, acaba também excluindo atos violentos sérios que acontecem uma única vez (Finkelhor et al., 2012). Torna-se difícil estimar e identificar o desequilíbrio de poder, sendo que, em alguns casos, ele pode não ser um critério para o fenômeno (Finkelhor et al., 2012). Além disso, a própria definição técnica do termo parece não ser usada na prática – professores e os próprios alunos parecem adotar apenas o critério de ter se envolvido em um ato de violência qualquer para relatar envolvimento em bullying, não atentando-se para a repetição e o desequilíbrio de poder (Finkelhor et al., 2012).

Olweus (1993) defende que a agressão somada ao desequilíbrio de poder pode deixar a ação mais severa, porém há situações similarmente graves de agressões entre pares que não necessariamente requerem somente esse critério, mas que ressaltam a associação com outras variáveis, como, por exemplo, o uso de arma de fogo e atitudes sexuais (Finkelhor et al., 2012). Atos violentos isolados podem ser mais severos do que o próprio bullying (Finkelhor et al., 2012; Williams & Stelko-Pereira, 2013). Embora a definição de bullying indica que ele pode ser generalizado para outros contextos, isso não acontece na prática: há uma grande ênfase ao ambiente escolar, em detrimento de outras agressões tão ou mais severas que acontecem também fora da escola, como os abusos no namoro e de irmãos (Finkelhor et al., 2012).

Como forma de solucionar essas discussões, Finkelhor et al. (2012) sugere a adoção do termo vitimização e agressão entre pares ao invés de bullying. O autor defende que essa terminologia é muito mais aberta e flexível, permitindo a inclusão de casos de agressão/vitimização que a definição adotada por Olweus (1993) acaba excluindo. Esse conceito destacaria apenas a definição de violência (intenção de machucar o próximo) e o contexto em que a relação acontece (ressaltando o tipo de relação entre os envolvidos).

Essa discussão se expande quando Stelko-Pereira e Williams (2013) ressaltam a importância do estudo da violência escolar como um todo e não apenas situações de vitimização e agressão entre pares. As autoras argumentam que a inclusão das relações entre todos os agentes envolvidos no contexto escolar (alunos, professores, funcionários e pais) torna-se imprescindível para a adoção de estratégias antibullying na escola. O bullying é influenciado também pelas interações entre as pessoas que desempenham variados papéis no contexto escolar (p.ex., qualidade da relação professor-aluno, supervisão dos alunos, comportamentos de risco dos alunos e o clima da escola).

Investigar e intervir em todas essas dimensões resultaria em uma prática mais eficaz e efetiva no combate ao fenômeno.

Ambas as argumentações apresentam-se como essenciais para a discussão da temática, já que acarretam reflexões que influenciam diretamente a investigação e atuação diante do tema. Porém, mesmo com a divergência a respeito da definição do termo, ainda é imperativa a necessidade e importância do estudo desse fenômeno. Bullying é um termo popular e encontra-se bastante difundido no meio legal e midiático, por isso, um esforço para a mudança do termo seria inútil (Finkelhor et al., 2012). Diante disso, optou-se por manter o termo “bullying” na presente pesquisa.

A literatura retrata quatro tipos de envolvimento em bullying: vítima, agressor, vítima-agressor e testemunha (Espelage & Swearer, 2003; Lopes Neto, 2005; Olweus, 2003). A vítima tem sido descrita como aquela pessoa que sofre a agressão, vista como vulnerável pelos colegas e que não possui recurso ou repertório para solucionar o conflito (Jordan & Austin, 2012; Lopes Neto, 2005). O agressor é descrito como aquele que emite um comportamento agressivo diante de um par, caracterizando-se por sua impulsividade e necessidade de dominar outras pessoas (Olweus, 1995). A vítima é caracterizada por ser mais fraca que seu agressor, indicando um desequilíbrio de poder (Olweus, 2003). A categoria de vítima-agressor indica aqueles que são vitimados e praticam atos de violência a pares (Jordan & Austin, 2012; Lopes Neto, 2005). Tendem a ser mais fracas fisicamente do que seus agressores, entretanto, mais fortes do que aqueles a que vitimizam (Olweus, 1993). A testemunha é aquela que observa os atos de agressão, que não compactua com o bullying, praticando-o; porém também não manifesta comportamentos de cessação das práticas, muitas vezes por medo de se tornarem as próximas vítimas (Lopes Neto, 2005).

Uma comparação de prevalência de bullying em 40 países com jovens de 11 a 15 anos revelou que 26% estavam envolvidos em bullying, sendo 12,6% como vítimas,

10,7% como agressores e 3,6% como vítima-agressores (Craig et al., 2009). Meninos reportaram maiores porcentagens de exposição ao bullying em todos os 40 países analisados, porém a vitimização foi maior em meninas em 29 países (Craig et al., 2009). Dados do Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o Bullying Escolar apontam que a média de envolvimento dos estudantes brasileiros é de 45% (Fante & Pedra, 2008), número bem acima dos índices mundiais apontados por Craig et al. (2009).

Uma pesquisa realizada em 25 escolas públicas e privadas distribuídas nas cinco regiões geográficas do Brasil, contando com 5168 alunos de 5ª a 8ª séries revelou que 70% da amostra relatou ter presenciado cenas de agressões entre colegas durante o ano letivo de 2009, sendo que 30% relatou vivenciar pelo menos uma situação violenta no mesmo período (Plan, 2010). A prática de bullying foi notada em 10% da amostra estudada. O critério utilizado para diferenciação de bullying e maus tratos entre pares foi a repetição das ações: episódios de agressão que ocorriam três vezes ou mais por semana eram considerados característicos de bullying. As ocorrências mais frequentes de vitimização foram relatadas na região Sudeste (15,5% dos alunos relatou envolvimento como vítima), enquanto o Nordeste apontou menor envolvimento (5,4%). A região Centro-Oeste foi a que apontou maior incidência de agressores (14%) comparativamente às outras regiões, sendo que a região Nordeste apresentou o menor número de casos (7,1%).

Em quatro estudos conduzidos em escolas do interior de São Paulo, entre 2001 e 2003, constatou-se que 49,8% dos alunos se auto relataram envolvidos em bullying, sendo 22,4% vítimas, 14,9% agressores e 12,8% vítima-agressores (Fante, 2005). Resultados similares foram relatados por Pinheiro e Williams (2009): 49% dos alunos de 6º a 9º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior de São Paulo admitiram algum envolvimento em bullying nos três meses anteriores à pesquisa. Destes, 26% foram

exclusivamente vítimas, 21% foram vítimas/agressores e 3%, considerados apenas agressores.

A frequência de casos de bullying sem nenhum tipo de intervenção pode gerar sérias consequências, uma vez que favorece a ocorrência de comportamentos que podem até mesmo se estender para a vida adulta (Cubas, 2007; Ttofi et al., 2011a). Pode-se falar em diferentes consequências dependendo do caráter de envolvimento de cada indivíduo no fenômeno bullying. Assim, vítimas poderão sofrer efeitos diferentes daqueles relatados por agressores e testemunhas.

A literatura aponta que as vítimas poderão sofrer de problemas físicos e/ou psicológicos, dependendo de suas características individuais e de suas relações com os contextos de vivência, em especial as famílias (Albuquerque, Williams, & D'Affonseca, 2013; Cubas, 2007; Lopes Neto & Saavedra, 2003). As consequências a curto prazo, muitas vezes, podem ser tidas como indicadores do envolvimento em bullying, sendo elas relativas a condição emocional, com o jovem demonstrando angústia, ansiedade e/ou depressão, com manifestações de baixa autoestima (Lopes Neto, 2005; Olweus, 1993); baixo rendimento escolar, com falta de vontade de ir à escola e baixo desempenho nas disciplinas (Plan, 2010; Olweus, 1993); além de evitar falar sobre o que está acontecendo (Lopes Neto, 2009). Em sua vida adulta, podem apresentar depressão ou problemas internalizantes (Ttofi, Farrington, Lösel, & Loeber, 2011b), como sentimentos de ineficácia social e problemas de relacionamento interpessoal (Campbell, 2004; Scholte, Engels, Overbeek, Kemp, & Haselager, 2007).

Os agressores podem se envolver mais facilmente em comportamentos antissociais e criminais (Floria, Ferro, Stelko-Pereira, & Brino, 2014; Ttofi et al., 2011b), além de outros problemas externalizantes (Ttofi et al., 2011b), adotando atitudes agressivas em diversos ambientes de convívio (Cubas, 2007; Lopes Neto & Saavedra,

2003), principalmente o familiar e trabalhista. O desenvolvimento escolar e a aprendizagem também podem ser afetados negativamente pela prática de bullying (Plan, 2010). Em longo prazo, os agressores de *bullying* têm maior probabilidade de se envolverem em casos mais graves de agressão e em atividades ilícitas, como portar arma ou utilizar drogas; envolvimento em condutas infracionais; problemas com o sistema legal; e abuso de substâncias, como tabaco e álcool (Albuquerque, Williams, & D’Affonseca, 2013; Craig & Pepler, 2003; de Matos & Gonçalves, 2009; Olweus, 2013).

Os alunos identificados como vítima-agressores podem desenvolver mais problemas emocionais do que vítimas e agressores de bullying separadamente, apresentando cinco vezes mais chance de ter sintomas depressivos do que outros estudantes (Forlim, Stelko-Pereira, & Williams, 2014). Além disso, tendem a se envolver em comportamentos de risco, como abuso de substâncias e porte de armas (Floria et al., 2014). As testemunhas de bullying, por terem contato com as contingências associadas com essa prática, podem desenvolver sentimentos negativos, como insegurança, ansiedade e medo, principalmente relacionados com o temor de tornarem-se as próximas vítimas (Lopes Neto, 2005).

Assim como em outras modalidades da violência, como, por exemplo, a doméstica, as consequências do bullying podem ser repassadas para as gerações seguintes, fenômeno conhecido por intergeracionalidade (Williams, Padovani & Brino, 2009). Indivíduos que no passado sofreram as consequências negativas da violência, e do bullying mais especificamente, podem transmitir para seus filhos, familiares e pessoas próximas esse legado (Cubas, 2007). Assim, o bullying não fecha sua cadeia de efeitos simplesmente no caráter particular de cada indivíduo. Ele pode acarretar consequências negativas associadas a cada um dos contextos de vida da pessoa, podendo, inclusive, afetar outras que frequentam esses mesmos ambientes (Mishna, Wiener, & Pepler, 2008;

Floria, 2011; Plan, 2010). Desse modo, vítimas de bullying podem levar para o ambiente familiar suas frustrações, podendo gerar conflitos entre os membros desse círculo social, que muitas vezes não reconhecem que o primeiro sofre de bullying, refletindo em disfunções no relacionamento familiar (Cubas, 2007).

Saber reconhecer vítimas e/ou agressores de bullying é essencial para que medidas de intervenção e auxílio possam ser tomadas (Bonnet, Goossens, & Schuengel, 2011). Isso garante que as consequências atreladas a esse tipo de violência sejam minimizadas, incidindo em uma provável cessação das agressões, bem como prevenção. Variados estudos têm sido conduzidos para avaliar o conhecimento de professores sobre bullying, sua identificação e intervenção (Nicolaidis, Toda, & Smith, 2002; Bauman & Del Rio, 2005; Naylor, Cowie, Cossin, de Bettencourt, & Lemme, 2006). Uma compreensão mais precisa dos conhecimentos dessa população se faz necessária para que programas de treinamento sejam melhor planejados e implementados, aumentando a probabilidade de sucesso dos mesmos (Bauman & Del Rio, 2005). Variadas pesquisas na área contribuíram com dados sobre o conhecimento e níveis de ação dos professores perante situações de bullying, analisando, inclusive, o número de intervenções realizadas pelos mesmos (Bauman & Del Rio, 2005).

Além do envolvimento dos professores em investigações sobre bullying, alguns autores apontam a importância do estudo da perspectiva de pais sobre o fenômeno (Floria, 2011; Sawyer, Mishna, Pepler, & Wiener 2011; Troop-Gordon & Gerardy, 2012; Waasdorp, Bradshaw, & Duong, 2011). Os pais são essenciais para o crescimento e desenvolvimento saudável dos filhos¹, podendo ser considerados uma condição protetiva para os efeitos negativos do bullying (Lovegrove, Bellmore, Green, Jens, & Ostrov, 2013). A forma como os pais definem e conceituam o bullying pode influenciar se e como

¹ Os termos “filho” ou “filhos” foram adotados como representativos de ambas as condições de gênero, não havendo diferenciação entre masculino e feminino.

eles respondem ao mesmo (Sawyer et al., 2011; Troop-Gordon & Gerardy, 2012), bem como ajudar no desenvolvimento de intervenções colaborativas e esforços de prevenção (Sawyer et al., 2011; Waasdorp et al., 2011). Os pais podem responder melhor sobre a vitimização de seus filhos se estiverem cientes da prevalência, natureza e consequências do bullying, bem como estratégias que diminuem o assédio dos colegas (Troop-Gordon & Gerard, 2012).

Com o objetivo de buscar pesquisas que endossem a temática da perspectiva de pais sobre bullying, foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados inscritas na CAPES: ERIC (U. S. Dept. of Education); Scopus (Elsevier); OneFile (GALE); MEDLINE (NLM); Sage Publications (CrossRef); SAGE Journals; SpringerLink; Wiley Online Library; SciVerse ScienceDirect (Elsevier); Social Sciences Citation Index (Web of Science); American Psychological Association (APA); Directory of Open Access Journals (DOAJ); e nas bases de dados PsycINFO, LILACS e Scielo. Os descritores “*bullying and parent*”, “*peer victimization and parent*” e “*school violence and parent*” e seus correlatos em português foram utilizados. Como o bullying é um fenômeno recente, sendo reconhecido e pesquisado há poucos anos, optou-se por buscar trabalhos publicados nos últimos 10 anos, período suficiente para abarcar os estudos mais importantes e atuais da área.

Identificou-se que a maioria das pesquisas foca-se em programas de prevenção (Hall, 2006; Burkhart, Knox, & Brockmyer, 2013) e os comportamentos parentais que podem estar associados com o envolvimento dos filhos em bullying (Rigby, Slee, & Martin, 2007; Kokkinos, 2013). Resultado similar foi apresentado por Sawyer et al. (2011): as pesquisas com pais têm se concentrado mais nas características familiares, tais como estilos de apego e estilos parentais que podem contribuir para a vitimização. Um pequeno número de pesquisas que abordam as preocupações dos pais, reações e

estratégias usadas para ajudar seus filhos a lidar com o bullying foi encontrado. Outros autores também discutiram o baixo número de pesquisas sobre essa temática (Cooper & Nickerson, 2013; Floria, 2011; Sawyer et al., 2011).

Notou-se também uma dificuldade na homogeneização dos descritores sobre perspectiva de pais acerca do bullying, bem como uma definição global sobre o termo. Pesquisas que incluíam o relato dos pais sobre o que esses entendiam por bullying usavam diferentes termos para explicar esse objetivo: “*belief*” (Waasdorp & Bradshaw, 2009); “*opini3n*” (del Carmen, Yuste, Lucas, & Fajardo, 2008); “*perspective*” (Sawyer et al., 2011); “*view*” (Cooper & Nickerson, 2013). As palavras-chave escolhidas para os estudos também eram variadas: “*adults’ perspectives of bullying*” (Sawyer et al., 2011); “*parents*” (Compton, Campbell, & Mergler, 2014); “*parent/child relationships*” (Waasdorp & Bradshaw, 2009); “*perceptions*” (Purcell, 2012). Por essa razão, optou-se por utilizar descritores mais gerais sobre a temática a ser pesquisada, utilizando palavras-chave que enfocassem a condi33o geral de an3lise: “*bullying*” e “*parent*” e os correlatos de bullying relatados pela literatura (“*school violence*” e “*peer victimization*”).

Alguns estudos que apontavam pesquisar a perspectiva de pais sobre bullying (Holt, Kantor & Finkelhor, 2009; Humphrey & Crisp, 2008), investigavam tamb3m outras vari3veis, muitas vezes associando-as 3 primeira (p.ex., concord3ncia de relato pai-filho, procedimentos adotados pelos pais diante de envolvimento, relato de experi3ncia). Essa condi33o dificultou o acesso a informa33es relativas somente ao entendimento de pais sobre bullying, o que ressalta mais uma vez a escassez de pesquisas nessa 3rea.

As inconsist3ncias apontadas anteriormente dificultam o levantamento de estudos da 3rea. Como a perspectiva de pais sobre bullying 3 um tema relativamente novo na literatura, salienta-se a necessidade de uma uniformiza33o do termo, bem como uma descri33o sobre o que estudos dessa 3rea pretendem investigar. O dicion3rio Aur3lio

aponta que a palavra “perspectiva” é descrita como sendo um “panorama; (...) aspecto sob o qual uma coisa se apresenta; ponto de vista” (Ferreira, 1995, p. 500). De acordo com essa descrição, propõe-se que o termo “perspectiva de pais” seja utilizado quando o objetivo for conhecer a opinião/visão de pais sobre bullying: o que entendem sobre bullying (definição); consequências; indicadores de envolvimento; e tempo decorrido para detecção do envolvimento do filho por parte dos pais, quais procedimentos acreditam que os pais deveriam tomar diante do envolvimento do filho e se acreditam que o filho encontra-se envolvido em bullying.

É importante destacar que os procedimentos adotados pelos pais englobados na perspectiva dos mesmos estão sendo entendidas como a crença dos pais sobre tal assunto (quando não necessariamente a agressão foi detectada) e não ao que realmente fizeram quando da identificação do envolvimento do filho. Nesse último caso, tratar-se-ia do termo “procedimentos adotados pelos pais”: um relato da experiência dos pais sobre a postura dos mesmos diante do envolvimento de seus filhos, bem como a efetividade das medidas de auxílio tomadas para sanar as dificuldades de conflito desses.

A decisão de alocar o relato do pai sobre envolvimento do filho em bullying como descrição do termo “perspectiva” é embasada na concepção de que não há um termo específico para tal análise. Sawyer et al. (2011) utilizaram o termo “*adults' perspectives of bullying*” como uma das palavras-chave de sua pesquisa, configurando uma possibilidade de adoção de tal termo pela literatura internacional.

O termo “concordância de relato”, já adotado por muitos estudos (Holt et al., 2009; Ladd & Kochenderfer-Ladd, 2002), trata-se da comparação da opinião de pais sobre o envolvimento ou não do filho em situações de bullying, com o relato do próprio filho. Em casos em que não se pretende comparar ambos os relatos, mas apenas analisar o relato do pai sobre envolvimento do filho, propõe-se como melhor descritor o termo “perspectiva”.

A partir da definição acima proposta, uma revisão da literatura foi preparada. O objetivo era comentar os estudos acerca da perspectiva dos pais sobre bullying e violência escolar e os procedimentos adotados pelos mesmos diante do envolvimento do filho. Para tanto, somente os artigos que relatam pesquisas sobre esses temas foram selecionados no levantamento bibliográfico realizado nas bases de dados cadastradas no Periódico da CAPES, PsycINFO, LILACS e Scielo especificados anteriormente.

Foram excluídos estudos que associavam a perspectiva de pais com alguma condição do filho, como, por exemplo, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtornos de Humor. Estudos citados nos artigos selecionados e que eram representativos da mesma periodicidade de tempo pesquisada também foram analisados. Estudos que apresentavam como um dos objetivos a investigação da perspectiva de pais sobre bullying que não foram encontrados pela pesquisa realizada, mas que eram de conhecimento da autora da presente pesquisa também foram incorporados aos artigos encontrados: a monografia desenvolvida por Flória (2011) e o estudo Plan (2010).

Ao todo, foram analisados 14 estudos. Notou-se uma diferença nas temáticas analisadas nos estudos encontrados. Há estudos que enfocam o bullying (p.ex., Purcell, 2012), outros a violência escolar como um todo (p.ex., del Carmen et al., 2008) e outros ainda que fazem um recorte específico sobre a agressão relacional, um dos tipos de bullying (p.ex., Waasdorp & Bradshaw, 2009). Divergências de resultados entre pesquisas podem estar relacionados ao diferente enfoque de cada estudo, por isso é de suma importância que os autores tenham um cuidado na definição de cada um dos fenômenos analisados, tanto no relato de pesquisa quanto para os próprios participantes da pesquisa durante a coleta de dados. Além disso, a comparação desses resultados deve ser feita com cautela, primando sempre a diferenciação desses fenômenos. Objetivando

esse cuidado, a revisão aqui proposta sempre destacará o fenômeno analisado em cada pesquisa (violência escolar, bullying ou agressão relacional).

Concepção dos pais sobre bullying

Quatro estudos (Compton et al., 2014; Floria, 2011; Humphrey & Crisp, 2008; Sawyer et al., 2011) investigaram a compreensão dos pais sobre o termo bullying. Nota-se uma divergência entre os estudos analisados, sendo que em alguns deles os pais conseguiram definir o bullying de forma similar ao que é apontado pela literatura, porém nem sempre abarcando as três categorias que são apontadas (Olweus, 1993): (1) a intencionalidade da agressão; (2) a prolongação do tempo do ato; e (3) o desequilíbrio de poder físico, psicológico ou social dos envolvidos.

A partir da entrevista a quatro pais australianos de crianças que tinham de quatro a cinco anos quando sofreram bullying, Humphrey e Crisp (2008) investigaram quais os sentimentos e atitudes que esses pais tomaram quando identificaram o envolvimento do filho. Os autores notaram que os pais apontavam a questão do desequilíbrio de poder como definidora do bullying, destacando o uso de poder contra outros em conjunção com uma manipulação física e verbal. No entanto, nenhum dos pais destacou a importância da intencionalidade do ato e a repetição como condições definidoras do fenômeno.

Compton et al. (2014) apresentam resultados similares ao realizarem grupos focais com 12 pais australianos, objetivando o entendimento dos mesmos sobre a motivação para o bullying e cyberbullying e posterior comparação com os dados coletados com professores e alunos. Os pesquisadores notaram que os pais apresentaram uma concordância a respeito do desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas em situações de bullying, mas manifestaram dúvida se a intencionalidade do ato e a repetição eram características que definiriam o fenômeno.

No estudo conduzido por Flória (2011), foram entrevistados 20 pais brasileiros, de alunos que cursavam a 6ª e 7ª séries de uma escola particular, objetivando entender a perspectiva dos mesmos sobre bullying. Eles usaram termos explicativos de exemplos de agressões de bullying como forma de defini-lo. Apenas uma mãe apresentou preocupação em relação a repetição dos atos como uma condição característica do fenômeno e a intencionalidade do agressor em machucar a vítima. Essa mesma mãe, juntamente com outra, apresentou também a noção do desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas, explicando a condição de vulnerabilidade da vítima, que é aproveitada pelo agressor.

Similarmente a Flória (2011), Sawyer et al. (2011) também realizaram uma entrevista semiestruturada com 20 pais de alunos canadenses da 4ª e 5ª série que se auto relataram vítimas de bullying, objetivando compreender a perspectiva dos mesmos sobre bullying. Os participantes desse estudo também incluíram exemplos de bullying como definidores do termo, destacando o desequilíbrio de poder e a intencionalidade de ferir como condições inerentes ao bullying. Porém, nenhum pai mencionou o caráter repetitivo das agressões em sua concepção sobre o fenômeno.

Características da prática do bullying

Algumas pesquisas avançaram na investigação, apresentando a perspectiva de pais sobre alguns condicionantes do bullying. Pesquisadores realizaram grupos focais com alunos, pais, professores e equipe técnica de escolas públicas e privadas das regiões geográficas do Brasil objetivando entender a perspectiva sobre as causas e estratégias de enfrentamento aos maus tratos e ao bullying no ambiente escolar (Plan, 2010). Para os 14 pais/responsáveis participantes dos dois grupos focais realizados, o modo mais frequente de maus tratos entre alunos é a agressão verbal por meio de apelidos e xingamentos (Plan, 2010).

De acordo com esses pais há fatores escolares, familiares, individuais e culturais que explicam a ocorrência de maus tratos e bullying nas escolas (Plan, 2010). Em relação ao contexto escolar, os pais apontaram a falta de hierarquia e autoridade de professores e funcionários, o que acarreta em excesso de liberdade e impunidade dos agressores. A negligência familiar e o desejo de popularidade e aceitação no grupo social aparecem também como fatores propulsores do bullying. Na visão desses participantes, pais negligentes tendem a ter filhos agressivos na escola. Além disso, os comportamentos agressivos apresentariam potencial função de busca por atenção dos próprios pais, professores e colegas. Ainda, segundo os participantes, a mídia é citada por banalizar a violência, tornando justificáveis os comportamentos agressivos nas interações sociais.

Na pesquisa de Compton et al. (2014) os pais mencionaram que o bullying tradicional pode ocorrer em uma variedade de formas (verbal, físico e psicológico) e que a maior motivação para um aluno se envolver nessas práticas são as diferenças que o agressor vê em sua vítima (etnia, peso, orientação sexual e habilidade acadêmica). Os pais participantes da pesquisa Plan (2010) também citam a vulnerabilidade como fator propulsor do bullying e característico do perfil da vítima. Potenciais vítimas apresentariam diferenças físicas ou comportamentais em relação aos agressores, dificultando sua aceitação pelo grupo (Plan, 2010). Em relação ao agressor, a necessidade e o desejo de discriminar o outro representariam o perfil do agressor (Plan, 2010).

Em relação ao cyberbullying, a maior motivação, citada pelos pais, que os alunos apresentam para o envolvimento é o anonimato, seguido de um desejo de autopreservação (Compton et al., 2014). Uma explicação é que há menores probabilidades de retaliações e punições, por ser mais difícil a descoberta dos responsáveis pela prática (Compton et al., 2014).

A diferenciação de gêneros dos alunos no caráter de envolvimento da agressão também foi abordada por pais em algumas pesquisas (Waasdorp & Bradshaw, 2009; Sawyer et al., 2011). Waasdorp e Bradshaw investigaram como uma amostra predominantemente afro-americana de 54 pais e filhos (estudantes 4ª e 5ª séries de uma escola localizada em uma região de baixa-renda) percebem e lidam com a agressão relacional entre amigos próximos. Segundo os próprios autores do estudo, a agressão relacional é um comportamento que tem a intenção de prejudicar outra pessoa através de meios não-físicos, como a manipulação, danos aos relacionamentos e gestos hostis. De acordo com Jordan e Austin (2012), esse comportamento é um tipo de bullying. Sawyer et al. (2011) estudaram o bullying em geral, não indicando nenhuma diferenciação entre os tipos de bullying durante a entrevista com os pais.

Dentre os achados da pesquisa de Waasdorp e Bradshaw (2009), os autores apontaram que os pais acreditavam que os comportamentos relacionais entre meninas tendiam a ser de natureza verbal enquanto os comportamentos entre meninos tendiam a ser de natureza física. Sawyer et al. (2011) encontraram que os pais acreditavam que os meninos participavam mais ativamente do bullying físico e meninas do bullying relacional. Apesar dessa diferenciação, a maioria dos pais participantes da pesquisa de Waasdorp e Bradshaw acreditava que os comportamentos de agressão relacional eram comuns em amigos, ocorrendo igualmente entre meninos e meninas.

Cooper e Nickerson (2013) realizaram uma pesquisa com 260 pais de alunos da 5ª a 8ª séries duas escolas de um distrito dos Estados Unidos que já tinha uma iniciativa antibullying. A partir da aplicação de questionários enviados pela internet, analisaram a recordação de pais sobre o seu próprio envolvimento em bullying na infância/adolescência. Buscaram entender também se havia diferenças de relato sobre preocupações e atitudes em relação ao bullying com seus filhos entre aqueles que haviam

ou não sofrido bullying quando jovens. O tipo de bullying mais preocupante relatado pelos pais foi o verbal, seguido pelo relacional. O mínimo de preocupação foi indicado para o cyberbullying e o bullying físico. Segundo os autores, uma possível explicação para tal ocorrência é que o bullying físico, por ser mais fácil de ser identificado, não necessita de muita atenção, ao contrário do bullying relacional. Pelo fato do cyberbullying ser um fenômeno recente, os pais podem ainda manifestar desconhecimento sobre a prática, abrindo espaço para uma preocupação menor sobre a mesma (Cooper & Nickerson, 2013).

Participantes homens e/ou participantes que tinham uma maior história de envolvimento em bullying indicaram mais visões pró-sociais em relação ao bullying. Uma possível explicação para isso é que esses participantes podem ter superado os episódios ou não perceberem um impacto negativo considerável dos mesmos, entendendo que o bullying é um problema que pode ser resolvido facilmente (Cooper & Nickerson, 2013). Participantes do sexo feminino e/ou participantes com menor histórico de experiência com bullying reportaram mais visões negativas associadas ao bullying. Esses participantes podem identificar que o bullying é um problema difícil de resolver, o que resultaria em percepções mais negativas (Cooper & Nickerson).

Consequências do envolvimento em bullying

Poucas pesquisas investigaram a perspectiva de pais sobre as consequências do envolvimento em bullying. Waasdorp e Bradshaw (2009) fizeram uma comparação da visão dos pais e de seus filhos sobre a nocividade das agressões relacionais. Pela metodologia da análise e pela escolha do relato comparativo, houve uma dificuldade em acessar a perspectiva dos pais por si só. Os dados sugerem uma discordância expressiva entre essas duas populações sobre a percepção do dano associado às diferentes formas de

agressão. A discrepância mais expressiva foi entre os meninos e seus pais: os filhos tendem a perceber os comportamentos agressivos como menos prejudiciais do que seus pais. No entanto, as meninas e seus pais não diferiram significativamente em seus relatos de danos percebidos associados com as três formas de agressão (relacional, física e verbal).

Sawyer et al. (2011) identificaram que a maioria dos pais que já tinha conhecimento do envolvimento do filho em bullying conseguiu elencar consequências negativas da vitimização. Muitos pais disseram que os filhos evitaram a escola como efeito da vitimização e outros descreveram consequências psicológicas e emocionais associadas, como depressão e ansiedade.

Indicadores de envolvimento em bullying

Na pesquisa realizada por Waasdorp e Bradshaw (2009), os pais acreditavam que seus filhos iriam procurá-los para pedir apoio. No entanto, a partir da análise do relato dos filhos, observou-se que as meninas tenderiam a procurar seus professores e, os meninos, o apoio de outros adultos se fossem uma vítima de uma agressão relacional (Waasdorp & Bradshaw). Holt et al. (2009) apontam que nem sempre as crianças contam aos pais o que acontece na escola – 61% da amostra estudada não havia relatado aos pais que era vítima de bullying. Tais resultados e o conhecimento de que os pais são agentes essenciais na prevenção e intervenção de bullying (Lovegrove et al., 2013) ressaltam a importância da adoção de outras estratégias parentais para a identificação de casos de bullying, que não apenas o relato do filho.

Uma dessas estratégias é a identificação, por parte dos pais, de indicadores de envolvimento do filho em bullying (Beane, 2010; Olweus, 1993). Porém apenas um estudo, dentre os analisados na revisão, investigou se os pais conseguiam elencar

indicadores comportamentais de envolvimento em bullying. Floria (2011) constatou que a maioria dos pais era capaz de identificar sinais comportamentais que poderiam indicar um possível envolvimento do filho em situações de bullying (como vítima e/ou agressor). A categoria de vítima foi a que apresentou maior enfoque pelos pais, sendo que a maioria dos indicadores apontados referiam-se a esse tipo de envolvimento. Como destacado pela própria autora, isso pode ser explicado pelo fato da condição de vítima receber mais destaque socialmente, com maior ênfase às consequências desse tipo de envolvimento.

Identificação do envolvimento do filho em bullying

Apesar das pesquisas indicarem que os pais apresentam um conhecimento sobre a definição de bullying, crenças sobre a diferenciação de gêneros, indicadores e consequências do envolvimento, alguns estudos apontam que os pais relataram dificuldade em determinar se as interações dos filhos são comuns da idade ou se representam práticas de bullying. Frente aos estudos analisados, Mishna et al. (2008), Floria (2011) e Purcell (2012) discutiram que alguns de seus participantes relataram essa dificuldade.

Purcell (2012) entrevistou oito crianças, suas respectivas mães e dois professores para entender quais eram as visões das crianças sobre bullying e suas experiências, bem como quais eram as visões e experiências dos adultos (pais e professores), que cercavam essas crianças, em relação ao bullying. Segundo os pais dessa pesquisa, o fenômeno possui uma natureza complexa, o que dificulta o julgamento das interações entre pares como características ou não de bullying.

A questão de não saber diferenciar o bullying das brincadeiras naturais da idade pode estar relacionada com a dificuldade de identificação, por parte dos pais, do envolvimento de seus filhos no fenômeno. Quando questionados sobre o envolvimento

dos filhos em bullying e violência escolar, nas pesquisas analisadas a maioria dos pais acreditava que os mesmos não estavam envolvidos como autor ou vítima (del Carmem et al., 2008; Holt et al., 2009; Flória, 2011).

Mishna et al. (2008) entrevistaram 18 crianças (4ª e 5ª série que se auto relataram vítimas de bullying), 20 pais (em dois casos ambos os pais foram entrevistados), 13 professores, dois vice-diretores e quatro diretores visando investigar a perspectiva dos mesmos sobre bullying. Mishna et al. e Sawyer et al. (2011) relataram que metade dos adultos (pais e/ou professores) entrevistados não sabiam do envolvimento da criança como vítima de bullying. No estudo de Flória, dentre os pais que não conseguiram identificar corretamente o envolvimento de seus filhos, observou-se que o tempo médio de envolvimento desses já ultrapassava, na maioria dos casos, um ano, sendo a maioria na condição de vítima.

Del Carmem et al. (2008) aplicaram um questionário sobre fatores preditores da violência escolar a 414 pais, buscando entender a opinião dos mesmos sobre questões da violência escolar: origem, situação atual, o papel que desempenham seus próprios filhos (agressores, vítimas e observadores), e quem consideram necessário participar de intervenções para eliminar esses tipos de conduta. A maioria dos pais não acreditava que o próprio filho estivesse envolvido em violência escolar, porém acreditavam que a frequência de envolvimento como testemunha era “regular” (del Carmem et al., 2008, p. 43). Similarmente, Sawyer et al. (2011) encontraram que mais da metade dos pais relatou que os filhos já tinham se referido a testemunhos de episódios de bullying.

Entender a perspectiva dos pais sobre tal condição de envolvimento pode auxiliar os pesquisadores a entenderem melhor a postura dos pais diante do envolvimento dos próprios filhos em bullying. O relato da condição de testemunha pode indicar aos pais que o fenômeno é frequente no ambiente escolar do filho. No entanto, os pais parecem

não fazer uso de tal dado para julgar o envolvimento dos próprios filhos. Uma vez que apresentam dificuldade para identificar o envolvimento dos mesmos, pode-se hipotetizar que os pais apresentam uma postura passiva diante do relato dos filhos, apenas escutando e não propondo questionamentos sobre seus comportamentos.

Procedimentos adotados pelos pais diante do envolvimento do filho em bullying

A partir da identificação de casos de jovens envolvidos em bullying, espera-se que a rede de suporte, principalmente escola e família, tomem medidas para intervir e auxiliar todos os envolvidos. Alguns autores têm buscado entender a perspectiva de pais sobre as medidas de auxílio que julgam efetivas para a intervenção do bullying. Os pais participantes da pesquisa de del Carmem et al. (2008) acreditavam ser necessária uma intervenção entre docentes e pais para eliminar a conduta de violência escolar, sendo mais importante sua própria intervenção do que a dos docentes somente.

Propondo-se a analisar a perspectiva de pais sobre bullying, a concordância pais-filhos sobre envolvimento e as características familiares associadas com o envolvimento dos filhos como agressores e vítimas de bullying, Holt et al. (2009) aplicaram questionários a 205 estudantes americanos da 5ª série e seus respectivos pais. A maioria dos pais (81%) acreditava que a escola deveria dar mais atenção ao bullying, no entanto um terço do total da amostra analisada afirmou que os pais não deveriam trabalhar em conjunto com a escola para prevenir/intervir sobre o fenômeno. Como apontado pelos mesmos autores, esses resultados ressaltam a importância da escola orientar os pais sobre a utilidade e viabilidade de inclui-los nos esforços de intervenção sobre o bullying.

Os dados coletados na pesquisa realizada por Plan (2010) evidenciam a percepção crítica dos pais em relação à atuação da escola frente ao bullying. Para eles, as escolas não apresentam nenhum tipo de iniciativa que vise eliminar ou prevenir a violência

escolar, sendo que os próprios professores não têm preparo para lidar com essa problemática. Segundo a visão dos pais, muitas vezes os agentes escolares acabam se omitindo diante dos maus tratos presenciados no contexto escolar ou transferem para os pais a responsabilidade da solução dos conflitos. Algumas sugestões a serem adotadas pelas escolas foram apontadas por eles: punições mais rígidas aos agressores (p.ex., suspensão ou expulsão da escola) a fim de prevenir ações violentas no futuro; e políticas de segurança dentro da escola, como forma de evitar brincadeiras agressivas que poderiam incitar a violência e levar ao desenvolvimento de bullying.

Em variados estudos, a medida de auxílio frequentemente indicada por pais é conversar com o filho (Floria, 2011; Holt et al., 2009; Purcell, 2012; Sawyer et al., 2011; Waasdorp et al., 2011). Alguns pais relataram que costumam orientar os filhos a procurar um adulto no momento da agressão, ignorando o comportamento do agressor, não retaliando (Holt et al.; Sawyer et al.). No entanto, outros pais ressaltaram a importância da retaliação, caso a criança não conseguisse se defender de outras maneiras (Cooper & Nickerson, 2013; Purcell; Sawyer et al.).

Outra estratégia adotada pelos pais é promover comportamentos pró-sociais aos filhos, aumentando sua rede de amigos (Floria, 2011; Sawyer et al., 2011). A procura pela escola também mostrou-se como uma medida bastante citada pelos pais em pesquisas (Brown et al., 2012; Cooper & Nickerson, 2013; Floria; Holt et al., 2009; Purcell, 2012; Waasdorp et al., 2011). Alguns pais também ressaltaram a importância da procura de profissionais, como psicólogos, para o auxílio do filho (Floria; Holt et al.) e da própria família, para que possa conseguir lidar com o problema (Floria).

A partir da entrevista a onze pais norte-americanos, Brown, Aalsma e Ott (2012) verificaram que os mesmos apresentaram dificuldades quando precisaram acionar a escola diante do envolvimento do filho em bullying. Os pais tendiam a procurar a direção

escolar quando notavam que o esforço inicial de ajudar os filhos a enfrentar a situação, a partir de intervenções realizadas em casa, não havia surtido resultados satisfatórios. Dúvidas sobre qual agente escolar deveria atendê-los diante da queixa; intervenções ineficazes quando o atendimento era realizado por funcionários da escola que não o diretor; e a continuidade do bullying mesmo depois de reportarem os acontecimentos à escola foram alguns dos dados discutidos pelos participantes. Diante da continuidade da problemática, os pais que tinham mais recursos tomaram a medida de mudar seus filhos de escola.

Holt et al. (2009) avançaram na discussão ao diferenciar o que os pais apontavam como estratégia de resposta ao bullying para os casos em que suspeitavam de vitimização e para os casos em que suspeitavam que o filho agredia outros colegas. Algumas medidas foram citadas em ambas as condições, como conversar com o filho e com a escola e levá-lo a profissionais. Quando os pais suspeitavam da vitimização do filho, relataram também conversar com o pai da outra criança envolvida, aconselhar o filho a se defender, a como evitar as provocações e a não revidar as agressões. Em relação à suspeita do filho agredir outras crianças foi relatado também que disseram para o filho parar de provocar outras crianças. Além disso, alguns pais relataram ter punido os próprios filhos pela agressão disferida a pares.

Por meio de um questionário online aplicado a 773 pais de estudantes que relataram serem vítimas de bullying, Waasdorp et al. (2011) identificaram que a percepção dos pais sobre a adequação de diferentes estratégias de intervenção em relação à vitimização do filho pode estar condicionada a diversos fatores externos, como idade e gênero dos filhos, forma de vitimização (física, verbal e/ou relacional), e percepções sobre o ambiente escolar do filho. Também observaram que pais de crianças menores são mais

propensos a intervir na vitimização do que pais de crianças maiores de idade (Waasdorp et al.).

Troop-Gordon e Gerardy (2012), ao aplicarem questionários em 190 crianças e seus respectivos pais e professores, verificaram que as crenças dos pais relacionadas à vitimização entre pares podem ser a base dos comportamentos que os mesmos emitem diante do envolvimento do próprio filho. Crenças de normatização (achar que bullying é um acontecimento normal da infância), de evitação (ignorar ou se afastar de agressores e situações agressivas como meio mais eficaz de lidar com o bullying) e de assertividade (encorajar a criança a “levantar-se” após uma agressão, não se mostrando vulnerável para agressões futuras) podem mediar as estratégias de enfrentamento eleitas pelos pais (Troop-Gordon & Gerardy).

A configuração da procura pela escola é dependente da percepção dos pais. Eles são mais propensos em contatar os agentes escolares quando percebem o clima escolar como negativo e quando a forma de vitimização é percebida como mais grave (p.ex., ameaças verbais públicas ou agressão física) (Waasdorp et al., 2011).

Cooper e Nickerson (2013) notaram que os pais que sofreram ou presenciaram bullying na infância/adolescência eram mais aptos a responder ao bullying de seu filho (conversas e sugestões para enfrentamento, aumento da fiscalização em áreas não-estruturadas e contato com a escola) quando comparados com pais que não relataram envolvimento em bullying quando criança. Como já pontuado anteriormente, o envolvimento dos pais com bullying no passado pode ter contribuído para uma percepção menos negativa sobre o fenômeno, entendendo que pode ser facilmente resolvido.

Análise e lacunas dos estudos encontrados

Como pontuado anteriormente, a partir da análise dos artigos encontrados, pôde-se notar a pequena quantidade de pesquisas que se dedicam a estudar a perspectiva de pais sobre bullying. Quatorze estudos foram analisados pautando-se nos critérios descritos para definição dos termos “perspectiva de pais” e “procedimentos adotados pelos pais”. Todos eles foram realizados entre 2008 e 2014, o que sugere quão recente é o interesse dos pesquisadores por essa área.

Uma análise desses estudos permitiu identificar que seis estudos optaram pelo uso de questionários (Cooper & Nickerson, 2013; del Carmem et al., 2008; Holt et al., 2009; Troop-Gordon & Gerardy, 2012; Waasdorp & Bradshaw, 2009; Waasdorp et al., 2011;), outros pelo formato de entrevista (Brown et al., 2012; Humphrey & Crisp, 2008; Floria, 2011; Mishna et al., 2008; Sawyer et al., 2011; Purcell, 2012) e dois estudos optaram pelo método de grupos focais (Compton et al., 2014; Plan, 2010), em que um moderador coordena discussões informais com diferentes grupos de participantes sobre os temas propostos na pesquisa. Nota-se que aqueles que optaram pelo uso de questionários como forma de coleta de dados também tinham um número maior de participantes, ao passo que os estudos que utilizaram entrevistas e grupos focais tinham no máximo 35. Esse fato sugere que a escolha do uso de questionário pode apresentar contribuições importantes para a abrangência de uma grande amostragem, podendo facilitar a generalização dos dados.

Os questionários usados nas pesquisas analisadas eram compostos, em sua maioria, por questões fechadas. Esse tipo de questão é útil quando as dimensões das variáveis estudadas estão bem definidas (Cozby, 2003). Como a perspectiva de pais sobre bullying ainda é um aspecto pouco estudado, questões abertas também são úteis, já que permitem que o pesquisador compreenda como as pessoas pensam e percebem

naturalmente seu mundo (Cozby). As entrevistas adotadas nos estudos analisados primaram por tal tipo de abordagem, contribuindo ainda mais para a compreensão global sobre o tema. Por serem estudos pioneiros na área, nem sempre os questionários e/ou entrevistas utilizados tinham semelhanças entre si ou eram validados. Tal condição não anula o mérito de cada estudo por contribuições relevantes para o avanço da literatura, já que a perspectiva de pais sobre bullying ainda é um aspecto incipiente.

Os estudos que optaram pelo uso de entrevistas e grupos focais utilizaram métodos qualitativos para análise dos dados (Brown et al., 2012; Compton et al., 2014; Humphrey & Crisp, 2008; Mishna et. al., 2008; Sawyer et al., 2011; Floria, 2011; Plan, 2010; Purcell, 2012). O restante dos estudos teve seus dados analisados quantitativamente. Ambos os métodos de análise apresentam subsídios para incrementar os conhecimentos de um dado assunto, não devendo ser classificados como melhor ou pior (Minayo, 2004). No entanto, Mishna et al. fazem uma discussão apontando que o método qualitativo é ideal para pesquisas que pretendem explorar com maior profundidade múltiplas perspectivas e processos. Assim, análises qualitativas e quantitativas poderiam ser somadas e, se possível, apresentadas em um mesmo estudo, contribuindo para um melhor entendimento da temática estudada.

Mesmo sendo realizados em contextos e com metodologias similares, alguns estudos apresentaram dados não consistentes entre si. Ademais, muitas pesquisas apresentaram limitações que dificultam a generalização dos dados. Como já pontuado anteriormente, em relação à amostra da pesquisa, os próprios autores das pesquisas discutiram que tinham poucos participantes (Compton et al., 2014; Humphrey & Crisp, 2008; Purcell, 2012), além de serem realizados em somente uma escola (Floria, 2011; Holt et al., 2009; Waasdorp et al. 2011). Uma problemática muito presente em estudos com pais é a seletividade da amostra: pais que optam por participar voluntariamente da

pesquisa podem ser mais sensíveis aos filhos ou aos objetivos específicos da pesquisa, tendenciando os resultados do estudo (Brown et al., 2012; Waasdorp et al.) e dificultando o entendimento da população como um todo.

Nenhuma das pesquisas buscou investigar, ao mesmo tempo, a perspectiva de pais sobre as quatro condições de envolvimento em bullying elencadas pela literatura (vítima, agressor, vítima-agressor e testemunha). Alguns estudos detiveram-se na pesquisa de apenas uma ou duas condições de envolvimento em bullying (vítima e/ou autor) (Brown et al., 2012; Holt et al., 2009; Sawyer et al., 2011). A apresentação de somente duas condições (vítima e agressor) pode gerar no pai um entendimento de que ambas as categorias são excludentes entre si e que, se seu filho estiver envolvido em uma delas, não é possível o envolvimento na outra condição.

Essa problemática acaba por indicar vieses consideráveis na literatura da área, já que os pais podem ter sido influenciados por tal crença quando da indicação do envolvimento do filho. Visto que cada uma das categorias de envolvimento possui características distintas (Olweus, 1993), compreender a visão dos pais sobre o envolvimento dos filhos em cada uma dessas condições expande o conhecimento sobre quais delas apresentam maior facilidade de identificação. Além disso, indicaria quais categorias tenderiam a ter maior enfoque em programas de educação para pais sobre bullying.

Estudos futuros deveriam primar para consolidação de metodologias similares, buscando investigar primeiramente se os pais acreditam que os filhos estão envolvidos em bullying. Dada questão proporcionaria um entendimento primário sobre a crença geral dos pais sobre o assunto (envolvimento ou não em bullying). Para um entendimento mais apurado da visão dos pais, caso os pais afirmassem que acreditam no envolvimento do filho, as três categorias de envolvimento (vítima, agressor e vítima-agressor) poderiam

ser, então, apresentadas, pedindo a indicação sobre o tipo de envolvimento do filho. Essa condição, atrelada a explicação de cada uma dessas categorias, garantiria que os pais entendessem que há a opção de seu filho ser vítima e autor de bullying ao mesmo tempo, não sendo categorias excludentes entre si.

A maioria das pesquisas foi idealizada em contexto internacional, principalmente em centros de estudos dos Estados Unidos (Brown et al., 2012; Holt et al., 2009; Cooper & Nickerson, 2013), o que dificulta a generalização para o contexto brasileiro. Miller (1999) ressalta a importância da incorporação da visão cultural nas teorias psicológicas. Segundo Cozby (2003), as definições operacionais dos construtos estudados baseiam-se num significado cultural particular. Com o bullying não é diferente: Smorti, Menesini e Smith (2003) apontaram que esse possui diferentes termos explicativos entre os países estudados. Resultados podem mostrar-se distintos entre culturas, justamente, pelas diferenças estruturais e sociais de cada uma delas. Assim, um cuidado maior deve ser dado para comparações entre culturas dos resultados sobre prevalência de bullying, por exemplo (Smorti et al.).

Poucas pesquisas foram realizadas em âmbito nacional (Floria, 2011; Plan, 2010). As informações descritas no relatório Plan (2010) apontam a visão de um pequeno número de pais sobre as medidas adotadas pelas escolas em relação aos maus tratos entre pares e bullying. Esses dados contribuem grandemente para o melhor entendimento e análise das políticas de combate à violência escolar. No entanto, ele não se propôs a abordar o entendimento das perspectivas dos pais sobre o bullying e suas próprias ações em relação ao mesmo. Tal fato pode indicar que a pesquisa de Floria (2011) é a única realizada a nível nacional que objetivou estudar a perspectiva dos pais sobre bullying. Como apontado pela própria autora, esse estudo apresentou limitações que devem ser consideradas em pesquisas futuras.

A amostra selecionada para sua pesquisa apresentava características que não correspondem à maioria da população brasileira, uma vez que os dados foram coletados em uma escola particular de um município de pequeno porte. O caráter participativo dos pais no contexto escolar do filho, inclusive incentivado pela escola em questão, pode ter contribuído para os resultados encontrados.

Além disso, o relato do pai sobre o envolvimento do filho em situações de bullying foi comparado somente ao relato desse último. A literatura demonstra que uma medida multi-informativa (p. ex., pais, professores, pares e alunos) produz uma melhor estimativa do ajustamento relacional do que uma medida singular (Ladd & Kochenderfer-Ladd, 2002). A simples comparação qualitativa entre os relatos de pais e filhos pode indicar vieses importantes, necessitando-se, assim, acessar relatos de professores e pares, a fim de resultar em conclusões mais válidas. Como exemplo, os relatos de professores e pares poderiam indicar informações mais precisas sobre o tempo de envolvimento em bullying de cada participante, podendo incidir em comparações mais realistas e válidas cientificamente.

Por mais que as limitações sejam consideráveis nas pesquisas apresentadas, ainda assim constituem um avanço para a literatura, já que poucos estudos foram realizados na área. Mesmo assim, ressaltam a importância de que mais pesquisas sejam realizadas e aprimoradas, para uma melhor compreensão sobre a população estudada. Desse modo, a presente pesquisa foi elaborada, visando preencher essas lacunas encontradas na literatura e obter um melhor entendimento sobre a perspectiva de pais acerca do bullying, em uma escola pública brasileira. Relatos sobre o envolvimento em bullying coletados com os próprios alunos, pares e professores também foram acessados como forma de comparação com o relato dos pais, oferecendo um suporte para as discussões dos conhecimentos sobre bullying dessa população.

Dessa forma, os objetivos dessa pesquisa foram: (a) descrever e analisar o entendimento de pais sobre o bullying, investigando-se seus conhecimentos sobre o significado do termo, consequências, identificação do envolvimento dos filhos, tempo de envolvimento dos mesmos e procedimentos adotados diante do envolvimento; (b) investigar a frequência de situações de bullying vivenciadas pelos alunos participantes, de acordo com o relato dos mesmos, dos pares e professores; e (c) comparar o relato dos pais sobre o envolvimento do filho em bullying com as informações obtidas por meio dos próprios filhos, professores e pares como forma de análise de seus conhecimentos.

Método

Participantes

Participaram do estudo 80 alunos, matriculados entre 6º e 8º anos do Ensino Fundamental, de uma escola pública estadual, de um município localizado no interior do estado de São Paulo. A idade dos alunos variou de 10 a 16 anos ($M= 11,93$, $DP = 1,41$), sendo 59% ($N=47$) do sexo feminino. A faixa etária selecionada deve-se ao fato de que a literatura nacional aponta ser esta a mais envolvida em situações de bullying (Lopes Neto & Saavedra, 2003; Plan, 2010).

Participaram também dois alunos, dentre os 80 acima citados, de cada sala de aula selecionada, na condição de “pares”, totalizando oito alunos. Esses alunos tinham entre 11 e 13 anos ($M= 11,75$, $DP= 0,88$), sendo metade do sexo masculino. A Tabela 1 apresenta as características de cada um desses participantes.

Tabela 1*Características dos pares participantes da pesquisa*

Turma / Sigla do par escolhido	Participante	Idade	Sexo
A			
Pa1	p17	11	Masculino
Pa2	p13	11	Masculino
B			
Pa3	p23	11	Feminino
Pa4	p22	12	Feminino
C			
Pa5	p45	12	Feminino
Pa 6	p41	13	Feminino
D			
Pa7	p79	12	Masculino
Pa8	p77	13	Masculino

Quatro professores também foram selecionados para participar, cada um representando uma sala de alunos. A idade variou de 31 a 46 anos ($M= 36,75$, $DP= 7,22$), com metade do sexo masculino. Três deles eram casados e um solteiro e todos tinham o Ensino Superior Completo. A Tabela 2 apresenta os dados desses participantes sumariados.

Tabela 2*Características dos professores participantes da pesquisa*

Professor	Sala a que estava vinculado	Disciplina que lecionava	Idade	Sexo	Estado civil
Pr1	A	Matemática	31	Masculino	Solteiro
Pr2	B	Geografia	46	Feminino	Casada
Pr3	C	Matemática	31	Masculino	Casado
Pr4	D	Português	39	Feminino	Casada

Trinta e nove pais ou responsáveis pelo aluno participante da pesquisa² completam a amostra do estudo. Eles tinham entre 27 e 52 anos ($M= 37,11$, $DP= 7,24$), sendo 79,5% ($N=31$) do sexo feminino. Aproximadamente 59% ($N=21$) eram casados; 20,51% ($N=8$)

² Como forma de facilitar a leitura, adotou-se o critério de usar apenas a expressão “pais” para indicar a participação de pais, mães e responsáveis na pesquisa, não diferenciando-se o gênero dos mesmos.

viviam em união; 10,25% (N=4) eram solteiros; 5,12% (N=2) separados; 2,56% (N=1) divorciados; e 2,56% (N=1) viúvo. Dois pais não indicaram seu estado civil. A maioria dos pais tinha o Ensino Fundamental Incompleto (46,15%; N=18); 30,76% (N=12) tinham o Ensino Médio Incompleto; 10,25% (N=4) tinham o Ensino Fundamental Completo; 5,12% (N=2) Ensino Médio Completo; 5,12% (N=2) Ensino Superior Incompleto; e 2,56% (N=1) Ensino Superior Completo.

Critério de seleção dos participantes.

A escola foi selecionada por conveniência. Por sugestão da diretora da escola, foi selecionado o período da tarde para a coleta de dados. O critério utilizado para a seleção das turmas participantes foi o número de alunos por sala, optando-se por aquelas que tinham cerca de 30 alunos ou mais, totalizando cerca de 100 alunos. Como a meta final era conseguir 25 pais participantes no estudo, optou-se por selecionar um número 300% maior de alunos para a etapa inicial do estudo. Para conseguir, já na primeira tentativa, atingir a meta de devolução termos assinados e participação de 80 alunos no estudo, adotou-se o critério de distribuir os termos para aproximadamente 100 alunos. Pretendia-se selecionar uma turma de cada ano escolar do 6º ao 9º ano, porém, no período da tarde, a escola não tinha nenhuma turma do 9º ano formada. Por conta dessa limitação, duas salas do 7º foram selecionadas (aqui apresentadas pelas siglas A e B), somando-se a uma do 6º ano (C) e outra do 8º ano (D), sob indicação da própria diretora da escola.

Para a contabilização dos participantes da pesquisa, foram selecionados 20 alunos de cada sala participante. Optou-se por esse número de alunos já que uma das salas tinha apenas 20 alunos que participaram da pesquisa. O objetivo era manter um número de participantes equilibrado entre todas as salas, equalizando o número de meninas e meninos. Nas salas em que havia mais de 20 alunos aptos a participarem do estudo, foi

realizado um sorteio levando-se em conta o gênero dos alunos (equilibrando sexo feminino e masculino) e o preenchimento legível dos questionários.

Os pares foram escolhidos através da análise do *Protocolo de Indicação Sociométrica* (Coie, Dodge, & Copottelli, 1982). Dois pares de cada sala foram selecionados por serem elencados como “populares” através da análise do *Protocolo de Indicação Sociométrica*³ (Coie et al., 1982). O critério de escolha, caso um número maior de alunos fosse considerado “popular” em cada sala, era escolher dois alunos que já haviam participado da aplicação inicial da pesquisa – instrumentos *Escala de Violência Escolar* (Stelko-Pereira & Williams, 2012) e *Protocolo de Indicação Sociométrica* (Coie et al., 1982) –, uma vez que a autorização dos pais seria facilitada.

Os professores também foram escolhidos por meio da análise do *Protocolo de Indicação Sociométrica* (Coie et al., 1982). Em cada sala de aula participante foi selecionado um professor que havia sido considerado “popular” pelos alunos. Como em duas salas o mesmo professor foi indicado como o mais “popular”, foi escolhido o segundo professor considerado “popular” em uma delas.

Os pais foram selecionados a partir de sua própria escolha em participar da pesquisa. O *Questionário de Percepção de Pais sobre Bullying*⁴ foi distribuído a todos os 80 alunos participantes da pesquisa, que eram convidados a levarem a seus pais. Quarenta questionários preenchidos foram devolvidos pelos pais e/ou alunos. Uma das mães apresentou dificuldade em responder ao questionário em casa, alegando que não sabia escrever. Compareceu ao dia combinado para a entrega e pediu que a pesquisadora a ajudasse a respondê-lo. O procedimento adotado pela pesquisadora foi ler somente o que estava escrito no questionário e anotar integralmente a resposta da participante. Como a

³ A sessão de *Análise de dados* aponta como é realizada a análise desse instrumento e os critérios utilizados para elencar os alunos como “populares”.

⁴ Elaborado pela autora para fins desse estudo.

forma de coleta de dados foi diferenciada das demais, em que os pais respondiam sozinhos, os dados dessa mãe não foram contabilizados para a análise dos dados. Por isso, o número de pais participantes da pesquisa foi de 39.

Local

A escola selecionada para a realização da pesquisa localizava-se em uma cidade de pequeno porte do interior de São Paulo. A região em que a escola se encontrava era formada por variados conjuntos habitacionais, atendendo uma população vulnerável econômica e socialmente. A faixa de anos escolares atendidos era do Ensino Fundamental ciclo II, Ensino Médio e Ensino de Jovens e Adultos (EJA), funcionando nos períodos da manhã, tarde e noite.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) obtido por essa escola na avaliação realizada em 2013 era de 4,0 (INEP, 2014). O IDEB é um indicador de qualidade educacional que avalia o desempenho em exames padronizados (Prova Brasil ou Saeb), obtido pelos estudantes ao final de cada etapa de ensino (5º e 9º anos do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio), com as informações sobre rendimento escolar (taxa média de aprovação dos estudantes na etapa de ensino) (INEP, s/d). Esse índice varia de zero a 10, sendo que meta estipulada pelo Ministério da Educação a ser atingida até 2021 é de 6 pontos (INEP, s/d).

Em relação ao Índice de Desenvolvimento da Educação de São Paulo (IDESP), a escola obteve a pior avaliação da região central do Estado, com 0,93 ponto relativo ao 3º ano do Ensino Médio (IDESP, s/da). O 9º ano do Ensino Fundamental obteve 1,84 ponto, estando abaixo do índice municipal (2,4), do índice da Diretoria de Ensino a que a escola estava vinculada (2,94) e do índice estadual (2,5) (IDESP, s/db). O IDESP é um indicador que avalia a qualidade da escola, analisando, por meio de um índice que varia de zero a

cinco, o desempenho dos alunos nos exames de proficiência do SARESP (o quanto aprenderam) e o fluxo escolar (em quanto tempo aprenderam) (IDESP, 2013).

A pesquisa foi realizada nas dependências da escola. A etapa de coleta com os alunos foi realizada em suas próprias salas de aula, durante o período letivo. A etapa de coleta com pares foi realizada em uma sala destinada pela escola. Os alunos eram convidados a se retirar da sala de aula, com a anuência do professor, e levados para uma sala utilizada para as aulas de reforço e vídeo. No momento da aplicação dos questionários, uma professora estava presente na sala, utilizando um dos computadores da escola. Não foi registrada nenhuma interrupção por parte da professora ao preenchimento do questionário pelos alunos. Professores e pais responderam aos questionários em local de sua preferência, sendo orientados, através de uma carta de orientação distribuída juntamente com o questionário, a respondê-los de forma individual, em um ambiente calmo e sem interferência de outras pessoas.

Instrumentos para coleta de dados

Para o levantamento dos dados foram adotados os seguintes instrumentos: (1) *Escala de violência escolar (EVE)* (Stelko-Pereira & Williams, 2012); (2) *Protocolo de Indicação Sociométrica* (Coie et al., 1982); (3) *Formulário de pesquisa: envolvimento em bullying - professores*; (4) *Formulário de pesquisa: envolvimento em bullying – pares*; e (5) *Questionário de Percepção de Pais sobre Bullying*.

Escala de Violência Escolar (EVE).

A *Escala de Violência Escolar (EVE)* (Stelko-Pereira & Williams, 2012) foi aplicada com o objetivo de coletar informações acerca do envolvimento dos alunos em situações de violência escolar. Esse instrumento apresenta 100 itens, divididos em quatro subescalas, que avaliam a vitimização e autoria de violência entre alunos, vitimização de

alunos por funcionários e comportamento de risco, nas dimensões física, psicológica e material, de acordo com uma escala *likert* de cinco pontos de frequência. Como exposto por Stelko-Pereira, Freitas e Williams (2010), o instrumento não identifica especificamente situações de bullying, porém, há a abordagem de tais questões, já que contém perguntas referentes à quantidade de vezes que o aluno sofreu/praticou determinada ação violenta. Segundo Olweus (2003), tal característica é prevalente em situações de bullying, sendo um dos aspectos que identifica as ações como específicas dessa prática. Mesmo diante dessa limitação, esse instrumento mostra-se de grande valia, pois não há outros instrumentos nacionais que contemplem a temática da violência escolar que tenham tido suas características psicométricas avaliadas (Alckmin-Carvalho, Izbicki, Fernandes, & Melo, 2014; Stelko-Pereira et al.). Somente as questões relativas à frequência de vitimização e autoria de violência presencial entre alunos foram analisadas para os fins da presente pesquisa. Em relação à frequência de vitimização entre alunos, foram analisadas as seguintes dimensões do instrumento: violência física (4 itens, $\alpha = 0.78$), psicológica (2 itens, $\alpha = 0.63$) e material (2 itens, $\alpha = 0.64$). Sobre a frequência de autoria de violência entre alunos, as dimensões analisadas foram: autoria de violência física (6 itens, $\alpha = 0,83$) e de violência não física (5 itens, $\alpha = 0,71$).

Protocolo de Indicação Sociométrica.

O *Protocolo de Indicação Sociométrica* (Coie et al., 1982) (Anexo 1), usualmente, tem sido utilizado como forma de acesso aos pares e professores com maior apelo social entre os alunos participantes. Ele foi utilizado com o objetivo de identificar os pares e professores que, por terem maior apelo social entre os alunos, poderiam responder com maior precisão sobre o envolvimento dos colegas/alunos em bullying. Esse método de escolha dos pares e professores foi adotado para garantir a perspectiva dos mesmos, de uma forma geral, em relação ao envolvimento dos alunos em bullying. De acordo com o

estudo realizado por Molina e Del Prette (2007), cada aluno deve responder às seguintes perguntas: “a) Quais os três colegas de sua sala que você gosta mais, que você está sempre junto, que gosta de brincar, conversar?”; e “b) Quais os três colegas de sua sala que você não gosta, não fica junto, não brinca, não conversa?”. Os alunos também devem responder aos mesmos tipos de perguntas relacionadas a seus professores: “a) Quais os três professores que lhe dão aula que você gosta mais, tem mais contato?”; e “b) Quais os três professores que lhe dão aula que você não gosta, tem menos contato?”.

Formulário de pesquisa: envolvimento em bullying.

Dois questionários com questões fechadas foram elaborados pela autora do estudo, com base na literatura científica da área (Barrio, Martín, Montero, Fernández, & Gutiérrez, 2001; Pakaslahti & Keltikangas- Jarvinen, 2000), para acessar o relato de professores e pares sobre o envolvimento em situações de bullying, dos alunos participantes da pesquisa. Ambos os questionários, *Formulário de pesquisa: envolvimento em bullying – professores* (Anexo 2) e *Formulário de pesquisa: envolvimento em bullying – pares* (Anexo 3) apresentam uma parte inicial com informações sociodemográficas para caracterização dos participantes. A primeira questão pedia que o participante descrevesse o que entendia por bullying. Logo em seguida, era apresentada uma breve introdução sobre o conceito de bullying, adaptado do instrumento utilizado por Pinheiro e Williams (2009), que foi baseada na definição elaborada por Olweus. Os nomes de cada aluno do ano escolar analisado eram elencados em forma de lista. Os pares e professores eram convidados a informar quais alunos encontravam-se envolvidos em situações de bullying, especificando seu envolvimento como vítima, agressor ou vítima/agressor, além do tempo que julgava que os mesmos se encontravam nessa situação.

Questionário de Percepção de Pais sobre Bullying.

O *Questionário de Percepção de Pais sobre Bullying* (Anexo 4) foi elaborado pela própria autora, de acordo com os objetivos da pesquisa e baseado nos trabalhos de Sawyer et al. (2011) e Floria (2011). O objetivo da aplicação desse instrumento foi investigar o conhecimento dos pais sobre bullying. A parte inicial do questionário continha questões sociodemográficas para caracterização dos participantes: idade, gênero, estado civil, escolaridade e profissão. A seguir, 14 questões eram apresentadas, divididas de acordo com os seguintes temas: (1) definição do termo bullying; (2) consequências; (3) indicadores de envolvimento; (4) tempo de identificação; (5) envolvimento do filho; (6) procedimentos adotados pelos pais diante do envolvimento.

A primeira questão pedia que o participante descrevesse o que entendia por bullying. À semelhança da metodologia adotada por Sawyer et al. (2011) e Compton et al. (2014), optou-se por apresentar uma definição do conceito de bullying, adaptada do instrumento utilizado por Pinheiro e Williams (2009). Esse procedimento foi adotado, pois, como alguns pais poderiam não saber o significado do termo, a apresentação do mesmo aumentaria a probabilidade de que todos pudessem responder as questões seguintes, pautando-se na definição comumente apresentada pela literatura.

Dois questões abordavam o entendimento dos pais sobre as consequências do bullying, uma ressaltando a condição de vítima e outra, a de agressor. A quarta questão pedia que os pais apontassem os comportamentos que poderiam indicar o envolvimento do filho em bullying, em todas as possíveis condições de envolvimento (vítima, agressor e vítima-agressor). Perguntou-se quanto tempo os participantes achavam que os pais levavam para identificar o envolvimento do filho em bullying. Três alternativas eram apresentadas para escolha: “Acredito que deve ser rápido”; “Acredito que deve demorar”; “Acho que depende”. Em todas as alternativas, era solicitado que os pais justificassem suas respostas. Duas questões investigavam o julgamento dos pais sobre o envolvimento

dos filhos em bullying. Em uma delas ressaltava-se o aspecto passado e em outra o momento atual da vida do filho. Ambas as questões apresentavam as alternativas: “sim”; “não” e “não sei”. Caso o pai apontasse que “sim”, pedia-se que especificasse o tipo de envolvimento (vítima, agressor ou vítima-agressor). Além disso, perguntava-se também os motivos que sustentavam a crença do pai sobre o envolvimento ou não do filho em bullying.

Caso os pais apontassem envolvimento do filho em bullying em alguma ou ambas as condições de tempo (passado e/ou presente), maiores esclarecimentos sobre esse envolvimento eram pedidos aos pais. Cinco questões foram formuladas para isso. A primeira questão perguntava há quanto tempo o pai acreditava que o filho estava envolvido em bullying. Duas questões investigavam as consequências do envolvimento. Uma delas enfocava as consequências a curto prazo e outra, as a longo prazo. Os pais eram convidados a indicar quais consequências eram essas, caso identificassem a ocorrência. Duas questões investigaram também a reação dos pais ao saber do envolvimento do filho. Em uma delas ele deveria descrever quais foram suas ações e em outra se acreditava que sua reação havia ajudado o filho.

Uma questão abordava o envolvimento em situações de bullying como testemunha. Os pais eram convidados a indicar se o filho já havia comentado que testemunhou situações de bullying. Caso a resposta fosse afirmativa, era perguntado o que os pais tinham dito ao filho sobre isso. A última pergunta do questionário enfocava o entendimento dos participantes sobre quais procedimentos os pais deveriam adotar se identificassem o envolvimento do filho em bullying.

Testagem do instrumento.

Como as pesquisas de Sawyer et al. (2011) e Floria (2011) apresentavam seus instrumentos em formato de entrevista, a pesquisadora realizou um piloto, a fim de avaliar

se as mesmas informações coletadas por meio de entrevista poderiam ser coletadas por meio de um questionário sem grandes prejuízos. Primeiramente, a entrevista foi aplicada a uma mãe (36 anos; Pós Graduação Completa), selecionada por conveniência. Em seguida, pediu-se que ela respondesse ao questionário, buscando colocar as informações que acreditava serem mais relevantes e imaginando que a pesquisadora não tivesse conhecimento das respostas que iria dar. Além disso, a aplicação do questionário também foi realizada com o pai da mesma criança (37 anos; Ensino Fundamental Incompleto). O objetivo da aplicação do instrumento ser realizada dessa forma foi a comparação dos relatos da própria mãe (formato entrevista e questionário) e da mãe em relação ao pai (informações sobre o envolvimento do filho em bullying), investigando-se a consistência dos dados. Solicitou-se que ambos os participantes indicassem possíveis adequações ao questionário. Observou-se que, ao utilizar-se o questionário, as informações chaves obtidas por meio da entrevista foram mantidas. As alterações sugeridas por ambos os participantes foram introduzidas no questionário. Questões adicionais foram formuladas a fim de investigar separadamente a visão de pais sobre o envolvimento dos filhos em bullying, diferenciando-se o caráter passado (se o filho já havia se envolvido em bullying em algum momento que não no presente) e o presente (se o filho estava envolvido em bullying na época da realização da pesquisa).

Optou-se pela utilização do instrumento na forma de questionário, por este possibilitar o alcance de um número maior de pais, bem como propiciar mais facilmente o aceite dos pais em participar da pesquisa. Isto, considerando que os pais poderiam preencher o questionário em suas casas, ao contrário da entrevista, em que seria necessária a ida até à escola, sendo menor o tempo dispendido para participação. Esses motivos poderiam acarretar em uma porcentagem maior de participação dos pais, uma vez que o

custo de resposta requerido para o preenchimento do questionário é consideravelmente menor do que a entrevista.

Aspectos éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (Anexo 5). Todos os participantes assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexos 6, 7, 8, 9, 10 e 11), só participando alunos que tinham o consentimento de seus pais. Cartas foram elaboradas para explicar cada uma das etapas da pesquisa para os pais que eram convidados a autorizar a participação de seus filhos na pesquisa (Anexos 12 e 13). Professores e pais também receberam cartas explicativas sobre a participação de cada um na pesquisa (Anexos 14 e 15).

A pesquisadora se comprometeu a auxiliar aqueles participantes que se sentissem desconfortáveis durante a realização da pesquisa. Indicou também a possibilidade de interrupção de sua participação e a retirada do TCLE. Foi garantido o anonimato e sigilo das informações coletadas, indicando que seriam utilizados somente para os fins da pesquisa. Nenhum participante relatou desconforto durante a participação do estudo, nem mesmo procurou a pesquisadora para auxiliá-lo em alguma problemática.

Como forma de agradecimento à disposição para a participação na pesquisa, a pesquisadora conversou com a diretora sobre uma atividade a ser realizada na escola. Como o ano letivo estava sendo finalizado e os professores estavam muito atarefados, a diretora preferiu que esse agradecimento fosse realizado por meio de doação de livros sobre a temática da violência.

Procedimento

Um contato preliminar foi feito com a diretora da escola para a realização do estudo. O cronograma de coleta de dados foi discutido com a direção da escola. A duração total da coleta foi de cinco semanas.

Como combinado com a direção da escola, a coleta com os alunos ocorreria em período de aula, sendo que os professores já estavam avisados. A coleta demorou cerca de uma hora em cada sala. Em três salas os professores ajudaram a pesquisadora a distribuir os instrumentos e a manter a disciplina enquanto da aplicação dos mesmos. Somente em uma sala não houve colaboração de uma professora, o que acarretou uma demora maior na coleta.

Como forma de incentivo para a devolução dos TCLE e participação na pesquisa, a pesquisadora sorteou brindes aos alunos que entregaram os TCLE preenchidos e também aos pais. Professores e pares receberam um brinde cada um pela participação na pesquisa. Esse procedimento visou garantir uma maior motivação para a atividade, bem como maior adesão ao reenvio dos TCLE (Stelko-Pereira, Williams, & de Bem, 2013).

Primeiramente, a pesquisadora pedia que os alunos que tivessem levado o TCLE assinado pelos pais mantivessem o mesmo em cima da carteira. Os alunos que não tinham o consentimento dos pais ou manifestavam não querer participar do estudo eram convidados a se retirar da sala. A escola planejou atividades em uma sala distinta para tais alunos.

A pesquisadora acompanhou o preenchimento da *Escala de Violência Escolar* (Stelko-Pereira & Williams, 2012) com os alunos, lendo em voz alta as afirmações do instrumento e explicando as alternativas que poderiam ser assinaladas. A pesquisadora explicou, então, como os alunos deveriam responder ao *Protocolo de Indicação Sociométrica* (Coie et al., 1982). Como forma de deixar os alunos mais à vontade para

responder a esse questionário, sem medo de uma possível retaliação da escola, a pesquisadora ressaltou que suas respostas não seriam repassadas para a direção e nem mesmo para os professores.

A partir da análise do *Protocolo de Indicação Sociométrica* (Coie et al., 1982), dois pares e um professor de cada sala participante foi selecionado para participar da pesquisa. Em um dia combinado com a direção escolar, a pesquisadora se dirigiu a cada uma das salas, convidando os alunos selecionados a se dirigir a uma sala destinada ao preenchimento do instrumento *Formulário de pesquisa: envolvimento em bullying – pares*. A pesquisadora explicou o instrumento, lendo conjuntamente e explicando as primeiras questões aos alunos. Na etapa de assinalar os alunos que os pares julgavam envolvidos em bullying, cada aluno participante respondeu em seu ritmo, chamando a pesquisadora quando tinha dúvidas.

O instrumento *Formulário de pesquisa: envolvimento em bullying – professores* foi entregue à coordenadora da escola, que repassou-o aos professores indicados. Foi indicado aos professores que eles poderiam responder ao instrumento em casa, devolvendo-o à coordenadora da escola. Uma semana após a distribuição do instrumento, a pesquisadora recolheu-o e entregou brindes aos professores.

Concomitantemente a essa etapa da pesquisa (participação professores), foi distribuído o *Questionário de Percepção de Pais sobre Bullying*. Cada aluno participante da etapa inicial da pesquisa recebeu um questionário para ser encaminhado a seu pai. Como sugestão da diretora, o dia escolhido para devolução dos questionários preenchidos foi um sábado à tarde. A intenção da diretora era vincular o trabalho realizado pela pesquisadora às atividades da “Escola da Família”, programa criado pelo governo estadual para incentivar a participação dos alunos em atividades realizadas na escola nos finais de semana. Como muitos alunos indicaram que seus pais não poderiam comparecer

à escola, foi aberta a oportunidade dos próprios alunos entregarem o questionário preenchido pelos pais, participarem da palestra e sorteio dos brindes. Houve uma devolutiva de 19 questionários, sendo que apenas quatro deles foram entregues pelas próprias mães.

Como o índice de devolução dos questionários estava abaixo do pretendido para as análises da presente pesquisa, a pesquisadora retornou às salas participantes, explicando aos alunos que poderiam entregar o instrumento preenchido pelos pais. Com esse procedimento, o número de questionários entregues subiu para 40. Como já pontuado anteriormente, um desses questionários precisou ser descartado por ter seu preenchimento diferenciado dos demais (auxílio da pesquisadora).

Análise de dados

Para a análise dos dados obtidos por meio da *Escala de Violência Escolar* foram utilizados os critérios apontados de acordo com os autores do mesmo (Stelko-Pereira & Williams, 2012). Somente as questões relativas a vitimização e agressão foram analisadas para investigar quais alunos estavam envolvidos como vítima, agressor ou vítima-agressor. O escore das questões relativas a vitimização foram somados e uma média dos escores de todos os alunos foi obtida. Como critério para classificar os alunos envolvidos em bullying foi selecionado o mesmo método adotado por Forlim et al. (2014). Decidiu-se selecionar apenas os alunos que obtiveram um escore do somatório das questões de vítima acima da média. O mesmo foi realizado para as questões relativas à agressão. Os alunos elencados como vítima-agressores foram aqueles que obtiveram escores acima da média para as condições de vítima e agressor concomitantemente.

O *Protocolo de Indicação Sociométrica* foi analisado de acordo com os critérios apresentados por Coie et al. (1982). Por meio dessa análise há o acesso aos alunos e

professores considerados “populares”, “rejeitados”, “negligenciados”, “medianos” e “controversos”. Para os objetivos desta pesquisa, apenas a condição de “popular” para alunos e professores foi analisada. Para tanto, foi necessário analisar a condição de *preferência social* apresentada por Coie et al.. De acordo com esses autores, os participantes “populares” são aqueles que apresentam o escore de *preferência social* maior que um, escore padronizado de “gosto mais” maior que zero e escore padronizado de “gosto menos” menor que zero.

Para o cálculo desses escores, a quantidade de indicações de pares e professores em cada uma das questões (“gosto mais” e “gosto menos”) foi elencada, obtendo-se os escores de “gosto mais” e “gosto menos”. Através do uso do programa *IBM SPSS Statistics 20*, os escores “gosto mais” e “gosto menos” foram padronizados, obtendo-se o escore z de cada uma dessas variáveis. A condição de *preferência social* foi obtida através da diferença dos escores padronizados de “gosto mais” e “gosto menos” para cada um dos participantes analisados. A partir desses resultados, foi possível identificar os participantes que atingiam os critérios para serem elencados como “populares”, como indicado acima.

A quantidade de alunos considerados “populares”, o valor da *preferência social* analisada através do *Protocolo de Indicação Sociométrica* (Coie et al.,1982) e os alunos escolhidos para responderem ao *Formulário de pesquisa: envolvimento em bullying – pares* encontram-se descritos na Tabela 3. Nota-se que foram apontados no mínimo cinco e no máximo sete colegas “populares” pelos alunos participantes da pesquisa. De acordo com os critérios elencados, dois alunos da sala A, três, da sala B, um, da sala C e dois alunos da sala D, apontados como “populares”, não haviam participado da primeira etapa da pesquisa na condição de alunos e, por isso, não foram escolhidos como pares. Os dados de *preferência social* desses pares não se encontram demonstrados na tabela. Mesmo

obtendo índices de *preferência social* maiores que outros alunos de suas respectivas salas, os participantes p32 e p76 por não estarem presentes no dia da coleta de dados, não participaram dessa etapa da pesquisa. Segundo o critério de maior *preferência social*, os pares escolhidos como Pa1 para representar cada uma das salas foram: p17, p23, p45 e p79. Os relatos dos pares p13, p22, p41 e p77 funcionaram como Pa2, substituindo o auto relato dos pares Pa1.

Tabela 3

Quantidade de alunos identificados como “populares”, valor da preferência social e alunos escolhidos como pares para participar da pesquisa, segundo a alocação como Pa1 ou Pa2 para a análise dos relatos

	Turma			
	A	B	C	D
Quantidade de alunos “populares”	6	7	5	6
Preferência social dos pares participantes da pesquisa na condição de alunos	p9 = 1,40 p13 = 2,23 p15 = 2,01 p17 = 3,45	p22 = 2,18 p23 = 2,55 p25 = 1,34 p32 = 2,55	p41 = 2,11 p43 = 1,60 p45 = 2,11 p47 = 1,05	p73 = 1,20 p76 = 2,31 p77 = 1,56 p79 = 1,56
Pares escolhidos				
Pa1	p17	p23	p45	p79
Pa2	p13	p22	p41	p77

Apenas o relato de um dos pares (Pa1) foi utilizado para descrever a prevalência de bullying da sala de aula em questão. Como o relato desse par (Pa1) em relação a si mesmo funcionaria como um auto relato, foi selecionado o relato do segundo par (Pa2) correspondente somente a avaliação do primeiro (Pa1). Dessa forma, o relato de Pa1 sobre si mesmo foi substituído pelo relato de Pa2. O critério de escolha do par designado como Pa1 dependeu dos seguintes fatores: a) ter participado da primeira etapa da pesquisa como aluno; b) presença no dia da coleta de dados; c) anuência dos pais para participação na pesquisa; e d) hierarquização da Indicação Sociométrica, com Pa1 tendo maior nível de *preferência social* que Pa2.

A Tabela 4 apresenta os professores considerados “populares”, a *preferência social* analisada através do *Protocolo de Indicação Sociométrica* (Coie et al., 1982) e os professores escolhidos para responderem ao *Formulário de pesquisa: envolvimento em bullying – professores* em cada turma, destacando-se a matéria para o qual eram responsáveis por ofertar na escola. Percebe-se que o número de professores indicados como “populares”, pelos alunos participantes da pesquisa, variou de dois a três por sala. Uma mesma professora (Pr2) foi indicada como “popular” em duas salas, B e D. Optou-se por escolhê-la em apenas uma sala (B). Em relação a sala D, foi escolhida a segunda professora mais votada, Pr4.

Tabela 4

Quantidade de professores identificados como “populares” e professores escolhidos para participar da pesquisa

Turma / Professores indicados como “populares”	Preferência social	Sexo	Disciplina	Professor escolhido
A				
Pr1	3,37	Masculino	Matemática	Pr1
Pr5	2,04	Masculino	Ciências	
B				
Pr2	2,62	Feminino	Geografia	Pr2
Pr6	2,45	Feminino	História	
C				
Pr3	2,73	Masculino	Matemática	Pr3
Pr7	1,91	Feminino	História	
Pr8	1,64	Feminino	Artes	
D				
Pr2	3,22	Feminino	Geografia	Pr4
Pr4	2,98	Feminino	Português	
Pr10	1,36	Feminino	Ciências (substituta)	

Os relatos do professor e pares obtidos por meio dos questionários aplicados foram analisados através de métodos descritivos, como forma de suporte à investigação da

prevalência de violência escolar. Primeiramente foi analisada a frequência de envolvimento em bullying para cada sala participante da pesquisa, segundo o relato dos professores e dos pares selecionados em cada uma delas. Uma média ponderada das frequências de envolvimento apontadas por esses participantes em cada sala foi realizada, de forma a obter um quociente de envolvimento de todos os alunos participantes da pesquisa. Assim, a frequência de envolvimento descrita pelos professores/pares é a média ponderada das porcentagens de alunos envolvidos em bullying descritas por cada um dos professores/pares selecionados nas salas participantes da pesquisa.

Os dados coletados por meio dos questionários aplicados aos alunos, professor e pares foram utilizados como forma de comparação ao relato obtido por meio do questionário aplicado aos pais sobre o envolvimento de seus filhos em bullying. Nesse caso, optou-se por comparar as porcentagens de indicação de envolvimento em bullying relatadas pelos próprios alunos, professores, pares e pais. Como o *Questionário de Percepção de Pais sobre Bullying* continha questões sobre o envolvimento passado (se o filho já havia se envolvido em bullying em algum momento que não no presente) e presente do filho em bullying (se o filho estava envolvido em bullying na época da realização da pesquisa), optou-se por utilizar o dado referente ao envolvimento atual do filho para comparação com os dados dos próprios alunos, pares e professores.

Por meio do *Questionário de Percepção de Pais sobre Bullying* foram obtidos dados quantitativos e qualitativos. Os dados quantitativos foram analisados através de métodos descritivos, enquanto os qualitativos foram analisados por meio da análise de conteúdo (Bardin, 1977). Segundo esse mesmo autor é necessário que as seguintes etapas sejam obedecidas: a) seleção e exploração do material, denominada pré-análise; b) a codificação; c) agrupamento dos temas; e, d) a definição e validação das categorias empíricas.

Primeiramente foi feita a digitação do material preenchido pelos pais. Os temas de análise foram definidos a partir das próprias questões do questionário, sendo eles: definição do termo bullying; consequências do envolvimento; indicadores de envolvimento; envolvimento do filho em bullying; condição de testemunha; perspectiva sobre o tempo de identificação; e procedimentos adotados pelos pais diante do envolvimento do filho.

As respostas a cada um desses temas foram analisadas de forma a elencar categorias que pudessem explicar a opinião dos pais sobre o que estava sendo perguntado. Respostas que tinham caráter similar eram elencadas em uma mesma categoria. Um cuidado foi tomado para que as categorias tivessem um caráter excludente entre si, ou seja, uma resposta não poderia ser elencada em mais de uma categoria. A frequência de respostas de cada categoria foi analisada, somando-se quantos pais apresentaram o mesmo argumento e apresentando a porcentagem de pais (dentro a amostra que respondeu a questão) que compartilham a mesma opinião. Após a análise realizada pela autora principal da pesquisa, uma revisão das categorias empíricas foi realizada pela co-orientadora da pesquisa, objetivando a validação das análises realizadas.

Resultados

Os resultados serão apresentados de acordo com os temas elencados na análise de conteúdo realizada no questionário aplicado aos pais. Assim, serão abordados os seguintes temas: concepção dos pais sobre bullying; consequências do envolvimento; indicadores de envolvimento; perspectiva sobre o tempo de identificação do envolvimento do filho; envolvimento do aluno em bullying, incluindo a perspectiva de pais, pares, professores e do próprio aluno e o tempo de envolvimento relatado por cada

um deles; explicação oferecida pelos pais sobre o envolvimento do filho, em que os pais apresentam os motivos para acreditar no envolvimento ou não do filho em bullying; condição de testemunha, em que os pais relatam se o filho já comentou sobre ter presenciado episódios de bullying; e procedimentos adotados pelos pais diante do envolvimento do mesmo.

Concepção dos pais sobre bullying

Os pais foram questionados sobre o que entendiam pelo termo bullying. A maioria dos pais (69%; N=27) relatou formas de praticar o bullying para explicar o que entendiam pelo termo. De acordo com a divisão de formas de bullying proposta pela literatura em bullying direto (físico, verbal e sexual) e indireto (relacional e cyberbullying), nota-se que os pais pontuaram exemplos de bullying físico (7,5%; N=3), como *“atos de agressão física”* (P63); bullying verbal (49%; N=19), quando *“colocamos apelido nos outros ou xingar o próximo”* (P1); e bullying indireto/relacional (13%; N=5), definindo como uma *“brincadeira de mal gosto que acaba ofendendo a outra pessoa”* (P62), ao *“ficar fazendo grupinho e deixando o colega de fora de propósito de suas brincadeiras”* (P16). Exemplos de bullying sexual e cyberbullying, também apontados pela literatura como formas de bullying, não foram citados pelos pais.

Dez pais (25%) apresentaram opiniões sobre a prática de bullying, relatando que ser *“uma coisa muito feia praticada pelos estudantes”* (P50), e que *“pode ter grande destruição para alguém”* (P22), sendo algo *“muito ruim e triste para pessoa que está sofrendo”* (P40). Outros pais (23%; N=9) definiram o bullying como sendo uma discriminação, preconceito ao próximo: *“é uma falta de respeito ao próximo”* (P42); *“é uma demonstração de preconceito contra tudo aquilo, que é visto de diferente pelo praticante do bullying”* (P68).

Seis pais (18%) explicaram o bullying como sendo práticas de maus-tratos, atos de violência que geram consequências negativas, porém não chegaram a citar explicitamente um exemplo de prática de bullying: *“é quando alguém (sic) maltrata a pessoa”* (P4); *“são atos de violência física ou psicológica, praticado por indivíduos”* (P31); *“brincadeira (sic) as ofensivas, agressivas que podem causar danos à criança e a qualquer pessoa que sofra este tipo de brincadeiras”* (P72). Alguns pais (13%, N=5) relataram consequências do bullying às vítimas: *“muitas das vezes as vítimas acabam tirando a própria vida, por causa do bullying”* (P6); *“ela [pessoa que está sofrendo] se sente humilhada, diminuída, um nada e isto reflete em tudo, na vida escolar, familiar. A pessoa (sic) se fecha e não vê saída e acaba adoecendo”* (P47).

Uma mãe (2,5%) explicou que o bullying é uma *“falta de educação em casa”* (P43), apontando a origem desses comportamentos agressivos.

Consequências do envolvimento em bullying

A perspectiva dos pais sobre as consequências de envolvimento em bullying foi avaliada a partir da resposta a quatro questões no questionário. As duas primeiras questões eram relativas ao conhecimento dos pais sobre possíveis consequências do envolvimento do filho em bullying como vítima e como agressor. As outras duas questões investigavam a percepção que os pais tinham das consequências que o bullying causou a seus filhos, quando manifestavam acreditar no envolvimento do mesmo em alguma das condições de envolvimento (vítima, agressor ou vítima-agressor).

Perspectiva dos pais sobre as consequências de um possível envolvimento dos filhos em bullying.

A Tabela 5 apresenta as categorias de consequências como vítima citadas pelos pais e a frequência de relato de cada uma delas. As consequências com maior frequência de relato dos pais foram relativas a condição emocional e social da criança. O *desconforto / angústia* gerados pelas agressões (46%; N=18), *depressão* (18%; N=7) e *tristeza* (15%; N=6) são exemplos da categoria emocional. Em relação à condição social, o *isolamento social* (41%; N=16) foi bastante pontuado pelos pais.

Tabela 5

Consequências do envolvimento como vítima em bullying e sua frequência de relato pelos pais

Categoria / consequência	Frequência de relato	N
Emocional		
Desconforto / angústia	46%	18
Depressão	18%	7
Tristeza	15%	6
Baixa autoestima / insegurança / baixo autoconhecimento	13%	5
Medo	10%	4
Trauma	10%	4
Revolta	7,5%	3
Vergonha	5%	2
Mudança de humor	2,5%	1
Suicídio	2,5%	1
Físico		
Insônia	2,5%	1
Social		
Isolamento social	41%	16
Dificuldade de interação social	2,5%	1
Escolar		
Falta de vontade de ir à escola	13%	5
Diminuição do rendimento escolar	2,5%	1
Evasão escolar	2,5%	1
Mudança de comportamento	2,5%	1
Outros	18%	7

As consequências de caráter físico e escolar foram as que receberam menor destaque nas respostas dos pais. Apenas um pai apontou a *insônia* como uma possível consequência do envolvimento como vítima (condição física). Sobre a condição escolar, a consequência que recebeu maior número de relato foi a *falta de vontade de ir à escola* (13%; N=5). A *diminuição do rendimento escolar* e a *evasão escolar* receberam apenas uma menção cada pelos pais (2,5%). São exemplos de relatos de alguns pais:

“A vítima fica triste, não tem vontade de fazer nada nem ir para escola, nem fazer brincadeiras com amigos, nem família, vivi (sic) isolado do mundo.” (P12)

“Não quer mais ir na escola ou onde ocorre o conflito, se afasta das pessoas e entra numa depressão.” (P22)

“As vítimas sofrem muito e se sentem sozinhas não conseguem se enturmar, se sentem perseguidas e na maioria das vezes não pedem ajuda, se fecham e sofrem sozinhas já com depressão.” (P47)

Alguns pais (18%; N=7) apresentaram um conjunto de respostas que não se enquadravam em nenhuma das categorias anteriores e que não tinham uma relação com a questão. Desses pais, dois (5%) relataram sobre as condições de envolvimento como vítima, dizendo que *“é orrivel (sic)” (P42)* e que *“Eles tem (sic) por direito de ser defendidos pela lei” (P19)*. Outros pais (5%; N=2) relataram a importância da criança falar para os pais sobre o envolvimento. Outros dois (5%) também ressaltaram a procura por um profissional para ajudar o filho. Um pai dissertou sobre sua opinião sobre os

agressores, dizendo que “(...) são pessoas egoístas e que as autoridades não fazem nada para acabar com isso” (P6).

Em relação ao envolvimento como agressor, a maioria dos pais (18%; N= 7) acreditava que os agressores não tinham nenhuma consequência pelos seus comportamentos. *Isolamento social, comportamento violento em outros contextos* (como violência doméstica e do trabalho), *comportamento de risco/antissociais* e consequências ruins foram apontados por 5% (N= 2) dos pais. *Evasão escolar e nervosismo* foram apontados por 2,5% dos pais (N= 1). A Tabela 6 apresenta esses dados sumariados.

Tabela 6

Consequências do envolvimento como agressor em bullying e sua frequência de relato pelos pais

Categoria / consequência	Frequência de relato	N
Consequências de seus atos		
Nenhuma	18%	7
Isolamento social	5%	2
Comportamento violento em outros contextos (violência doméstica/trabalho)	5%	2
Comportamento de risco/antissociais	5%	2
Ruim	5%	2
Nervosismo	2,5%	1
Evasão escolar	2,5%	1
Consequências positivas (agressor se sente bem com as agressões)	2,5%	1
Outros	25,5%	10

Dez pais (25,5%) dissertaram sobre condições do envolvimento em bullying como agressor que não puderam ser alocadas em nenhuma das categorias anteriores. Suas respostas pautavam-se em opiniões sobre a condição de agressor (10%; N=4): “(...) crianças, sem limites, sem uma estrutura (sic) familiar (...)” (P72); nas consequências formais das agressões (7,5%; N=3): “Pode-se fazer denúncias (sic) e prestar contas a justiça, quando se é adulto” (P77); orientações sobre a ação de pais e escola diante do envolvimento (5%; N=2): “(...) muitas vezes os pais não os orienta (sic) sobre esta

pratica” (P13), “Devem ser punidos de alguma forma” (P67); e sobre o modo como as agressões podem ocorrer (2,5%; N=1): “Eles sempre te (sic) um grupinho no qual els (sic) se unem p/ humilhar as vitimas (sic)” (P47).

Abaixo, alguns exemplos de respostas dos pais:

“Nenhuma cada vez ele faz mais e mais e para várias pessoas” (P22)

“Comportamentos de riscos, antissociais e praticam violência doméstica, no trabalho, abandonam a escola” (P31)

“Ficará sem amigos, pois nenhuma pessoa irá ser amigo de um agressor de Bullying” (P48)

Alguns pais apresentaram respostas que não indicavam diretamente consequências para o envolvimento como agressores, mas apontavam características comportamentais dos mesmos. O fato de essas respostas apresentarem uma similaridade entre si, tornou possível a formação de uma categoria sobre as *características comportamentais dos agressores*. A Tabela 7 apresenta esses dados. *Alta confiança do agressor* (20,5%; N=8), *falta de importância aos sentimentos das vítimas* (20,5%; N=8) e *uso de agressão física* (18%; N=7) foram características bastante citadas pelos pais.

Tabela 7

Características comportamentais dos agressores de bullying e sua frequência de relato pelos pais

Categoria / característica	Frequência de relato	N
Alta autoconfiança em seu poder	20,5%	8
Falta de importância ao sentimento das vítimas	20,5%	8
Uso de agressão física	18%	7
Prazer em prejudicar vítimas	7,5%	3
Pessoas más	7,5%	3
Pessoas com alguma dificuldade comportamental/emocional	2,5%	1
Agressão como forma de defesa	2,5%	1

Perspectiva dos pais sobre as consequências que o real envolvimento em bullying causou em seus filhos.

Dez pais (25,5%) acreditavam que seus filhos haviam se envolvido em bullying no passado; quatro pais (10%) acreditavam que seus filhos estavam atualmente envolvidos em bullying. Cerca de 18% (N=7) acreditavam que o bullying havia causado consequências para seu filho a curto prazo, enquanto 10% dos pais (N=4) acreditavam que o bullying não havia causado consequências a curto prazo. Cerca de 72% dos pais (N= 28) não responderam essa questão, pois acreditavam que seus filhos não haviam se envolvido em bullying.

Dos sete pais que manifestaram consequências a curto prazo, aproximadamente 72% (N=5) acreditavam que os filhos haviam se envolvido como vítimas, 14% (N=1) como agressor e um pai não indicou a condição de envolvimento do filho. As consequências a curto prazo citadas pelos pais remetiam a três categorias diferentes: emocional, social e escolar. A condição emocional foi a que obteve maior destaque pelos pais, sendo citada por todos aqueles que responderam a essa questão (cerca de 18% dos pais; N=7). Sete tipos diferentes de consequências emocionais foram elencados: *nervosismo, desânimo, psicológico afetado, choro, falta de motivação para melhorar, tristeza e vergonha*. A condição escolar foi citada por dois pais (5% da amostra total),

apontando a *falta de motivação do filho a ir à escola*. Um pai (2,5%) também citou o *isolamento social* do filho como uma consequência a curto prazo, representando, assim, uma consequência social de seu envolvimento em bullying.

Cerca de 15,5% (N=6) dos pais achavam que seus filhos não apresentaram nenhuma consequência a longo prazo pelo envolvimento em bullying. Um dos pais (2,5%) não soube responder a questão. Outros 77% dos pais não responderam essa questão por acreditarem que seus filhos não haviam se envolvido em bullying. Os dois pais (5%) que acreditavam que seus filhos apresentavam consequências a longo prazo pelo envolvimento em bullying, relataram a *falta de motivação para ir à escola*. Um deles apontou também uma consequência emocional, citando a *vergonha* associada a ida à escola.

Abaixo, alguns exemplos de relatos dos pais:

“Desanimo (sic) e se sentiu isolado” (P40)

“Porque de um tempo para cá minha filha não queria ir a escola por vergonha” (P41)

“Apenas chorou por ser zuada (sic) pelos colegas” (P42)

Indicadores de envolvimento

Os pais foram questionados sobre quais comportamentos achavam que seus filhos iriam manifestar, caso estivessem envolvidos em bullying. A Tabela 8 apresenta os dados encontrados a partir da análise das respostas dos pais. Nota-se que os indicadores de envolvimento mais citados pelos pais são relativos a condição escolar e social do filho.

As características mais citadas pelos pais foram a *falta de vontade de ir à escola* (51%; N=20) e o *isolamento social* (23%; N=9). A *agressividade em outros ambientes* (13%; N=5) também recebeu destaque no relato dos pais, sendo a característica emocional que obteve mais frequência de relato dos pais. As características físicas foram as que tiveram menor número de citação no relato dos pais: *falta de apetite* e *doenças* (2,5% cada; N=1). Um pai (2,5%) citou como um indicador para o provável envolvimento do filho em bullying sua *vulnerabilidade*. Relatou que seu filho apresenta características físicas que podem ser motivos de possíveis agressões, além de uma personalidade “*brincalhona*” que poderia ser propulsora de agressões a outros colegas.

Tabela 8*Indicadores de envolvimento em bullying e sua frequência de relato pelos pais*

Categoria / indicador	Frequência de relato	N
Emocional		
Agressividade em outros ambientes	13%	5
Tristeza	7,5%	3
Vergonha	5%	2
Choro	2,5%	1
Susto	2,5%	1
Depressão	2,5%	1
Estresse	2,5%	1
Perda da autoconfiança	2,5%	1
Mágoa	2,5%	1
Físico		
Falta de apetite	2,5%	1
Doenças	2,5%	1
Social		
Isolamento social	23%	9
Falta de vontade de sair de casa	10%	4
Ficar quieto/sério	7,5%	3
Relato para os pais	7,5%	3
Evitar lugares públicos	2,5%	1
Dificuldade de comunicação	2,5%	1
Escolar		
Falta de vontade de ir à escola	51%	20
Diminuição do rendimento escolar	5%	2
Reclamação na diretoria	2,5%	1
Vulnerabilidade do filho	2,5%	1
Outros	13%	5

Alguns pais (13%; N=5) apresentaram respostas que não se encaixavam em nenhuma das categorias formuladas e que não tinham associação com o objetivo da questão apresentada. Essas respostas pautavam-se sobre a reação dos pais ao envolvimento dos filhos, apontando como soluções colocar o filho de castigo (2,5%, N=1); conversar com a escola (5%; N=2); e conversar com o filho, dando conselhos (2,5%; N=1). Outro pai (2,5%; N=1) apresentou um exemplo de agressão, ressaltando a forma como isso acontece.

Abaixo, algumas respostas dos pais:

“Ele me contaria tudo (sic). Ela não iria mais a escola, não querer sair de casa e também teria vergonha” (P4)

“Não querer ir a escola, não querer ser mais amigo de ninguém, ir mal nos estudos, ficar muito quieto” (P74)

“Vítimas, pois ele baba e alguns o chamam de babão, mas poderia ser agressor pois é muito brincalhão” (P77)

Alguns pais (10%; N=4) dividiram seus relatos de acordo com a condição de envolvimento do filho em bullying: vítima ou agressor. A Tabela 9 apresenta esses dados sumariados.

Tabela 9

Indicadores de envolvimento em bullying de acordo com a condição de vítima ou agressor segundo relato dos pais

Categoria / indicador	Frequência de relato	N
Vítima		
Isolamento social	5%	2
Sufrimento	5%	2
Tristeza	2,5%	1
Evitar lugares públicos	2,5%	1
Choro	2,5%	1
Falta de vontade de ir à escola	2,5%	1
Agressor		
Gosto pela agressão	7,5%	3
Falta de importância ao sentimento das vítimas	5%	2
Revolta	2,5%	1
Arrependimento	2,5%	1
Considerar-se superior aos outros	2,5%	1

Observa-se que, para a condição de vítima, as características mais citadas são o *isolamento social* (5%; N= 2) e o *sofrimento* (5%; N= 2). A *falta de vontade de ir à escola* foi citada por 2,5% dos pais (N= 1) para a condição de vítima. Para a condição de agressor, o *gosto pela agressão* recebeu maior destaque nas respostas dos pais (7,5%; N=3), seguido por *falta de importância ao sentimento das vítimas* (5%; N= 2). Alguns exemplos de relatos dos pais:

“Vítima: não frequentar lugares públicos (sic), isolamento (sic), choro. Agressor: revolta, egoísmo (sic), fia (sic) se achando melhor que todos e tudo” (P6)

“As vítimas (sic) ficam tristes e não querem ir para a escola. Os agressores eu acho que gostam de ir para escola para poder humilhar (sic) as vítimas (sic) e se sentirem mais poderosos” (P26)

Alguns pais (10%; N=4) deixaram a questão em branco ou pontuaram que não sabiam respondê-la.

Entendimento dos pais sobre o tempo para identificação de envolvimento dos filhos

Os pais foram questionados sobre quanto tempo achavam que os pais, em geral, levam para identificar o envolvimento de seus filhos em bullying. A maioria dos pais (41%; N=16) apontou que o tempo de identificação dependia de alguns aspectos, tais como: a *reação da criança* (18%; N=7), ao falar sobre o que está acontecendo e/ou mudar seus comportamentos usuais; as próprias *características da criança* (15%; N=6), já que algumas podem apresentar uma dificuldade em manifestar seus sentimentos, sendo difícil

a identificação de algum problema; a *atenção dos pais aos comportamentos dos filhos* (10%; N=4), que, ao estarem atentos, notariam alguma problemática; e o *auxílio da escola* (2,5%; N=1), com a ajuda dos professores para identificar casos de envolvimento em *bullying*.

“Se os pais pretão (sic) atenção nos seus filhos e as (sic) vezes nem percebem” (P22)

“De como a criança vai se comportar em casa e ter mudanças” (P43)

“Dependi (sic) da criança porque tem criança que já tinha um tipo de comportamento mais feixado (sic) ai fica difícil” (P54)

“Da atenção dos pais, das mudanças de comportamento dos filhos e da ajuda dos professores” (P72)

Quinze pais (38,5%) acreditavam que identificariam rápido o envolvimento de seus filhos. As explicações dadas para essa condição foram o *comportamento do próprio filho* (N=9), que manifestaria mudanças expressivas; a *fala dos filhos*, contando o que está acontecendo (2,5%, N=1) e pedindo para mudar de escola (5%, N=2); as *características da criança* (2,5%, N=1), com o pai pontuando que o filho é muito esperto; o *comportamento dos pais diante dos filhos*, conversando com eles (2,5%, N=1); e a *manifestação de comportamentos que são consequências do envolvimento em bullying* (2,5%, N=1), como tristeza e retraimento. Uma mãe (2,5%) disse que os pais deveriam conhecer mais seus filhos.

“Criança fica triste e depois fica sem amigo, aquele foi excluído” (P3)

“Porque eu converso muito com meu filho quando esta (sic) triste eu percebo” (P12)

“Quando o filho não querer ir mais a escola, ou pedir para ser transferido, porque ele chega e não comenta com os pais” (P16)

“Acho que os pais deveriam conhecer mais os seus filho (sic)” (P67)

Oito pais (20,5%) acreditavam que o tempo para identificação do envolvimento dos filhos seria demorado, já que a criança demora para demonstrar, não relatando (18%; N=7) e os pais demoram para perceber o que está acontecendo (2,5%; N=1). Uma mãe (2,5%) relatou que identificaria o envolvimento do filho por meio do carinho.

“Porque a criança demora para falar o que está acontecendo. E os pais (sic) demora para perceber” (P7)

“Porque a vítima tenta esconder o que esta (sic) acontecendo” (P62)

Envolvimento em bullying

A frequência de envolvimento em bullying foi analisada segundo a perspectiva dos próprios alunos, pares, professores e pais. Os dados de cada um desses participantes são discutidos a seguir.

Auto relato dos alunos.

Cerca de 42% dos 80 alunos participantes relataram algum envolvimento em bullying. Destes, 17,5% foram considerados exclusivamente vítimas, 16% vítimas-agressores e aproximadamente 9% apenas agressores. Dentre os 39 alunos (compreendidos na amostra de 80), em que os pais também participaram da pesquisa, aproximadamente 41% estavam envolvidos em bullying. Dentre os 39 alunos, 18% relataram ser vítimas, 15,4% vítimas-agressores e 7,7% agressores. Todas as condições de envolvimento foram referidas aos últimos seis meses anteriores à participação da pesquisa, como evidenciado no instrumento aplicado para avaliar o auto relato dos alunos (EVE, Stelko-Pereira & Williams, 2012).

Relato dos pares.

Os pares acreditavam que a maioria dos alunos (67,5%; N=54) não estavam envolvidos em bullying; 17,5% (N=14) estavam envolvidos, sendo 12,5% na condição de vítimas e 5% como vítimas-agressores. Não houve nenhuma indicação para a condição de somente agressor. Os pares não conseguiram avaliar a condição de 15% (N=12) dos alunos, afirmando que não sabiam responder.

Dentre os alunos que julgavam envolvidos em bullying, os pares foram convidados a avaliar também a duração de envolvimento do mesmo. O relato sobre a duração de envolvimento em bullying variou de três dias a dois anos, sendo que a maioria dos alunos (12,5%; N=10) foi apontada como estando envolvida em bullying há menos de um ano, sendo nove na condição de vítima (11%) e um (1,25%) na condição de vítima-agressor. Quatro alunos (5%) foram apontados como envolvidos há mais de um ano, com três (3,75%) na condição de vítima-agressor e um na condição de vítima (1,25%).

Relato dos professores.

Os professores relataram que a maioria dos alunos (92,5%; N=74) não estava envolvida em bullying. Apontaram que 7,5% (N=6) estavam envolvidos, com a maioria desses envolvidos na condição de vítima-agressor (3,75%; N=3), outros 2,5% (N=2) como vítimas e 1,25% (N=1) dos alunos como agressor.

Em relação à duração de envolvimento dos alunos avaliados como envolvidos em bullying, alguns professores não estimaram o tempo de envolvimento precisamente, indicando apenas que durava meses ou anos. Nota-se que para metade dos alunos avaliados pelos professores como envolvidos em bullying (3,75% da amostra total; N=3) foi relatado que estava envolvido há mais de um ano, sendo cada um em cada condição: vítima, agressor e vítima-agressor. Dentre os alunos apontados como envolvidos em bullying há menos de um ano (3,75%; N=3), dois (2,5%) foram avaliados na condição de vítima-agressor e um (1,25%) na condição de vítima.

Relato dos pais.

O relato dos pais sobre o envolvimento do filho em bullying foi avaliado segundo a perspectiva do envolvimento passado do filho em bullying (se o filho já havia se envolvido em bullying em algum momento que não no presente) e o presente (se o filho estava envolvido em bullying na época da realização da pesquisa). Em relação ao envolvimento passado do filho em bullying, cerca de 59% (N=23) dos pais não acreditavam que o filho tivesse se envolvido e 28% (N=11) acreditavam que seus filhos já tinham se envolvido em bullying. Aproximadamente 13% (N=5) dos pais pontuou não saber responder a questão. Dentre os pais que acreditavam no envolvimento passado do filho em bullying, cerca de 20,5% (N=8) pontuaram ser como vítima, 2,5% (N=1) como

agressor; 2,5% (N=1) como vítima-agressor; e um pai (2,5%) não respondeu ao tipo de envolvimento do filho.

Perguntados sobre o envolvimento presente do filho em bullying, aproximadamente 69% (N=27) dos pais relataram que não acreditava que o filho estivesse envolvido; 13% (N=5) acreditavam no envolvimento, sendo 10% na condição de vítima e 2,5% como vítima-agressor. Não houve relato para envolvimento como somente agressor. Cerca de 13% dos pais (N=5) afirmaram que não sabiam responder. Dois pais, o que representa 5% da amostra, não responderam a essa questão.

Em relação à duração de envolvimento do filho em bullying, o relato dos pais variou de três semanas a mais de dois anos. A maioria dos filhos (10%; N=4) foram avaliados como envolvidos há mais de dois anos, sendo três (7,5%) na condição de vítima e um (2,5%) na condição de vítima-agressor. Apenas um filho (2,5%) foi indicado como envolvido há três semanas, aqui na condição de vítima.

Comparativo do relato dos alunos, pares, professores e pais sobre envolvimento.

A Tabela 10 apresenta um comparativo entre os dados encontrados segundo o auto relato dos alunos, professores, pares e pais (dado do envolvimento presente) sobre o envolvimento dos alunos/filhos em bullying.

Tabela 10*Comparativo da frequência, condição e tempo de envolvimento em bullying segundo relato dos alunos, pares, professores e pais*

Participante	Envolvimento em bullying	Condição de envolvimento	Duração do envolvimento
Alunos ¹	Sim - 42% Não - 58%	Vítima - 17,5% Agressor - 9% Vítima-agressor - 16%	
Pares ¹	Sim - 17,5% Não - 67,5% Não sei - 15%	Vítima - 12,5% Agressor - 0% Vítima-agressor - 5%	Menos de um ano - 12,5% Vítima - 11% Vítima-agressor - 1,25% Mais de um ano - 5% Vítima - 1,25% Vítima-agressor - 3,75%
Professores ¹	Sim - 7,5% Não - 92,5% Não sei - 0%	Vítima - 2,5% Agressor - 1,25% Vítima-agressor - 3,75%	Mais de um ano - 3,75% Vítima - 1,25% Agressor - 1,25% Vítima-agressor - 1,25% Menos de um ano - 3,75% Vítima - 1,25% Vítima-agressor - 2,5%
Pais ^{2 3}	Sim - 13% Não - 69% Não sei - 13%	Vítima - 10% Agressor - 0% Vítima-agressor - 2,5%	Mais de dois anos - 10% Vítima - 7,5% Vítima-agressor - 2,5% Três semanas - 2,5% Vítima - 2,5%

Notas: ¹Porcentagens calculadas segundo total de 80 alunos; ²Porcentagens calculadas segundo total de 39 alunos; ³5% não responderam a questão.

Explicação dos pais para o envolvimento dos filhos em bullying

Os pais foram questionados sobre o motivo de apontarem seus filhos como envolvidos ou não em bullying, tanto no passado como no presente momento da pesquisa. Os dados foram divididos de acordo com o critério do pai achar que o filho havia se envolvido ou não em bullying.

Envolvimento em bullying no passado.

Os pais que acreditavam no envolvimento de seus filhos em bullying no passado (28%; N=5) apontaram como motivo mais frequente dessa crença o fato de terem *conhecimento das agressões* (13%; N= 5): “*Porque eu já presenciei*” (P41); “*Pois chamavam ele de magrelo, baixinho*” (P74). Outro motivo também apontado é o fato do *filho ter relatado* (7,5%; N= 3): “*Quando ele me contou*” (P40). Um pai (2,5%) apontou como motivo *sempre haver agressões na escola*: “*Me faz acreditar que sempre tem alguns engraçadinho (sic) que agem como agressor (sic) praticamente todos os dias*” (P34). Outro pai (2,5%) relatou a *mudança de comportamento do filho*: “*Pela mudança de comportamento*” (P68).

Para a crença de não envolvimento do filho (59% dos pais; N=23), os pais apontaram motivos ligados a relação que tinham com seus filhos e também o comportamento dos mesmos. As explicações mais citadas foram que o *filho teria contado* (13%; N=5); o fato de *conversarem sobre bullying e o pai dar modelos adequados de ação* diante de algum episódio (10%; N=4); o *filho ter amigos e se dar bem com eles e com os professores* (7,5%; N=3); o *filho ser feliz* (5%; N=2); e *filho não demonstrar estar envolvido, não contando e não apresentando mudanças em seu comportamento* (5%; N=2). Quatro pais que disseram não acreditarem no envolvimento do filho não responderam a essa questão. Abaixo, alguns exemplos de relatos dos pais:

“Porque eu converso muito com a minha filha. E sempre falo para ela, não fazer com os outros o que lea (sic) não quer para ela” (P7)

“Porque acha que se tivesse envolvido ela tinha falado” (P21)

“Ela sempre está feliz e fala bem dos colegas e professores e se dá super bem com eles, ela é bem tranquila” (P47)

Dentre os pais que não souberam avaliar o envolvimento passado do filho em bullying (13%; N=5), os motivos citados foram que o *filho teria contado* (2,5%; N=1); *filho nunca demonstrou* em seus comportamentos (2,5%; N=1); e que o *pai ainda em dúvidas* sobre isso (2,5%; N=1). Dois pais que indicaram não saber avaliar o envolvimento passado do filho em bullying não responderam a essa questão.

“Como disse na "4", não tenho certeza, mas fiquei com duvidas (sic) que até hoje fico atenta. Não sei se ele é simplesmente (sic) muito tímido (sic) ou de alguma forma ou motivo se isola, se afasta” (P72)

A Tabela 11 apresenta as categorias dos motivos apresentados pelos pais para a crença de envolvimento do filho ou não em bullying.

Tabela 11

Explicação dos pais segundo a crença de envolvimento ou não do filho em bullying no passado e a frequência de relato

Envolvimento/explicação	Frequência de relato
<i>Conhecimento parental: envolvimento do filho</i>	
Pai tem conhecimento das agressões	13%
Filho relatou	7,5%
Pai acredita que sempre há agressões na escola	2,5%
Mudança de comportamento do filho	2,5%
<i>Conhecimento parental: não envolvimento do filho</i>	
Relação pais/filhos	
Filho teria contado/ nunca contou	13%
Conversam sobre bullying, com pai dando modelos adequados de ação	10%
Comportamento do filho	
Tem amigos e se dá bem com eles e com professores	7,5%
É feliz	5%
Não demonstra (não relata/não muda o comportamento)	5%
Adora ir para a escola	2,5%
É carinhoso	2,5%
Não tem comportamentos indicativos de vítima	2,5%
Comportamento não mudou	2,5%
<i>Conhecimento parental: não soube falar</i>	
Filho teria contado	2,5%
Filho nunca demonstrou	2,5%
Pai tem dúvidas sobre o envolvimento	2,5%
<i>Pai não respondeu questão sobre envolvimento do filho</i>	
Se filho já passou por isso, não se importou	2,5%

Envolvimento em bullying no presente.

Em relação ao envolvimento atual do filho em bullying, os pais que acreditavam no envolvimento do filho (13%; N=5) apontaram como principal motivo o fato do mesmo ter *relatado o envolvimento* (5%; N=2). Outros pais apontaram também a *vulnerabilidade do filho para ser vítima* (2,5%; N=1), já que apresenta características físicas que podem ser usadas pelos agressores para agredi-lo; e a *fase de vida do filho*, considerando ser normal comportamentos de *bullying* na idade (2,5%; N=1). Uma mãe (2,5%) apontou as

características comportamentais da filha para explicar porque achava que ela estava envolvida: “*Não se interessa (sic) na coisa é porzitiva (sic) não tem juízo (...)*” (P52). Dois pais que acreditavam no envolvimento do filho não apresentaram explicações para tal.

“Ela sempre me conta” (P41)

“Por ela ser magra” (P69)

“Ele é menino e está com seus 13 anos. Esta fase eles tendem a zombar e brincar muito, mas falo para ele só brincar com quem não liga” (P77)

Quando os pais relatavam não acreditarem no envolvimento dos filhos em bullying (69%; N=27), as justificativas mais presentes em seus relatos foram: o *filho teria contado* se estivesse envolvido (20,5%; N=8); o fato do *comportamento do filho não ter mudado* (15%; N=6); pelas *conversas que têm com os filhos, os pais teriam notado algum indicativo*, que não estava presente (7,5%; N=3); e o fato do filho *ter amigos e se dar bem com outras pessoas* (7,5%; N=3). Quatro pais não explicaram porque não acreditavam no envolvimento dos filhos em bullying.

“Porque participo da vida de meus filhos, antes de ser mãe sou amiga, e eles não demonstrou mudança de comportamento” (P6)

“Ele nunca reclamou, se dá bem com todos e se algum colega fez ele não se importou” (P13)

Para os pais que não sabiam julgar o envolvimento dos filhos em bullying (13%; N=5), os motivos indicados foram a *vulnerabilidade do filho para ser potencial vítima*, por características que possuía (2,5%; N=1); o fato do *filho nunca ter demonstrado* por meio de comportamentos (2,5%; N=1) e também por *nunca ter relatado* (2,5%; N=1). Dois pais que apontaram não saber sobre o envolvimento do filho não explicaram o motivo.

“Como vítima (sic) talvez (sic), por ser tímido (sic) e gostar de estudar onde a maioria não quer saber de nada” (P72)

“Pois não tem reclamado” (P74)

Dois pais que não responderam a questão sobre o julgamento do envolvimento do filho em bullying também não responderam a essa questão. A Tabela 12 apresenta os motivos apontados pelos pais sobre suas crenças de envolvimento dos filhos sumariados.

Tabela 12

Explicação dos pais segundo a crença de envolvimento ou não do filho em bullying no presente e a frequência de relato

Envolvimento/explicação	Frequência de relato	N
<i>Crença parental: envolvimento do filho</i>		
Filho relatou	5%	2
Vulnerabilidade do filho para ser vítima (característica que possui)	2,5%	1
Fase da vida do filho (comportamentos de bullying são normais)	2,5%	1
Característica comportamental da criança (não se interessa por agressões / é positiva)	2,5%	1
<i>Crença parental: não envolvimento do filho</i>		
Relação pais/filhos		
Filho teria contado/ nunca contou	20,5%	8
Conversam sobre bullying, pai teria percebido	7,5%	3
Pai participa da vida dos filhos	2,5%	1
Pai pergunta para os amigos	2,5%	1
Comportamento do filho		
Comportamento não mudou	15%	6
Tem amigos/se dá bem com as pessoas	7,5%	3
Adora ir para a escola	2,5%	1
Se filho já passou por isso, não se importou	2,5%	1
Pessoa calma, que não gosta de brigas	2,5%	1
Não tem comportamentos indicativos de vítima	2,5%	1
Fica com adultos no recreio	2,5%	1
Filho prometeu que não praticaria bullying	2,5%	1
Outros	2,5%	1
<i>Crença parental: não soube falar</i>		
Vulnerabilidade do filho para ser vítima (característica física)	2,5%	1
Filho nunca demonstrou	2,5%	1
Filho não reclamou/contou	2,5%	1

Relato dos pais sobre condição de testemunha dos filhos

Ao serem questionados se seus filhos já haviam comentado testemunhar agressões de bullying, cerca de 67% (N=26) dos pais disseram que não; 28% (N=11) disseram que

sim e 5% (N=2) não souberam responder. Dentre os pais que responderam “Sim” à questão, foi questionado o que disseram para os filhos diante do relato do testemunho. A maioria dos pais deu conselhos para os filhos, de forma a não incentivar a prática de bullying: *não seguir o exemplo dessas pessoas* (10%; N=4); *não se envolver* (5%; N=2); e *aprender com a situação* (2,5%; N=1). Dois pais (5%) também aconselharam também o que fazer diante do testemunho: comunicar a direção da escola e contar para os pais.

“Toda vez que ela visse alguém (sic) fazer isso comunicar a direção”
(P41)

“Se algum dia acontecer isso fala (sic) para mim, tomar providencias (sic)”
(P48)

Alguns pais disseram aos filhos suas próprias opiniões sobre a prática de bullying (5%; N=2): *“eu falei para ele que essas pessoas que faz (sic) isso, não tem mais o que fazer”* (P7); e *“que o bullying não leva a nada”* (P16). Dois pais (5%) apontaram como o filho pode agir diante da vitimização do outro, tratando a vítima bem: *“trata bem e com educação a pessoa que estava seno vitima (sic)”* (P32). Um desses pais (P68) destacou a ajuda também para aquele que pratica o bullying: *“tentar ajudar quem fez e quem sofreu o bulling (sic)”*.

Duas mães (5%) que disseram que os filhos nunca testemunharam práticas de *bullying* também responderam à questão dissertativa. Uma dessas mães apenas reiterou que a filha nunca testemunhou bullying. A outra mãe relatou o que faria, caso o filho comentasse algum testemunho de bullying: *“conversar com os filhos, caso a*

desconfiança permaneça, ir a escola, conversar com professores, amigos, mas sem ser ofensivos (sic)” (P72).

Procedimentos adotados pelos pais diante do envolvimento dos filhos em bullying

Duas questões investigaram a reação dos pais diante do envolvimento dos filhos em bullying. Uma dessas questões investigava o conhecimento dos pais sobre como mesmos devem agir ao suspeitar/saber do envolvimento do filho em bullying; a outra investigava como o pai agiu diante do envolvimento de seu próprio filho.

Perspectiva dos pais sobre como agir diante do envolvimento do filho.

A Tabela 13 apresenta as medidas que os pais adotariam diante do envolvimento do filho em bullying.

Tabela 13

Perspectiva dos pais sobre como agir diante do envolvimento do filho

Reação dos pais	Frequência de relato	N
Conversar com o filho / dar conselhos	51%	20
Procurar a direção escolar	25,5%	10
Identificar os agressores e falar com eles e com seus pais	23%	9
Procurar ajuda profissional	18%	7
Acolhimento familiar (amor, carinho, confiança e ajuda na resolução do problema)	18%	7
Entender a motivação das agressões	10%	4
Uso de violência	7,5%	3
Procurar delegacia / autoridades criminais responsáveis	5%	2
Modelo familiar (dar exemplos de comportamentos adequados)	2,5%	1
Ignorar a agressão	2,5%	1

A maioria dos pais (51%; N=20) apontou que os pais devem conversar, aconselhando os filhos sobre como agir diante do envolvimento em bullying.

“Conversar (sic) com seu filho para ficar por dentro da situação” (P2)

“Os pais devem conversarem (sic) com seus filhos e explicar (sic) que isto é errado porque se você não quer para voce (sic) também não faça com os outros” (P26)

Dez pais (25,5%) disseram que procurariam a escola, buscando entender o que está acontecendo.

“Deve procurar a escola e saber sobre seus direitos” (P19)

“Ir a escola conversa (sic) com os professores e diretora porque isso não pode deixa acontecer (sic) com as crianças” (P38)

Nove pais (23%) pontuaram que procurariam *“saber quem esta (sic) fazendo e (sic) bullying contra eles e falar com os pais” (P22)*, *“dizer que ele deve parar com isso e tratar, de pessoa (sic) com educação” (P32)*. Alguns pais (18%; N=7) disseram também que procurariam ajuda de um profissional: *“procurar ajuda das: assintente (sic), conselho e órgão (sic) que possa ajudar no problema” (P22)*. Sete pais (18%) apontaram que também acolheriam o filho, demonstrando carinho, confiança e buscando soluções para o problema: *“ajudar a criança a parar de sofrer, resolver esse poblema (sic) e fazer com que a agressões parem com isso” (P42)*; *“dar muito amor e carinho para seu filho” (P47)*.

O uso da violência foi apontado por três pais (7,5%). Eles disseram que bateriam nos filhos caso soubessem do envolvimento dos mesmos em bullying.

“Eu ia bater, ou convencer (sic) com ela para não fazer mais isso” (P1)

“Pois bem, se ele for o agressor eu o punia severamente, se fosse (sic) o agredido e as causas lhe trouxeram problemas, eu procuraria um profissional” (P4)

“Na minha opinião, mesmo que não seja a opinião de vocês, no meu caso eu daria uma bela de uma surra. Porque eu sei que conversando com ela não iria resolver, e ela ia voltar a fazer de novo” (P7)

Um pai (2,5%) indicou que não sabia responder à questão. Dois pais (5%) não responderam a essa questão.

Procedimentos adotados pelos pais diante do real envolvimento do filho.

Os pais que acreditavam no envolvimento do filho em bullying, tanto no passado como no momento presente da pesquisa, foram convidados a responder uma questão sobre suas reações ao saber/desconfiar do envolvimento. Apenas oito pais (20%) responderam a essa questão.

Três pais (7,5%) disseram que conversaram com os filhos: procurando entendê-lo (2,5%; N=1); aconselhando-os a procurar a diretoria da escola (2,5%; N=1); e a não dar importância para as agressões, de modo a ver as coisas de uma forma positiva (2,5%; N=1).

“Perguntei para ela se ela tinha falado com a diretora e ela disse que sim e ela falou que eu não precisava (sic) ir até lá na escola porque a diretora já tinha resolvido com os alunos” (P26)

“Dei conselho para ver as coisas de maneira diferente, positiva que não desse muita importancia (sic) pra isto” (P52)

“Procuramos conversar com ele e entende-lo (sic)” (P74)

Dois pais (5%) disseram que foram até a escola conversar com a diretoria sobre o problema. Dois pais (5%) apontaram consequências emocionais diante do envolvimento do filho: *“Fiquei muto (sic) envergonhada” (P40)*; *“Ficamos tristes” (P42)*. Uma mãe (2,5%) disse que chegou a ir conversar com os pais da outra criança envolvida: *“Fui converssar (sic) com os pais da crinaça (sic) antes que toma-se (sic) consequencias (sic) mais sérias” (P68)*. Outra mãe disse que não fez nada: *“Nada porque não tive consequências” (P69)*.

Esses pais foram questionados também se acreditavam que suas reações tinham ajudado seus filhos. A maioria dos respondentes (18%; N=7), acreditava que suas reações haviam ajudado seus filhos; 5% (N=2) disseram que não; e 2,5% dos pais (N=1) apontaram que não sabiam responder. Cerca de 74,5% dos pais não responderam a essa questão.

Discussão

A pesquisa teve como objetivo principal investigar a perspectiva de pais sobre bullying, analisando sua compreensão sobre a definição do termo, consequências, indicadores de envolvimento, identificação do envolvimento dos filhos, duração do envolvimento dos mesmos e procedimentos adotados diante do envolvimento. Poucos estudos sobre essas variáveis foram encontrados na revisão bibliográfica realizada. Mesmo assim, os dados apresentados apontam evidências de que os pais tendem a ter um conhecimento sobre os condicionantes do bullying. Algumas pesquisas indicam um bom entendimento dos pais sobre o fenômeno, suas consequências e procedimentos a serem adotados diante do envolvimento dos filhos (Compton et al., 2014; Cooper & Nickerson, 2013; Flória, 2011; Holt et al., 2009; Plan, 2010; Purcell, 2012; Sawyer et al., 2011; Waasdorp et al., 2011). No entanto, notou-se uma dificuldade dos mesmos em identificar o envolvimento dos próprios filhos em bullying (del Carmem et al., 2008; Flória; Holt et al.; Mishna et al.; Sawyer et al.; Purcell). Desse modo, esperava-se que os dados coletados a partir da presente pesquisa indicassem essa mesma tendência: pais com um conhecimento sobre o fenômeno, porém com déficit na identificação do envolvimento dos filhos.

Objetivou-se também investigar a frequência de situações de bullying nos alunos participantes da pesquisa, de acordo com o relato dos mesmos, dos pares e dos professores, como uma forma de suporte e comparação com os dados sobre identificação de envolvimento coletados com os próprios pais. De acordo com uma metanálise conduzida por Achenbach, McConaughy e Howell (1987) e com os achados da pesquisa de Ladd e Kochenderfer-Ladd (2002), esperava-se encontrar um baixo grau de similaridade entre os relatos dos próprios alunos e outros informantes, uma vez que os autos relatos são mais suscetíveis a vieses subjetivos (distorções devido a influências psíquicas e emocionais), apresentando, assim, maior frequência de envolvimento que o

restante dos informantes. Hipotetizava-se também que os relatos dos pais e professores teriam maiores similaridades com os relatos dos próprios alunos, já que esses compartilham um contexto comum de vivência, a escola (Achenbach et al.; Ladd & Kochenderfer-Ladd). Os pais, por sua vez, apresentariam a maior disparidade sobre a frequência de envolvimento dos alunos em relação aos alunos, professores e pais, já que não participam ativamente do mesmo ambiente escolar que os últimos (Achenbach et al.; Ladd & Kochenderfer-Ladd). Uma possível explicação para isso é que os pais, não tendo acesso às agressões de forma direta, por meio de observações, teriam menores oportunidades de identificar o envolvimento dos filhos em bullying, dependendo de outras estratégias para chegar a essa conclusão, como, por exemplo, a conversa com os mesmos e/ou com a escola (Achenbach et al.; Ladd & Kochenderfer-Ladd).

Nota-se que uma alta taxa de alunos relatou estar envolvida em bullying, sendo a maioria como vítima ou vítima-agressor. Resultados similares foram relatados em estudos anteriores (Fante, 2005; Pinheiro & Williams, 2009; Plan, 2010). A média de envolvimento dos estudantes brasileiros descrita por Fante e Pedra (2008) é relativa a 45%. Pinheiro e Williams relatam que 49% dos alunos participantes de sua pesquisa indicaram envolvimento em bullying, número próximo do encontrado na amostra aqui estudada (42%). Pode-se sugerir, assim, que a amostra selecionada para o presente estudo apresenta similaridade com as médias de envolvimento dos estudantes brasileiros.

A frequência de envolvimento em bullying relatada pelos próprios alunos que tiveram pais também como participantes da pesquisa mostrou-se similar à da amostra total dos alunos participantes da pesquisa. Em relação às categorias de envolvimento, o mesmo pôde ser percebido: as frequências de envolvimento em cada uma das condições pontuadas (vítima, agressor e vítima-agressor) foram similares às da amostra total de alunos analisada. Tais indicativos sustentam a condição de que os pais que participaram

da pesquisa têm filhos com características similares aos do restante da amostra no que se refere ao envolvimento dos mesmos em bullying. Isso possibilita sugerir que os dados relativos a perspectiva dos pais sobre bullying aqui apresentados não são tendenciados pelas próprias características dos filhos relacionadas a esse fenômeno, uma vez que esses apresentam similaridades em relação ao envolvimento em bullying com a amostra total estudada.

O relato de envolvimento em bullying pelos próprios alunos, pares, professores e pais mostrou-se bastante discrepante. Enquanto que o auto relato dos alunos aproximou-se da taxa de 40% para envolvimento em bullying, o relato dos professores, pares e pais não ultrapassou os 20%. Medidas diferentes foram usadas por cada participante para estimar a taxa de envolvimento em bullying. Enquanto os alunos responderam a uma escala indicando a frequência de comportamentos de vitimização e autoria, os pais, professores e pares apontaram se achavam que dado aluno/filho estava envolvido em bullying e em qual condição.

Tal metodologia pode ter contribuído para que resultados díspares aparecessem entre os alunos e o restante dos participantes. A escala utilizada para medir o envolvimento em bullying nos alunos pode ser mais sensível aos comportamentos dos mesmos, em comparação a somente perguntar a perspectiva dos participantes sobre o envolvimento e a condição.

Além disso, outra variável também deve ser considerada como explicativa para a discrepância de frequência de envolvimento entre os participantes. Alguns autores apontam que os autos relatos apresentam medidas mais sensíveis a vieses subjetivos (influências psíquicas e emocionais), o que acarreta um relato de maior frequência de envolvimento ao ser comparado a medidas de terceiros (Achenbach et al., 1987; Ladd & Kochenderfer-Ladd, 2002).

Como descrito anteriormente, era esperado que o relato dos pais fosse o mais discrepante entre todos os participantes sobre a frequência de envolvimento dos alunos. Esperava-se também que os relatos dos professores e pares apresentassem maior proximidade entre si, por dividirem o mesmo contexto de convivência, a escola, podendo ter contato mais de perto com as agressões cometidas e sofridas (Achenbach et al., 1987; Ladd & Kochenderfer-Ladd, 2002). Contrariamente ao esperado, foi o relato dos pais que apresentou maior similaridade com o relato dos pares, sendo que o relato dos professores foi aquele que apresentou maior disparidade entre os demais. O relato dos pares foi o que mais se aproximou do auto relato dos alunos. Tais dados sugerem que o fato de compartilhar o mesmo ambiente, em que as agressões supostamente ocorrem, não garante que a identificação de casos será mais facilitada. Outros condicionantes podem estar operando, de modo a influenciar a capacidade de identificação de casos de bullying, tanto pelos pais, como pelos professores e pares.

O método de Indicação Sociométrica para seleção dos pares e professores foi escolhido por tender a indicar participantes que, por serem considerados “populares”, pudessem ter maior contato com os alunos participantes da pesquisa. Dada condição pode sugerir a possibilidade de que os pares e professores não tivessem maior contato com os alunos, dificultando suas capacidades de julgar o envolvimento dos mesmos.

Algumas contribuições de Ladd e Kochenderfer-Ladd (2002) podem ajudar a explicar as divergências de relato entre alunos, pares e professores: além do viés subjetivo já citado ao auto relato dos alunos (p.ex., exagero de frequência, severidade), pode ser que esse tenha sido inflacionado pelo fato dos jovens incluírem em suas estimativas mais instâncias de abuso do que os pares e professores podem testemunhar ou relatar (p.ex., abusos que ocorrem fora do campo de visão dos pares ou professores). Por mais que compartilhem informações em comum sobre os alunos, por testemunharem os mesmos

eventos na escola, os pares e professores também apresentam conhecimentos singulares de cada aluno, talvez porque os veem em contextos diferentes (p.ex., somente sala de aula vs. sala de aula e pátio da escola), têm acesso a culturas diferentes (p.ex., focos entre os alunos vs. sala dos professores) e têm diferentes habilidades como observadores (Ladd & Kochenderfer-Ladd, 2002).

As agressões podem acontecer em ambientes mais isolados, fora do campo de visão dos professores e/ou pares, dificultando sua identificação e relato. Como o relato dos pares foi o que apresentou maior proximidade com o relato dos próprios alunos, pode-se supor que os pares tenham maior contato com últimos, compartilhando ambientes em comum (Barrio et al., 2001; Pakaslahti & Keltikangas-Jarvinen, 2000). Além disso, pesquisas anteriores apontaram que os pares parecem ser mais atentos, notando com maior facilidade quem se envolve nos episódios de agressão (Barrio et al., 2001; Perry, Kusel, & Perry, 1988).

Outra possível explicação pode ser a de que os alunos costumem relatar casos de bullying com maior frequência para seus colegas do que para pais e professores. Alguns estudos indicam que os alunos tendem a relatar com mais frequência para amigos do que para os professores (Lima, 2013; Stelko-Pereira, Albuquerque & Williams, 2012). Em relação aos pais, há uma divergência entre os estudos encontrados. Stelko-Pereira et al. observaram que o relato para os pais tende a ser o mais frequente. No entanto, alguns autores apoiam a ideia de que nem sempre isso acontece (Floria, 2011; Holt et al., 2009; Waasdorp & Bradshaw, 2009).

Uma terceira hipótese pode se pautar em um discernimento maior dos pares para diferenciar comportamentos de bullying e comportamentos comuns da idade. Mishna et al. (2008) apontaram que os adultos têm relatado dificuldade em identificar se uma discussão entre amigos é o comportamento social típico ou uma troca de bullying. Os

pares, por conviverem diariamente com os alunos e por terem os padrões de comportamento similares (comuns a uma mesma geração e que podem diferir de gerações anteriores), podem apresentar facilidade em discriminar o que tais comportamentos agressivos podem indicar, conseguindo julgar melhor o envolvimento de seus colegas em situações de bullying.

Em relação à divergência de relato entre professores e pais, pode-se sugerir o fato dos pais passarem mais tempo com os filhos do que os professores de matérias específicas tendem a passar com seus alunos. Por mais que dividam o mesmo ambiente com os alunos (escola), os professores podem ter poucas aulas por semana com cada sala, apresentando, assim, um menor tempo de contato com os alunos.

Em relação à identificação da condição de envolvimento em bullying, nota-se uma tendência no relato dos pares e pais a identificarem um maior número de vítimas em detrimento das demais categorias de envolvimento. Esse resultado pode estar relacionado com o maior conhecimento que os pais apresentam em relação a categoria de vítima. Quando questionados, os pais apresentaram maior número de consequências para o envolvimento como vítima do que para a condição de agressor. Além disso, suas perspectivas sobre os indicadores de envolvimento apresentaram variados exemplos correlacionados pela literatura a essa condição.

Contrariamente ao auto relato dos alunos, houve apenas uma indicação para a condição de agressor, presente no relato de um professor. Por ser uma categoria que apresenta uma implicação negativa, já que envolve o comportamento agressivo em relação a outra pessoa, pode ser que esses participantes tenham tido medo de retaliação da direção da escola e de cometer injustiças ao indicar possíveis envolvidos. Outra possível explicação é que os participantes, principalmente pais e professores, tenham ficado envergonhados em relatar o envolvimento de algum aluno/filho como agressor.

Tal medida implicaria afirmar que tinham conhecimento dos casos, mas que não tomaram nenhuma atitude para intervir. Uma condição que pode ajudar a sustentar essa hipótese é uma maior indicação pelos pais, pares e professores de casos de vítima-agressor em detrimento de somente agressor. A categoria de vítima-agressor pode ser mais aceita socialmente, já que carrega uma justificativa para as agressões, o fato de já ter sido ou ainda ser vítima.

Um dado preocupante é sobre o tempo de envolvimento dos alunos em bullying, segundo o relato dos pais, professores e pares. Mesmo apresentando relatos bastante discrepantes entre si, nota-se a grande duração de tempo que os alunos identificados como envolvidos em bullying encontravam-se nessa situação, sendo o mínimo de três semanas e o máximo há mais de dois anos – ambos os extremos apresentados pelos próprios pais. Enquanto os pares identificaram que a maioria dos casos eram relativos há menos de um ano de envolvimento, pais e professores relataram que a maioria dos filhos/alunos estava envolvido há mais de um ano em situações de bullying. Essa diferença entre o relato dos pares, dos pais e professores pode indicar um déficit na identificação de casos mais recentes por parte dos professores e pais – eles acabam identificando, na maior parte das vezes, apenas casos que apresentam maior tempo de envolvimento. Dessa forma, as intervenções aos casos acabam sendo mais tardias, o que pode acarretar em um agravamento das consequências relacionadas ao envolvimento para todas as partes, tornando-se mais frequentes e, possivelmente, mais severas, tanto em curto, como em longo prazo.

Mesmo sabendo que diferenças entre o relato de alunos, pares, professores e pais sobre envolvimento em bullying é algo esperado e relatado na literatura da área, ainda é imperativa a dificuldade que esses membros apresentam na identificação de casos. Pesquisas anteriores apontaram a dificuldade dos pais em identificar o envolvimento dos

filhos em bullying (del Carmem et al., 2008; Holt et al., 2009; Flória, 2011; Mishna et al., 2008; Sawyer et al., 2011). Nessas pesquisas, os pais tendiam a relatar um menor índice de envolvimento em bullying do que os próprios filhos. Além disso, quando havia um indicativo de envolvimento, a condição de vítima era a mais relatada pelos pais. Percebe-se que os dados aqui relatados levam à mesma conclusão, com maior taxa de envolvimento em bullying relatada pelos filhos ao ser comparada com o relato dos pais. Além disso, a indicação dos pais sobre a condição de envolvimento do filho foi expressiva para a categoria vítima.

Ainda há poucos relatos na literatura sobre variáveis que influenciam na identificação, por parte dos pais, do envolvimento de seus filhos em bullying. Uma possível explicação para a baixa identificação é o pouco conhecimento que os pais apresentam sobre o fenômeno. Esse fato pode, ainda, ressaltar a dificuldade que os mesmos têm em diferenciar casos de bullying de comportamentos sociais típicos da idade. Tal condição foi relatada por diferentes autores (Flória, 2011; Mishna et al. 2008; Purcell, 2012, Plan, 2010).

A maioria dos pais definiu o bullying a partir de exemplos de práticas, dando maior ênfase ao bullying verbal, seguido pelo indireto/relacional e, por último, o bullying físico. Essa condição pode ser observada também nos dados apresentados por Flória (2011) e Sawyer et al. (2011), em que os pais adotaram a mesma estratégia de definir o bullying por meio de formas de prática.

O fato do bullying verbal ser o mais citado pelos pais pode ser explicado pela possibilidade de ser o mais frequente entre os alunos participantes da pesquisa, sendo mais fácil de ser identificado. Nenhum pai citou exemplos de bullying sexual e cyberbullying. Esses tipos de prática podem não ser comuns entre os alunos participantes

da pesquisa, podendo levar a um menor conhecimento dos pais sobre a existência das mesmas.

A tendência de apontar alguns tipos de bullying de forma mais frequente que outros pode também estar positivamente correlacionada com o nível de preocupação que apresentam com cada um deles. Cooper e Nickerson (2013) encontraram que o tipo de bullying que apresenta maior preocupação dos pais é o verbal, seguido pelo relacional. O mínimo de preocupação foi relatado para o cyberbullying e o bullying físico (Cooper & Nickerson, 2013). A não menção ao cyberbullying também pode ser explicada pelo desconhecimento dos pais, já que é uma categoria nova apontada pelos teóricos da área (Cooper & Nickerson, 2013).

Os pais também explicaram o bullying como sendo uma prática discriminativa e preconceituosa, apontando que este se caracteriza por práticas de maus-tratos/violência, com consequências negativas para aqueles que sofrem. Não houve menção a nenhum aspecto que pudesse ser elencado como uma categoria definidora de bullying, assim como é apontado pela literatura científica da área. Isso mostra-se em dissonância com os achados de pesquisas anteriores (Compton et al., 2014; Floria, 2011; Humphrey & Crisp, 2008; Sawyer et al., 2011), em que os pais apontaram pelo menos uma dessas categorias como definidoras do bullying: (1) a intencionalidade da agressão; (2) a prolongação do tempo do ato; e (3) o desequilíbrio de poder físico, psicológico ou social dos envolvidos (Olweus, 1993).

A definição científica sobre bullying foi ofertada aos pais após o questionamento sobre seus próprios conhecimentos, contendo a indicação das três categorias apontadas por Olweus (1993). Pela proximidade da questão e apresentação da definição do fenômeno, poder-se-ia sugerir que os pais consultariam tal definição antes de responder a questão inicial, limitando as discussões sobre esses dados. No entanto, as próprias

respostas apresentadas pelos pais nessa questão apontam que isso não foi seguido. Nenhum pai relatou as categorias definidoras de bullying apresentadas na descrição ofertada. Os exemplos usados pelos mesmos para indicar formas de bullying também não foram citados diretamente nessa descrição. Pode-se supor que a definição de bullying apresentada parece não ter influenciado ou influenciado pouco a resposta dos pais.

Notou-se que os pais conseguiram elencar mais consequências para o envolvimento como vítima do que para agressores. Essa condição pode ser explicada pela maior visibilidade que a condição de vítima apresenta para a sociedade como um todo, com consequências mais claras e frequentes (Floria, 2011). Há uma tendência a dar maior atenção aos vitimados em detrimento dos agressores, defendendo-os. Os agressores, por serem acusados pelas agressões desferidas, tornam-se culpados, o que, socialmente, é visto como algo a ser punido e sem merecimento de maiores cuidados. Assim, não há uma discussão mais aberta das consequências atreladas ao caráter do agressor, apenas destacando-se o merecimento de punições severas. Tal condição pode explicar também o fato da maioria dos pais apontarem que os agressores não sofrem nenhuma consequência pelo envolvimento em bullying.

Em relação às consequências apontadas para a condição de vítima, nota-se que os pais conseguiram elencar diferentes variações: emocionais, sociais, físicas e escolares. O relato dos pais mostrou-se bastante convergente com o que a literatura da área aponta como reais consequências do envolvimento (Albuquerque et al., 2013; Campbell, 2004; Scholte et al., 2007; Cubas, 2007; Lopes Neto & Saavedra, 2003; Olweus, 1993; Ttofi et al., 2011a,b). Isso sugere um conhecimento inicial dos mesmos sobre as consequências de envolvimento em bullying como vítima. Os dados da pesquisa de Sawyer et al. (2011) também mostram-se convergentes com os relatos dos pais aqui pesquisados: muitos

citaram a falta de motivação para ir à escola como efeito da vitimização, além de consequências psicológicas e emocionais, como depressão e ansiedade.

A categoria de consequências emocionais foi a que recebeu maior destaque, com uma frequência maior de citações. As categorias de consequências físicas e escolares foram as que receberam menor destaque no relato dos pais. A literatura aponta com maior frequência consequências emocionais (Albuquerque et al., 2013; Cubas, 2007; Lopes Neto & Saavedra, 2003; Olweus, 1993; Ttofi et al., 2011a,b). Dada condição pode representar uma maior discussão pela mídia, por exemplo, desse tipo de consequências, podendo explicar, assim, a alta frequência de citação pelos pais.

Não há muitos relatos sobre consequências físicas relacionadas ao envolvimento como vítimas, a não ser aquelas diretamente associadas às agressões, como os hematomas. Além disso, nenhum dos pais mencionou a emissão de comportamentos agressivos, o que pode estar muito relacionado a condição de vitimização (Olweus; 1993; de Moura, Cruz & Quevedo; 2011; Calbo, Busnello, Rigoli, Schaefer, & Kristensen, 2009).

Houve também baixa menção às condições escolares, bastante relatada pela literatura (Plan, 2010; Olweus, 1993). As consequências ligadas ao caráter escolar podem ser de difícil identificação, uma vez que podem depender de um acompanhamento mais ativo dos pais. A falta de vontade de ir à escola muitas vezes é correlacionada com a expressão verbal do filho sobre isso, que pode não relatar verbalmente, mas sim manifestar por meio de comportamentos outros com função de fuga-esquiva da escola. O rendimento escolar, por sua vez, requer um acompanhamento direto dos pais, por meio de questionamentos frequentes aos filhos e também a observação das notas escolares, além de conversas com o corpo docente. Assim, esses comportamentos podem não ser

típicos dos pais, que costumeiramente esperam, de forma passiva, uma manifestação mais ativa do próprio filho.

Mesmo com uma baixa frequência de citação pelos pais, as consequências associadas a condição de agressor também apresentaram bastante consonância com as que a literatura aponta. O comportamento violento em outros contextos, como no ambiente familiar e no trabalho, e o comportamento de risco/antissociais foram consequências apontadas pelos pais e que são frequentemente citadas pela literatura da área como principalmente associadas à condição de agressor (Albuquerque et al., 2013; Craig & Pepler, 2003; de Matos & Gonçalves, 2009; Floria et al., 2014; Olweus, 2013).

É interessante notar como alguns pais apontaram também, características relacionadas aos agressores, descrevendo um perfil comportamental dos mesmos. A alta autoconfiança em seu poder, insensibilidade e prazer em prejudicar a vítima, e dificuldades comportamentais/emocionais são condições apontadas pela literatura da área que podem estar relacionadas ao perfil de um agressor (Lopes Neto & Saavedra, 2003; Olweus, 1978; Olweus, 1995). O prazer em prejudicar a vítima e a alta autoconfiança em seu poder podem estar relacionados à própria definição sobre o bullying, em que há o destaque para a condição da intencionalidade do ato e o desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Em relação às consequências que os pais observaram em seus próprios filhos, verifica-se a mesma tendência de respostas que os pais tiveram quando questionados sobre possíveis consequências de envolvimento. Foram citadas consequências relacionadas ao caráter emocional, social e escolar, sendo a condição emocional a mais citada. Percebe-se que a maioria das consequências apontadas pelos pais remetia-se à condição de vítima, com nenhuma menção a consequências descritas como relacionadas a agressores. Nota-se também uma maior frequência de consequências em curto prazo em

comparação aquelas citadas em longo prazo, sendo que apenas dois pais citaram consequências nessa condição.

Observa-se que uma notável parcela de pais apontou que seus filhos não haviam apresentado nenhuma consequência de envolvimento em bullying, tanto em curto como em longo prazo. Esse dado pode sugerir uma baixa percepção dos pais sobre os comportamentos dos filhos. É esperado que, ao se envolverem em bullying, os filhos manifestem comportamentos (verbais e não-verbais) que indiquem alguma mudança em sua vida cotidiana. Mesmo não apresentando um alto grau de severidade, o envolvimento em situações de violência pode acarretar consequências para a vida do indivíduo. Como essas consequências podem apresentar-se de forma mais discreta, sem aparentar grandes mudanças ao padrão comportamental cotidiano do indivíduo, ela pode ser mais difícil de ser identificada. Com isso, tem-se a impressão de que não houve a manifestação de nenhuma consequência, porém o indivíduo pode estar sofrendo de forma mais contida.

Os pais conseguiram citar espontaneamente variados indicadores de envolvimento em bullying. Sabe-se que as próprias consequências despertadas pelo envolvimento podem se manifestar como sintomas e sinais que auxiliam na identificação dos casos (Lopes Neto, 2009; Olweus, 1993). Como os pais apresentaram um conhecimento sobre consequências de envolvimento em bullying, era esperado que o mesmo acontecesse com os indicadores de envolvimento.

Nota-se que os indicadores de envolvimento mais citados pelos pais são relativos a condição escolar e social do filho, com a falta de vontade de ir à escola e o isolamento social apresentando maior frequência de relato. É importante ressaltar que a falta de vontade de ir à escola foi uma condição citada no próprio instrumento para exemplificar o que estava sendo requerido como resposta, o que pode ter influenciado os pais a indicarem dado aspecto. A agressividade em outros ambientes também recebeu destaque

no relato dos pais, sendo a característica emocional com mais frequência de relato dos pais. Resultado similar foi encontrado na pesquisa de Flória (2011), com a maioria dos pais também apontando, quando questionados abertamente, a agressividade/irritabilidade como um indicador de envolvimento em bullying. Alguns pais, espontaneamente, apresentaram indicadores de envolvimento distintos para a condição de vítima e para a condição de agressor, similarmente ao ocorrido com os pais da pesquisa de Flória (2011).

Mesmo havendo um grande número de indicadores citados pelos pais, nota-se que a frequência de pais que apontaram os mesmos foi baixa. Todas as condições citadas tinham um índice de indicação abaixo de 25% (com exceção do indicador “*falta de vontade de ir à escola*”), o que pode sugerir pouco conhecimento dos pais sobre esse aspecto.

Muitos pais ressaltaram o relato dos filhos como condicionante primordial para a crença de envolvimento ou não do filho em bullying. Os pais tendiam a acreditar que os filhos estavam ou não envolvidos em bullying pelo fato desse último ter ou não relatado seu envolvimento. Essa postura passiva (esperar o relato do filho), somada ao baixo nível de identificação dos casos pelos pais, sugere que uma baixa porcentagem dos filhos esteja relatando o envolvimento, corroborando a literatura da área (Beane, 2010; Holt et al., 2009; Stelko-Pereira et al., 2012).

Em muitos casos, os jovens podem não relatar verbalmente seu envolvimento em situações de bullying por terem sido ensinadas de que é errado “entregar” o agressor para adultos responsáveis e que isso pode ser ruim para eles, já que ficariam taxados como “dedo-duro” (Beane, 2010). Podem achar também que os adultos responsáveis não tomarão qualquer medida para auxiliá-los, muitas vezes por já terem presenciado o fato dos professores não agirem diante de situações semelhantes (Beane, 2010; Stelko-Pereira et al., 2012). Além disso, podem achar que o envolvimento de adultos pode tornar a

situação ainda pior, aumentando a frequência e/ou intensidade dos episódios de agressão; por acharem que são culpados pelas intimidações; e por não quererem preocupar os adultos com seus próprios problemas (Beane, 2010).

Esse procedimento parece não ser, assim, o mais confiável para determinar o envolvimento em bullying e pode ajudar a explicar a baixa identificação dos casos de bullying pelos pais. O baixo relato dos filhos sobre ter testemunhado situações de bullying parece ser outro exemplo de como essa estratégia possa não ser a mais viável. A maioria dos pais indicou que os filhos nunca falaram sobre testemunhar situações de bullying.

Mesmo com indicativos de uma postura passiva dos pais para a identificação do envolvimento dos filhos, ainda nota-se uma preocupação de alguns pais em observar os comportamentos desses últimos, como, por exemplo, seu relacionamento com amigos e professores e possíveis mudanças comportamentais. Dada condição foi apontada tanto por alguns pais ao relatarem possíveis indicadores de envolvimento, condicionantes que influenciam o tempo de identificação do envolvimento do filho e também como justificativa para o envolvimento ou não do filho em bullying.

A perspectiva de pais sobre o tempo para identificação de envolvimento dos filhos é um aspecto pouco estudado por teóricos da área. Foram encontrados dados referentes a isso somente na pesquisa de Flória (2011), demonstrando ser uma preocupação recente. Os resultados relatados aqui se mostraram condizentes com os relatados por Flória (2011), com grande parte dos pais acreditando que o tempo para identificação de envolvimento dos filhos em bullying dependia de alguns aspectos, como a reação do jovem ao ocorrido e a atenção da família aos comportamentos do mesmo.

Os pais apontaram os comportamentos dos filhos (reações diante do envolvimento) como os principais aspectos condicionantes para a identificação de envolvimento dos mesmos. Isso pode ser observado tanto no relato dos pais que

acreditavam que o tempo de identificação era dependente de alguns aspectos, quanto daqueles que acreditavam que seria rápido ou demorado.

Esses dados sugerem que alguns pais tendem a uma maior observação do comportamento dos filhos, não esperando somente seu relato verbal, ainda que essa seja a medida mais frequentemente adotada. Tal fato manifesta-se como algo favorável à condição de identificação dos pais sobre o envolvimento dos filhos. No entanto, nota-se que ainda há um grande déficit nessa direção, o que levanta questionamentos se a observação dos pais está sendo realmente posta em prática e, se sim, de forma precisa, ajudando a identificar mais casos de envolvimento. Pode ser que a maioria dos casos identificados pelos pais como envolvidos em bullying tenham um histórico de relato dos filhos. Inicialmente, os pais podem adotar uma postura passiva, esperando o relato dos filhos. Somente após essa confirmação, passam a adotar uma postura ativa, observando o comportamento dos mesmos. Sugere-se, assim, que os pais tornam-se dependentes do próprio filho, esperando que o mesmo apresente um sinal de que algo não está bem, para, só então, adotar estratégias de supervisão e auxílio mais ativas.

Em relação aos procedimentos adotados pelos pais diante do envolvimento do filho em bullying, notou-se uma tendência a uma postura mais ativa. A principal estratégia citada por eles, tanto na questão em que se investigava seu conhecimento sobre os procedimentos, como também no relato sobre o que fizeram diante do real envolvimento do filho, refere-se a conversar com o mesmo, acolhendo-o e dando conselhos. A procura da direção escolar também foi um procedimento bastante citado pelos pais. Alguns deles, inclusive, aconselharam os próprios filhos a procurarem responsáveis na escola que pudessem ajudá-los diante das agressões. Outra medida bastante citada pelos pais foi procurar ajuda de profissionais como psicólogos, assistentes sociais e conselheiros tutelares. Todos esses procedimentos convergem com os dados apontados pela literatura

da área: a medida de auxílio mais citada é relativa a conversa com os filhos, seguida da procura pela direção escolar, e de profissionais que possam ajudar os filhos a solucionar os conflitos (Cooper & Nickerson, 2013; Floria, 2011; Holt et al., 2009; Purcell, 2012; Sawyer et al., 2011; Waasdorp, et al., 2011).

É interessante notar que alguns pais indicaram também uma postura ativa frente ao relato de testemunho de episódios de bullying pelos filhos. Esses pais ressaltaram a importância dos mesmos ajudarem as vítimas e também agressores envolvidos nos episódios de bullying testemunhados. Essa estratégia reforça ainda mais a postura ativa desses pais diante da identificação de casos de bullying, transmitindo aos filhos essa postura.

Essa postura ativa frente ao envolvimento do filho em bullying pode ser indicativa de uma crença assertiva dos pais sobre a vitimização entre pares. Como evidenciado por Troop-Gordon e Gerardy (2012), o tipo de crença parental (normativa, evitativa ou assertiva) pode mediar a escolha dos comportamentos que os pais emitem diante do envolvimento dos filhos em situações de vitimização.

No entanto, nem todos os pais participantes da pesquisa parecem compartilhar dessa crença assertiva, apresentando conselhos de enfrentamento às agressões. Um pai destacou a relevância do filho não dar importância para as agressões sofridas, demonstrando uma postura de evitação diante do envolvimento. Dentre os pais que relataram que os filhos já haviam comentado ter testemunhado episódios de bullying, alguns aconselharam os mesmos a adotarem estratégias passivas diante do testemunho, dizendo para não se envolverem nessas situações.

Tal medida acaba por incentivar ainda mais a condição de apenas testemunhar os episódios de bullying, reforçando uma postura alheia aos acontecimentos. Isso pode acarretar uma diminuição da comunicação de casos de bullying às autoridades escolares

responsáveis, que poderiam intervir e, assim, ajudar na solução dos casos e remissão das possíveis consequências de envolvimento.

Além disso, medidas na direção de ignorar as agressões podem apresentar implicações para a vida futura do jovem envolvido em bullying. Ele pode aprender que não há formas de evitar ou parar as agressões sofridas, adotando sempre uma postura de vítima passiva frente aos conflitos que venha a sofrer. Pode-se pensar na continuação dessa tendência, com esse jovem experienciando as mesmas condições em outras vertentes da violência, como, exemplo, a violência doméstica. A vítima, não tendo exemplos em sua vida de que há medidas de enfrentamento possíveis, acaba por se fechar, não procurando ajudas externas ou mesmo tendo dificuldade de aceitá-las. A literatura discute que dada conjuntura pode ocorrer na condição da violência doméstica, em que há uma propagação da condição de vítima passada de geração em geração, fato denominado intergeracionalidade (Williams et al., 2009). Hipotetiza-se, assim, que o mesmo pode ocorrer no contexto do bullying, já que esse se trata de uma vertente da violência escolar.

Do mesmo modo como o enfrentamento à condição de vítima pode gerar consequências futuras relacionadas também à vitimização em outros contextos, pode-se observar também uma propagação das agressões dependendo da forma como ela foi tratada inicialmente. O uso da violência foi apontado por três pais como procedimento de ação diante da descoberta do envolvimento do filho em bullying. Eles relataram que bateriam em seus filhos caso soubessem de seu envolvimento. Como, culturalmente, o ato de bater nos filhos é uma consequência punitiva a comportamentos indesejados e a condição de agressor é tida como errônea e inapropriada, supõe-se que o relato dos pais sobre bater nos filhos seja relativo à condição de agressor.

Essa medida é preocupante, que já pode sinalizar a aprendizagem, pelos filhos, da aplicação de violência como meio de resolução de conflitos. Tal condição pode até

mesmo explicar a origem dos comportamentos agressivos do filho no ambiente escolar. Pode-se pensar também na Intergeracionalidade (Williams et al., 2009), tratada na vertente da violência doméstica, mas que pode mostrar-se relevante também no contexto da violência escolar. Os comportamentos agressivos se estenderiam a diferentes contextos, propagando-se ao longo da vida do indivíduo.

A maioria dos pais acreditava que suas ações haviam ajudado seus filhos. No entanto, o tempo de envolvimento dos mesmos em bullying indica que talvez essas medidas podem não ter sido efetivas, no sentido de minimizar o envolvimento dos filhos. Os próprios pais acreditavam que o envolvimento dos filhos era superior a dois anos. O esperado seria que, caso os procedimentos adotados pelos pais fossem efetivos, os alunos pudessem ter um período menor de envolvimento em bullying. É evidente que a intervenção e descontinuidade das agressões não depende somente do papel parental, mas também da escola e de outros agentes envolvidos no contexto. Entretanto, os pais apresentam-se como figura central de apoio aos filhos, sendo essenciais para o crescimento e desenvolvimento saudável dos mesmos (Lovegrove et al., 2013). Eles podem representar, assim, uma condição protetiva para os efeitos negativos do bullying (Lovegrove et al., 2013).

Sabe-se que muitos pais passam pouco tempo com os filhos por conta da vida atribulada a que a maioria é exposta atualmente. Portanto, é natural que os pais pautem suas crenças de envolvimento dos filhos a partir do relato dos mesmos, já que podem ter dificuldade de observar mais de perto seus comportamentos. O grande problema é que, como dito anteriormente, essa parece não ser a melhor estratégia para a prevenção e intervenção da ocorrência de bullying e suas consequências aos indivíduos.

Uma possível forma de minimizar essa condição seria a manutenção de uma parceria família-escola, já que os professores e demais atores escolares podem ser agentes

participativos na observação e relato dos comportamentos dos filhos para os pais. Quando escola e família trabalham juntas, há maior probabilidade de intervir e prevenir efetivamente o bullying e a violência escolar (Brino, Flória, & Menezes, 2013). Conversas com o diretor escolar e professores são raramente citadas no relato dos pais como forma de embasar sua justificativa de crença do envolvimento do filho em bullying. Essa condição tende a se mostrar como natural, uma vez que os pais apresentam dúvidas sobre a quem relatar, na escola, o envolvimento de seu filho em bullying, reclamando providências (Brown et al., 2012). Mesmo quando relatavam, ainda apresentavam queixas de que a intervenção adotada pela escola não havia surtido resultados (Brown et al., 2012).

Um dado referente à metodologia da pesquisa aqui relatada ressalta que a frequência dos pais à escola é relativamente baixa – o número de pais que compareceram ao dia marcado para a devolutiva dos questionários preenchidos, palestra sobre o bullying e sorteio de brindes foi baixíssimo frente à quantidade de questionários distribuídos. Além disso, apenas um pai citou a possibilidade de procurar a escola para entender o que poderia estar acontecendo com seu filho quando questionado sobre os fatores que influenciam o tempo que os pais levam para identificar o envolvimento dos filhos. Essas condições sugerem um distanciamento família-escola, situação enfaticamente vista como indesejada pela literatura. Comportamentos como esperar o relato dos filhos e não se envolver com o corpo docente da escola podem indicar um distanciamento dos pais frente a problemática aqui discutida, indicando, mais uma vez, uma postura passiva dos pais em relação à identificação do envolvimento dos filhos.

No entanto, é importante destacar que a responsabilidade por esse distanciamento não se resguarda a apenas um lado da situação. É comum o fato de professores e pais jogarem um ao outro a responsabilidade da emergência de fatores que desencadeiam a violência entre os estudantes (Plan, 2010). Acabam por contrapor também a

responsabilização por evitar e intervir em episódios de maus tratos no ambiente escolar: enquanto professores alegam que os pais não colaboram com as medidas de combate a violência implementadas pelas escolas, os pais afirmam que os agentes escolares não sabem lidar com a violência, apenas transferindo essa responsabilidade de resolver conflitos para os mesmos (Plan, 2010).

Procedimentos precisam ser adotados para que a parceria família-escola ocorra de forma frequente e saudável, de modo a contribuir para o bem-estar não só dos alunos, mas também dos próprios pais e da escola como um todo. Brino et al. (2013) relatam estratégias que o professor pode utilizar para aproximar os pais do dia-a-dia escolar, buscando a implementação de uma parceria positiva. Uma dessas estratégias é fazer reuniões de pais com maior regularidade e usar de incentivos para a presença dos mesmos (oferecimento de um lanche ao final da reunião, p.ex.).

No entanto, é importante enfatizar que apenas uma parceria família-escola não é suficiente. Observou-se a partir dos dados coletados que os professores apresentaram expressiva dificuldade em identificar o envolvimento de alunos em bullying, sendo que a frequência de envolvimento relatada era menor que, inclusive, a dos pais. Além disso, pode-se sugerir que a escola onde foi realizada a presente pesquisa também não tem adotado intervenções efetivas e eficazes em relação ao bullying. A alta taxa de envolvimento de alunos nesse tipo de prática pode indicar que o mínimo esforço está sendo empenhado ou que as medidas adotadas não têm apresentado os resultados esperados.

Esses dados sugerem que uma intervenção educativa deve ser realizada com os professores e gestores escolares, a fim de capacitá-los a identificar e intervir em situações de bullying. O relatório apresentado por Plan (2010) indica que as escolas brasileiras têm apresentado dificuldade em lidar com situações de violência entre pares. Outra estratégia

que também pode ser adotada é implementar programas antibullying que tenham os pais também como agentes de prevenção. Os pais foram aqueles que conseguiram identificar de forma mais precisa o envolvimento dos colegas em bullying, quando comparados aos pais e professores, relatando, inclusive, casos com menor duração de tempo de envolvimento. Seus relatos poderiam ajudar a implementar intervenções mais precoces, podendo acarretar melhores resultados.

Os dados sugerem que políticas educativas também devem ser estendidas aos pais. A dificuldade que os mesmos apresentam em identificar e lidar com o envolvimento dos filhos em bullying mostra-se evidente. Essa condição não se mostra surpreendente, considerando que o envolvimento com álcool, drogas e sexualidade, por exemplo, apresenta correlação com disfunções no relacionamento familiar (Dias & Gomes, 2000; Pearson, 2000; Tavares, Béria, & Lima, 2004). De acordo com a visão dos professores, os pais costumam deixar para a escola a responsabilidade de abordar tais assuntos e educar os filhos em relação a cada uma dessas questões (Plan, 2010). Alguns pais manifestam dificuldade de identificar outras condições negativas nos filhos, como, por exemplo, transtornos psiquiátricos (Antunes & Campos, 2007). É natural, assim, a baixa identificação de pais de casos relacionados a cada uma dessas condições. O bullying aparenta ser apenas mais um exemplo disso.

Há extensos relatos de experiências internacionais sobre intervenções para pais e professores acerca do bullying (Burkhart et al., 2013; Roland & Midthassel, 2012). No entanto, o Brasil carece de políticas em relação a violência escolar em geral, sendo que a literatura apresenta poucos exemplos de intervenções nessa área (Stelko-Pereira, 2012). Maiores avanços precisam ser implementados nacionalmente com as populações citadas, a fim de capacitá-las a intervir de forma satisfatória em casos de violência escolar e

bullying, especificamente, buscando minimizar as taxas de envolvimento nesse fenômeno, bem como as consequências atreladas ao mesmo.

Como relatado anteriormente, os resultados aqui discutidos sugerem que o déficit expressivo dos pais na identificação do envolvimento de seus filhos pode estar associado a um conhecimento empobrecido sobre bullying. Os dados coletados nesse estudo podem auxiliar na elaboração de programas educativos para essa população. Essa condição mostra-se como uma das principais contribuições da presente pesquisa.

Um dos focos das intervenções pode ser a discussão da concepção de bullying, destacando as condições que levam a acreditar que determinados comportamentos podem ser considerados exemplos de bullying e não comportamentos sociais típicos da idade. Um enfoque também pode ser dado às consequências e indicadores de envolvimento em bullying, destacando não só as condições da vítima, mas principalmente de agressor, vítima-agressor e testemunha, já que essas últimas se mostraram menos expressivas no relato dos pais.

Em relação aos procedimentos adotados diante do envolvimento dos filhos, os dados sugerem que um enfoque maior pode ser dado ao conteúdo da fala dos pais aos filhos, incentivando estratégias assertivas de resolução de problemas. A conversa é um procedimento altamente citado pelos pais como auxílio para o envolvimento dos filhos (Floria, 2011; Holt et al., 2009; Purcell, 2012; Sawyer et al., 2011; Waasdorp, et al., 2011), porém é um dado ainda não explorado pelos estudos sobre a temática. Como o envolvimento dos alunos em bullying ainda é frequente, acredita-se que tal medida de auxílio pode estar sendo inefetiva. Assim, o foco a essa condição torna-se essencial.

Como alguns pais citaram também a adoção de violência para a resolução dos conflitos, seria importante destacar as implicações dessa medida, ressaltando a importância de evitar esse tipo de procedimento. O ensino de estratégias positivas de

parentagem poderia auxiliar na discussão dessas questões e empoderamento dos pais para agir de forma mais saudável e efetiva nessas situações.

Outra estratégia que também poderia ser adotada nesses programas educativos é o incentivo à participação mais ativa dos pais na vida dos filhos. Poderiam ser ensinadas técnicas que visem aumentar o diálogo entre pais e filhos, criando oportunidades em que os pais pudessem realizar perguntas para entender o dia-a-dia dos mesmos. É crucial que os pais se envolvam ativamente na vida dos filhos, não esperando o relato espontâneo dos mesmos. Além disso, poder-se-ia também incentivar uma maior participação dos pais nas atividades escolares dos filhos (p. ex., conversar com professores e diretores; ir aos eventos e reuniões propostos pela escola; discutir as estratégias que a escola está adotando para sanar alguns problemas). Como descrito anteriormente, a parceria família-escola tem se mostrado essencial para intervenções de violência escolar (Brino et al., 2013).

Apesar dos dados da presente pesquisa apresentarem expressiva convergência com o que é relatado pela literatura da área, a generalização dos mesmos pode ser questionável. Dada a especificidade da amostra (participantes de uma única escola pública de um município de pequeno porte), os dados aqui apresentados tendem a ser restritos a essa população. O nível educacional da maioria dos pais participantes da pesquisa também se apresenta como uma condição limitadora da generalização dos dados. A maioria dos pais relatou ter o Ensino Fundamental Incompleto. Essa condição pode ter influenciado as respostas dos pais às questões formuladas no questionário, já que podem ter tido dificuldade para respondê-las. Como a participação era voluntária, pode-se supor, assim como discutido por Waasdorp et al. (2011), que os pais que se dispuseram a participar da pesquisa sejam mais sensíveis aos filhos, o que, em si, já interfere nos resultados da pesquisa.

O *Questionário de Percepção de Pais sobre Bullying* é um instrumento ainda não validado. Ele foi elaborado para os fins do estudo, baseado em relatos científicos anteriores e na literatura sobre bullying. Porém essa condição ressalta a importância dos dados aqui discutidos serem relativizados diante dessa questão.

A metodologia adotada, com o uso de questionários respondidos pelos pais em casa, impõe uma limitação ao acesso de dados mais aprofundados sobre a visão dos mesmos sobre algumas variáveis. No entanto, possibilitou-se um maior acesso a esses participantes, aumentando a abrangência dos dados coletados. Possivelmente poucos pais iriam presencialmente a escola para participar de uma entrevista ou responder ao próprio questionário. Um dado que sustenta essa hipótese é a pequena quantidade de pais (apenas três) que compareceram à data marcada para a devolutiva dos questionários e sorteio dos brindes.

Estudos futuros poderiam focar-se na abrangência da amostra, objetivando estudar pais de diferentes localidades, classes sociais e níveis educacionais. Uma metodologia mista, com aplicação de questionários e possibilidade de futuras entrevistas com pais que apresentassem respostas que pudessem ser melhor desenvolvidas, também poderia ser adotada. O acesso a uma maior diversidade de pais e o aprofundamento de questões ímpares na perspectiva dos mesmos poderiam convergir em um melhor entendimento dos pais sobre o bullying.

Os dados também ressaltam a importância de que novas questões sejam investigadas por estudos futuros. Alguns pais acreditavam que suas ações diante do envolvimento do filho em bullying não haviam ajudado os mesmos. Pesquisas futuras poderiam pautar-se no estudo das variáveis que influenciam a visão dos pais sobre a efetividade de suas ações: quais indícios fizeram com que os pais acreditassem no insucesso de suas ações? Há uma readequação de estratégias quando da identificação de

que não estão conseguindo ajudar os filhos? Dadas informações seriam importantes para um melhor entendimento das variáveis relacionadas a adoção, pelos pais, de procedimentos que visam auxiliar o filho envolvido em bullying.

Além disso, como o procedimento de conversar com os filhos apareceu como estratégia principal adotada pelos pais diante do envolvimento em bullying, a investigação do conteúdo da fala dos pais aos filhos parece ser necessária. Informações sobre o que é dito contribuiriam para um melhor entendimento das ações implementadas pelos pais, identificando se são condizentes com aquilo que é esperado na conduta de um envolvimento em bullying. Tais indícios poderiam indicar mais precisamente se essas ações contribuem para uma resolução saudável do caso, ou seja, ajudando os filhos a se tornarem assertivos diante dos conflitos, sem instigar a resolução dos mesmos por meio do uso de violência.

Considerações finais

A hipótese principal do estudo era de que os pais apresentariam um conhecimento sobre o bullying, porém um déficit na identificação do envolvimento dos seus filhos. Como observado a partir dos dados discutidos, notou-se um baixo conhecimento dos pais sobre os condicionantes do fenômeno (definição, consequências, indicadores de envolvimento), fato que pode ajudar a explicar a reduzida identificação dos pais acerca do envolvimento de seus filhos. Os procedimentos relatados diante da identificação de envolvimento mostraram-se condizentes com o que é esperado e relatado pela literatura da área. No entanto, o longo tempo de envolvimento dos filhos em bullying ressalta que essas medidas podem não se mostrar efetivas. A partir desses dados, pode-se afirmar que a hipótese da pesquisa foi corroborada, estando, de maneira geral, de acordo com os

achados da maioria dos estudos revisados (Cooper & Nickerson, 2013; del Carmen et al., 2008; Floria, 2011; Holt et al., 2009; Humphrey & Crisp, 2008; Mishna et al. 2008; Purcell, 2012; Sawyer et al., 2011; Troop-Gordon & Gerard, 2012; Waasdorp & Bradshaw, 2009; Waasdorp et al., 2011).

A baixa identificação dos casos de envolvimento em bullying pelos pais mostra-se bastante preocupante. Diante de uma identificação deficitária dos casos, intervenções e medidas de auxílio aos envolvidos tornam-se raras (Bonnet et al., 2011), incidindo em um maior número de consequências atreladas a cada uma das condições de envolvimento (vítima, agressor e vítima-agressor). Uma das consequências mais preocupantes é a intergeracionalidade, com a propagação de comportamentos agressivos e também típicos de vítima que podem ser passados de geração em geração, acarretando em um prolongamento ainda maior dos efeitos negativos desse tipo de violência (Williams et al., 2009).

Esse estudo apresenta contribuições ímpares, social e cientificamente, para o entendimento da perspectiva de pais sobre bullying. Dado o baixo número de identificação dos casos pelos pais, supõe-se que as intervenções envolvendo os mesmos sobre bullying devem ser pouco frequentes e/ou precárias. Uma das implicações sociais e práticas desse estudo é que os conhecimentos adquiridos podem ajudar a planejar programas educativos a essa população que auxiliem na melhor identificação e intervenção dos casos, de forma a minimizar o número de envolvidos e os riscos que esse tipo de violência representa. Como já discutido anteriormente, poucos estudos sobre intervenções à violência escolar foram realizados no Brasil. Os dados aqui apresentados podem contribuir para a formulação de programas educativos ou reajuste dos já existentes, representando um ganho para a área científica.

Trata-se de um dos primeiros estudos realizados em território nacional sobre a perspectiva de pais sobre bullying, sendo o primeiro focado com pais de uma escola pública brasileira. Algumas variáveis investigadas, como a condição de testemunha dos filhos, indicadores e tempo de identificação de envolvimento, apresentam pouco ou nenhum relato de pesquisas anteriores. O enfoque a cada uma dessas questões indica um avanço na literatura da área, possibilitando um maior entendimento das perspectivas de pais sobre bullying.

A perspectiva de pais sobre bullying é um tema recente na literatura internacional e, principalmente, na nacional. Mesmo com limitações claras, especialmente referentes a generalização dos dados coletados, esse estudo ainda representa um expressivo avanço para a área, contribuindo tanto para questões científicas, como também sociais e práticas.

Referências

- Achenbach, T. M., McConaughy, S. H., & Howell, C. T. (1987). Child/adolescent behavioral and emotional problems: Implications of crossinformant correlations for situational specificity. *Psychological Bulletin*, *101*, 213–232.
- Albuquerque, P. P., Williams, L. C. A. & D'Affonseca, S. M. (2013). Efeitos tardios do bullying e Transtorno de Estresse Pós-Traumático: Uma revisão crítica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *29(1)*, 91-98.
- Alckmin-Carvalho, F., Izbicki, S., Fernandes, L. F. B., & Melo, M. H. S. (2014). Estratégias e instrumentos para a identificação de bullying em estudos nacionais. *Avaliação Psicológica*, *13(3)*, 343-350.
- Antunes, H. M., & Campos, C. J. G. (2007). Pais e responsáveis do adolescente deprimido: buscando conhecer experiências que levaram à procura de atendimento especializado. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, *41(2)*, 205-212.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barrio, C., Martín, H. Montero, I., Fernández, I., & Gutiérrez, H. (2001). Bullying in spanish secondary schools: A study on a national scale for the ombudsman's report on school violence. *The International Journal of Children's Rights*, *9*, 241-257.
- Bauman, S., & Del Rio, A. (2005). Teachers in the United States and the United Kingdom knowledge and beliefs about bullying in schools: Comparing pre-service. *School Psychology International*, *26(4)*, 428–442.
- Beane, A. L. (2010). *Proteja seu filho do bullying: Impeça que ele maltrate os colegas ou seja maltratado por eles*. Rio de Janeiro: BestSeller.

- Bonnet, M., Goossens, F. A., & Schuengel, C. (2011). Parental strategies and trajectories of peer victimization in 4 to 5 year olds. *Journal of School Psychology, 49*(4), 385-398.
- Brino, R. F., Flória, M. S., & Menezes, L. F. (2013). A parceria família-escola na prevenção e enfrentamento da violência na escola. In: L. C. A. Williams & A. C. Stelko-Pereira. (Eds.), *Violência nota zero: Como aprimorar as relações na escola* (pp. 192-202). São Carlos, SP: EDUFSCar.
- Brown, J. R., Aalsma, M. C., & Ott, M. A. (2012). The experiences of parents who report youth bullying victimization to school officials. *Journal of Interpersonal Violence, 28*(3), 494-518.
- Burkhart, K. M., Knox, M., & Brockmyer, J. (2013). Pilot evaluation of the ACT raising safe kids program on children's bullying behavior. *Journal of Child and Family Studies, 22*(7), 942-951.
- Calbo, A. S., Busnello, F. B., Rigoli, M. M., Schaefer, L. S., & Kristensen, C. H. (2009). Bullying na escola: Comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. *Contextos Clínicos, 2*(2), 73-80.
- Campbell, M. A. (2004). School victims: An analysis of 'my worst experience in school' scale. In E. McWilliam, S. Danby, & J. Knight (Eds.), *Performing Educational Research: Theories, Methods and Practices*. (pp. 1-27). Flaxton, Australia: Post Pressed Flaxton.
- Christie-Mizell, C. A. (2003). Bullying: The consequences of interparental discord and child's self-concept. *Family Process, 42*(2), 237-251.
- Coie, J. D., Dodge, K. A., & Coppotelli, H. (1982). Dimensions and types of social status: A cross-age perspective. *Developmental Psychology, 18*, 557-570.

- Compton, L., Campbell, M. A., & Mergler, A. (2014). Teacher, parent and student perceptions of the motives of cyberbullies. *Social Psychology of Education, 17*, 383-400.
- Cooper, L. A., & Nickerson, A. B. (2013). Parent retrospective recollections of bullying and current views, concerns, and strategies to cope with children's bullying. *Journal of Child and Family Studies, 22*(4), 526-540.
- Cozby, P. C. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas.
- Craig, W. M., & Pepler, D. J. (2003). Identifying and targeting risk for involvement in bullying and victimization. *The Canadian Journal of Psychiatry, 48*, 577-582.
- Craig, W., Harel-Fisch, Y., Fogel-Grinvald, H., Dostaler, S., Hetland, J., Simons-Morton, B., Molcho, M., de Mato, M. G., Overpeck, M., Due, P., Pickett, W., HBSC Violence & Injuries Prevention Focus Group, & HBSC Bullying Writing Group. (2009). A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. *International Journal of Public Health, 54*(Suppl 2), 216-224.
- Cubas, V. O. (2007). Bullying: Assédio moral na escola. In Ruotti, C., Alves, R., & Cubas, V. O. (Org.), *Violência na escola: um guia para pais e professores* (pp. 207-223). São Paulo: Andhep.
- de Matos, M. G., & Gonçalves, S. M. P. (2009). Bullying nas escolas: comportamentos e percepções. *Psicologia, Saúde & Doenças, 10*(1), 3-15.
- de Moura, D. R., Cruz, A. C. N., & Quevedo, L. A. (2011). Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. *Jornal de Pediatria, 87*(1), 19-23.
- del Carmen Pérez, M., Yuste, N., Lucas, F., & Fajardo, M. I. (2008). Los padres frente al fenómeno de la violencia escolar. *European Journal of Education and Psychology, 1*(3), 39-47.

- Dias, A. C. G., & Gomes, W. B. (2000). Conversas, em família, sobre sexualidade e gravidez na adolescência: percepção das jovens gestantes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(1), 109-125.
- Espelage, D. L., & Swearer, S. M. Research on school bullying and victimization: What have we learned and where do we go from here? *Educational Psychology Papers and Publications*, 12(3), 365-383.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying - como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus.
- Fante, C., & Pedra, J. A. (2008). *Bullying escolar: perguntas & respostas*. Porto Alegre: Artmed.
- Ferreira, A. B. H. (1995). *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa: obra em 19 fascículos semanais encartados na Folha de S. Paulo de outubro de 1994 a fevereiro de 1995*. São Paulo: Editora Nova Fronteira.
- Finkelhor, D., Turner, H. A., & Hamby, S. (2012). Let's prevent peer victimization, not just bullying. *Child Abuse & Neglect*, 36(4), 271-274.
- Floria, M. S. (2011). *Bullying: a compreensão de pais sobre sinais e medidas de proteção e análise do tempo de identificação do envolvimento de seus filhos* (Monografia de conclusão de curso). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Floria, M. S., Ferro, T. P., Stelko-Pereira, A. C., & Brino, R. F. (2014). Prevalência de bullying e comportamento de risco em alunos de escola pública. Painel apresentado em 44ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Ribeirão Preto, SP. Resumo recuperado de http://www.r2014.sbponline.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=293

- Forlim, B. G., Stelko-Pereira, A. C., & Williams, L. C. A. (2014). Relações entre bullying e sintomas depressivos em estudantes do ensino fundamental. *Estudos de Psicologia, 31*(3), 367-375.
- Hall, K. R. (2006). Using problem-based learning with victims of bullying behavior. *Professional School Counseling, 9*(3), 231-237.
- Holt, M. K., Kantor, G. K., & Finkelhor, D. (2009). Parent/child concordance about bullying involvement and family characteristics related to bullying and peer victimization. *Journal of School Violence, 8*(1), 42-63.
- Humphrey, G., & Crisp, B. R. (2008). Bullying affects us too: Parental responses to bullying at kindergarten. *Australian Journal of Early Childhood, 33*(1), 45-49.
- IDESP. (s/da). *Boletim da escola 2013*. Recuperado em: http://idesp.edunet.sp.gov.br/boletim_escola2013.asp?ano=2013. Acessado em: 13 nov. 2014.
- IDESP. (s/db). *Boletim da escola*. Recuperado em: <http://idesp.edunet.sp.gov.br/Arquivos2013/917588.pdf>. Acessado em: 13 nov. 2014.
- IDESP. (2013). Programa de qualidade da escola. Recuperado em: http://idesp.edunet.sp.gov.br/Arquivos/Nota_tecnica_2012.pdf. Acessado em: 13 nov. 2014.
- INEP. (s/d). *Nota técnica: metodologia utilizada para o estabelecimento das metas intermediárias para a trajetória do Ideb no Brasil, Estados, Municípios e Escolas*. Recuperado em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/portal_ideb/metodologias/Nota_Tecnica_n2_metas_intermediarias_IDEB.pdf. Acessado em: 13 nov. 2014.

- INEP. (2014). *IDEB: resultados e metas*. Recuperado em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>. Acessado em: 13 nov. 2014.
- Jordan, K., & Austin, J. (2012). A review of the literature on bullying in U.S. schools and how a parent–educator partnership can be an effective way to handle bullying. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 21(4), 440-458.
- Kokkinos, C. M. (2013). Bullying and victimization in early adolescence: Associations with attachment style and perceived parenting. *Journal of School Violence*, 12(2), 174-192.
- Ladd, G. W., & Kochenderfer-Ladd, B. (2002). Identifying victims of peer aggression from early to middle childhood: analysis of cross-informant data for concordance, estimation of relational adjustment, prevalence of victimization, and characteristics of identified victims. *Psychological Assessment*, 14(1), 74–96.
- Lima, M. H. C. G. (2013). Compreendendo os estudantes brasileiros vítimas de bullying: para quem eles revelam? (Monografia de conclusão de curso). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Lopes Neto, A. A., & Saavedra, L. H. (2003). *Diga não para o bullying: Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Rio de Janeiro: ABRAPIA.
- Lopes Neto, A. A. (2005). Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5), S164-S172.
- Lopes Neto, A. A. (2009). “Bullying” comportamento agressivo entre estudantes. In: Williams, L.C.A., Padovani, R.C., Araújo, E.A.C., Stelko-Pereira, A.C., Ormeño, G.R., Eisenstein, E., *Fortalecendo a rede de proteção da criança e do adolescente* (pp. 58-65). São Carlos: EDUFSCar/OPAS.

- Lovegrove, P. J., Bellmore, A. D., Green, J. G., Jens, K., & Ostrov, J. M. (2013). "My voice is not going to be silent": What can parents do about children's bullying?. *Journal of School Violence, 12*(3), 253-267.
- Miller, J. G. (1999). Cultural psychology: Implications for basic psychological theory. *Psychological Science, 10*, 85-91.
- Minayo, M. C. S. (2004). *Pesquisa qualitativa em saúde: O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec.
- Mishna, F., Wiener, J., & Pepler, D. (2008). Some of my best friends: Experiences of bullying within friendships. *School Psychology International, 29*(5), 549–573.
- Molina, R. C. M., & Del Prette, A. (2007). Mudança no status sociométrico negativo de alunos com dificuldades de aprendizagem. *Psicologia Escolar e Educacional, 11*(2), 299-310.
- Naylor, P., Cowie, H., Cossin, F., de Bettencourt, R., & Lemme, F. (2006). Teachers' and pupils' definitions of bullying. *British Journal of Educational Psychology, 76*(3), 553-576.
- Nicolaidis, S., Toda, Y., & Smith, P. K. (2002). Knowledge and attitudes about school bullying in trainee teachers. *British Journal of Educational Psychology, 72*(1), 105-118.
- Olweus, D. (1978). *Agression in schools: Bullies and whipping boys*. Washington, D.C.: Hemisphere.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. London: Lackwell.
- Olweus, D. (1995). Bullying or peer abuse at school: Facts and intervention. *Current Directions in Psychological Science (Wiley-Blackwell), 4*(6), 196-200.

- Olweus, D. (2003). A profile of bullying at school. *Educational Leadership*, 60(6), 12-17.
- Pakaslahti, L., & Keltikangas-Jaervinen, L. (2000). Comparison of peer, teacher and self-assessments on adolescent direct and indirect aggression. *Educational Psychology*, 20(2), 177-190.
- Pearson, G. (2000). Substance abuse and the family. *Current Opinion Psychiatry*, 13(3), 305-308.
- Perry, D., Kusel, S., & Perry, L. (1988). Victims of peer aggression. *Developmental Psychology*, 24(6), 807-814.
- Pinheiro, F. M. F. (2006). *Violência intrafamiliar e envolvimento em "bullying" no ensino fundamental*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo-SP.
- Pinheiro, F. M. F., & Williams, L. C. A. (2009). Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. *Cadernos de Pesquisa*, 39(138), 995-1018.
- Plan. (2010). Bullying escolar no Brasil: Relatório final. Recuperado de: <http://www.promenino.org.br/portals/0/pesquisabullying.pdf>
- Purcell, A. (2012). A qualitative study of perceptions of bullying in Irish primary schools. *Educational Psychology in Practice*, 28(3), 273-285.
- Rigby, K., Slee, P. T., & Martin, G. (2007). Implications of inadequate parental bonding and peer victimization for adolescent mental health. *Journal of Adolescence*, 30(5), 801-812.
- Roland, E., & Midthassel, U. V. (2012). The zero program. *New Directions for Youth Development*, 133, 29-39.
- Sawyer, J., Mishna, F., Pepler, D., & Wiener, J. (2011). The missing voice: Parents' perspectives of bullying. *Children and Youth Services Review*, 33(10), 1795-1803.

- Scholte, R. H. J., Engels, R. C. M. E., Overbeek, G., Kemp, R. A. T. de., & Haselager, G. J. T. (2007). Stability in bullying and victimization and its association with social adjustment in childhood and adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37, 217-228.
- Smorti, A., Menesini, E., & Smith, P. K. (2003). Parents' definitions of children's bullying in a five-country comparison. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 34(4), 417-32.
- Stelko-Pereira, A. C. (2012). *Avaliação de um programa preventivo de violência escolar: Planejamento, implantação e eficácia*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo-SP.
- Stelko-Pereira, A. C., Albuquerque, P. P., & Williams, L. C. A. (2012). Percepção de alunos sobre a atuação de funcionários escolares em situações de violência. *Revista Eletrônica de Educação*, 6(2), 376-391.
- Stelko-Pereira, A. C., Freitas, L. C. & Williams, L. C. A. (2010). Validade e consistência interna do Questionário de Prevalência de Violência Escolar: Versão Estudantes. *Avaliação Psicológica*, 9 (3), 403-411.
- Stelko-Pereira, A. C., & Williams, L. C. A. (2012). *Escala de violência escolar (EVE)*. Universidade Federal de São Carlos, Laboratório de Análise e Prevenção da Violência.
- Stelko-Pereira, A. C., Williams, L. C. A., & Bem, F. P. (2013). Consentimento dos pais em pesquisas com escolares e a legislação brasileira. *Interação em Psicologia*, 16(1), 51-61.
- Tavares, B. F., Béria, J. U., & Lima, M. S. (2004). Fatores associados ao uso de drogas entre adolescentes escolares. *Revista de Saúde Pública*, 38(6), 787-796.

- Troop-Gordon, W., & Gerardy, H. (2012). Parents' beliefs about peer victimization and children's socio-emotional development. *Journal of Applied Developmental Psychology, 33*, 40-52.
- Ttofi, M. M., Farrington, D. P., Lösel, F., & Loeber, R. (2011a). Do the victims of school bullies tend to become depressed later in life? A systematic review and meta-analysis of longitudinal studies. *Journal of Agression, Conflict and Peace Research, 3*(2), 63-73.
- Ttofi, M. M., Farrington, D. P., Lösel, F., & Loeber, R. (2011b). The predictive efficiency of school bullying versus later offending: A systematic/meta-analytic review of longitudinal studies. *Criminal Behavior and Mental Health, 21*(2), 80-89.
- Waasdorp, T. E., & Bradshaw, C. P. (2009). Child and parent perceptions of relational aggression within urban predominantly african american children's friendships: Examining patterns of concordance. *Journal of Child and Family Studies, 18*(6), 731-745.
- Waasdorp, T. E., Bradshaw, C. P., & Duong, J. (2011). The link between parents' perceptions of the school and their responses to schoolbullying: Variation by child characteristics and the forms of victimization. *Journal of Educational Psychology, 103*(2), 324-335.
- Williams, L. C. A., D' Affonseca, S. M., Correia, T. A., & Albuquerque, P. P. (2011). Efeitos a longo prazo de vitimização na escola. *Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia, 4*, (2), 187-199.
- Williams, L. C. A.; Padovani, R. C.; & Brino, R. F. (2009). *O empoderamento da família para enfrentar a violência doméstica*. São Carlos: EDUFSCar.

Williams, L. C. A. & Stelko-Pereira, A. C. (2013). Let's prevent school violence, not just bullying and peer victimization: A commentary on Finkelhor, Turner, and Hamby (2012). *Child Abuse & Neglect*, 37, 235-236.

Anexo 1



LAPREV
Laboratório de Análise e Prevenção da Violência
Universidade Federal de São Carlos
Departamento de Psicologia
Caixa Postal 676 13.565-905 São Carlos - SP
Fone: (16) 3351-8745 - Fax: (16) 3351-8357
www.ufscar.br/laprev

PROTOCOLO DE INDICAÇÃO SOCIOMÉTRICA – PARES⁵

Responda as questões abaixo de acordo com a sua opinião. Fique tranquilo que suas informações não serão divulgadas a seus colegas, professores e direção da escola.

A. Quais os três colegas de sua sala que você gosta mais, que você está sempre junto, que gosta de brincar, conversar? Indique o nome completo.

1. _____
2. _____
3. _____

B. Quais os três colegas de sua sala que você não gosta, não fica junto, não brinca, não conversa? Indique o nome completo.

1. _____
2. _____
3. _____

⁵ Instrumento adaptado de Coie, Dodge e Copottelli (1982)



LAPREV

Laboratório de Análise e Prevenção da Violência
Universidade Federal de São Carlos
Departamento de Psicologia
Caixa Postal 676 13.565-905 São Carlos - SP
Fone: (16) 3351-8745 - Fax: (16) 3351-8357
www.ufscar.br/laprev

PROTOCOLO DE INDICAÇÃO SOCIOMÉTRICA - PROFESSORES⁶

Responda as questões abaixo de acordo com a sua opinião. Fique tranquilo que suas informações não serão divulgadas a seus colegas, professores e direção da escola.

A. Quais os três professores que lhe dão aula que você gosta mais, fica junto, conversa? Indique o nome e disciplina que ele ministra.

1. _____

2. _____

3. _____

B. Quais os três professores que lhe dão aula que você não gosta, não fica junto, não conversa? Indique o nome e disciplina que ele ministra.

1. _____

2. _____

3. _____

⁶ Instrumento adaptado de Coie, Dodge e Copottelli (1982)

Anexo 2



LAPREV
Laboratório de Análise e Prevenção da Violência
Universidade Federal de São Carlos
Departamento de Psicologia
Caixa Postal 676 13.565-905 São Carlos - SP
Fone: (16) 3351-8745 - Fax: (16) 3351-8357
www.ufscar.br/laprev

**FORMULÁRIO DE PESQUISA: ENVOLVIMENTO EM BULLYING -
PROFESSORES⁷**

I - IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Idade: _____

Gênero: () Feminino () Masculino

Estado civil: () Solteiro () Casado () Separado

() Divorciado () Vive em união () Viúvo

Escolaridade: () Ensino Médio completo () Ensino Superior incompleto

() Ensino Superior completo () Pós Graduação incompleta

() Pós Graduação completa

Série/ano escolar para o qual está respondendo: _____

II – CONFLITOS NA ESCOLA

Abaixo há uma questão sobre bullying. Você deve respondê-la de acordo com o seu conhecimento. Não se preocupe, pois não existe resposta certa ou errada. Nós apenas queremos entender, de forma geral, qual é seu conhecimento sobre esse fenômeno. Qualquer dúvida que tiver ao longo do questionário, por favor, informe o pesquisador, que ele lhe auxiliará.

1. O que você acha que é bullying?

⁷ Instrumento elaborado para fins de pesquisa de mestrado de Mariana Simões Floria

Bom, agora que nós já sabemos a sua visão sobre o que é bullying, gostaríamos de apresentar a definição utilizada pelos pesquisadores. Bullying é o nome dado aos conflitos que podem ocorrer na escola **entre os colegas**, que envolvem a **intimidação do mais forte para o mais fraco**, de forma **frequente e com o propósito de machucar ou magoar a vítima**. Nós entendemos que um(a) estudante está sendo intimidado(a) quando outro(a) estudante, ou grupo de estudantes, diz ou faz coisas desagradáveis a ele (ou ela). Também é intimidar quando um(a) estudante é importunado(a) repetidamente de um jeito que ele (ou ela) não gosta, ou quando a pessoa é deixada, de propósito, fora de coisas. Entretanto, não se trata de intimidação quando dois alunos discutem ou brigam, tendo a mesma força física. Também não é intimidação quando a importunação é feita de um modo amigável ou como brincadeira.

Sabemos que há três condições que podem descrever o envolvimento de alunos nesses conflitos:

- **vítima:** aluno que sofre a intimidação;
- **agressor:** aluno que pratica a intimidação, com o propósito de machucar a vítima;
- **vítima-agressor:** alunos que sofrem intimidação de um colega (vítima) e, ao mesmo tempo, praticam intimidação a outros colegas (agressor).

Então, você compreendeu como nós entendemos o bullying? Gostaríamos então que você respondesse a questão abaixo de acordo com a definição de bullying aqui apresentada.

2. Agora pense em seus alunos da ___ série ___ / ___ ano ___ (turma da tarde). Indique se você acredita que cada um deles está envolvido em bullying (*sim* ou *não*). Caso ele esteja, indique em qual condição (*vítima*, *agressor* ou *vítima-agressor*) e há quanto tempo (em *semanas*, *meses* e/ou *anos*). Faça um esforço para imaginar cada aluno em específico; porém, se mesmo assim não souber responder, assinale a alternativa *não sei*.

i. Nome do aluno

- () Não.
- () Não sei.
- () Sim.

Como vítima, agressor ou agressor/vítima? _____
Há quanto tempo? Estime a quantidade semanas, meses ou anos.

ii. Nome do aluno

- () Não.
- () Não sei.
- () Sim.

Como vítima, agressor ou agressor/vítima? _____
Há quanto tempo? Estime a quantidade semanas, meses ou anos.

Anexo 3



LAPREV
Laboratório de Análise e Prevenção da Violência
Universidade Federal de São Carlos
Departamento de Psicologia
Caixa Postal 676 13.565-905 São Carlos - SP
Fone: (16) 3351-8745 - Fax: (16) 3351-8357
www.ufscar.br/laprev

FORMULÁRIO DE PESQUISA: ENVOLVIMENTO EM BULLYING - PARES⁸

I - IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Idade: _____

Gênero: () Feminino () Masculino

Série/ano escolar: _____

II – CONFLITOS NA ESCOLA

Abaixo há uma questão sobre bullying. Você deve respondê-la de acordo com o seu conhecimento. Não se preocupe, pois não existe resposta certa ou errada. Nós apenas queremos entender, de forma geral, qual é seu conhecimento sobre esse fenômeno. Qualquer dúvida que tiver ao longo do questionário, por favor, informe o pesquisador, que ele lhe auxiliará.

3. O que você acha que é bullying?

Bom, agora que nós já sabemos a sua visão sobre o que é bullying, gostaríamos de apresentar a definição utilizada pelos pesquisadores. Bullying é o nome dado aos conflitos que podem ocorrer na escola **entre os colegas**, que envolvem a **intimidação do mais forte para o mais fraco**, de forma **frequente** e **com o propósito de machucar ou magoar a vítima**. Nós entendemos que um(a) estudante está sendo intimidado(a) quando outro(a) estudante, ou grupo de estudantes, diz ou faz coisas desagradáveis a ele (ou ela). Também é intimidar quando um(a) estudante é importunado(a) repetidamente de um jeito que ele (ou ela) não gosta, ou quando a pessoa é deixada, de propósito, fora de coisas.

⁸ Instrumento elaborado para fins de pesquisa de mestrado de Mariana Simões Floria

Entretanto, não se trata de intimidação quando dois alunos discutem ou brigam, tendo a mesma força física. Também não é intimidação quando a importunação é feita de um modo amigável ou como brincadeira.

Sabemos que há três condições que podem descrever o envolvimento de alunos nesses conflitos:

- **vítima:** aluno que sofre a intimidação;
- **agressor:** aluno que pratica a intimidação, com o propósito de machucar a vítima;
- **vítima-agressor:** alunos que sofrem intimidação de um colega (vítima) e, ao mesmo tempo, praticam intimidação a outros colegas (agressor).

Então, você compreendeu como nós entendemos o bullying? Gostaríamos então que você respondesse a questão abaixo de acordo com a definição de bullying aqui apresentada.

4. Agora pense em seus colegas da ___ série ___ / ___ ano ___ (turma da tarde). Indique se você acredita que cada um deles está envolvido em bullying (*sim* ou *não*). Caso ele esteja, indique em qual condição (*vítima*, *agressor* ou *vítima-agressor*) e há quanto tempo (em *semanas*, *meses* e/ou *anos*). Faça um esforço para imaginar cada colega em específico; porém, se mesmo assim não souber responder, assinale a alternativa *não sei*.

i. Nome do aluno

() Não.

() Não sei.

() Sim.

Como vítima, agressor ou agressor/vítima? _____

Há quanto tempo? Estime a quantidade semanas, meses ou anos.

ii. Nome do aluno

() Não.

() Não sei.

() Sim.

Como vítima, agressor ou agressor/vítima? _____

Há quanto tempo? Estime a quantidade semanas, meses ou anos.

Anexo 4



LAPREV
Laboratório de Análise e Prevenção da Violência
Universidade Federal de São Carlos
Departamento de Psicologia
Caixa Postal 676 13.565-905 São Carlos - SP
Fone: (16) 3351-8745 - Fax: (16) 3351-8357
www.ufscar.br/laprev

QUESTIONÁRIO DE PERCEPÇÃO DE PAIS SOBRE BULLYING⁹

I - IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Idade: _____

Gênero: () Feminino () Masculino

Estado civil: () Solteiro () Casado () Separado

() Divorciado () Vive em união () Viúvo

Escolaridade: () Ensino Fundamental incompleto () Ensino Fundamental completo

() Ensino Médio incompleto () Ensino Médio completo

() Ensino Superior incompleto () Ensino Superior completo

() Pós Graduação incompleta () Pós Graduação completa

Profissão: _____

Nome do seu filho(a): _____

Série/ano escolar: _____

II – CONFLITOS NA ESCOLA

Abaixo estão algumas questões sobre bullying. Você deve respondê-las de acordo com o seu conhecimento. Não se preocupe, pois não existem respostas certas ou erradas. Nós apenas queremos entender, de forma geral, quais são os conhecimentos dos pais sobre esse fenômeno. Qualquer dúvida que tiver ao longo do questionário, por favor, informe o pesquisador no dia da entrega e ele lhe auxiliará.

5. O que você acha que é bullying?

⁹ Questionário elaborado para fins de pesquisa de mestrado de Mariana Simões Floria

Bom, agora que nós já sabemos a sua visão sobre o que é bullying, gostaríamos de apresentar a definição utilizada pelos pesquisadores. Bullying é o nome dado aos conflitos que podem ocorrer na escola **entre os colegas**, que envolvem a **intimidação do mais forte para o mais fraco**, de forma **frequente e com o propósito de machucar ou magoar a vítima**. Nós entendemos que um(a) estudante está sendo intimidado(a) quando outro(a) estudante, ou grupo de estudantes, diz ou faz coisas desagradáveis a ele (ou ela). Também é intimidar quando um(a) estudante é importunado(a) repetidamente de um jeito que ele (ou ela) não gosta, ou quando a pessoa é deixada, de propósito, fora de coisas. Entretanto, não se trata de intimidação quando dois alunos discutem ou brigam, tendo a mesma força física. Também não é intimidação quando a importunação é feita de um modo amigável ou como brincadeira.

Sabemos que há quatro condições que podem descrever o envolvimento de alunos nesses conflitos:

- **vítima:** aluno que sofre a intimidação;
- **agressor:** aluno que pratica a intimidação, com o propósito de machucar a vítima;
- **vítima-agressor:** alunos que sofrem intimidação de um colega (vítima) e, ao mesmo tempo, praticam intimidação a outros colegas (agressor);
- **testemunha:** alunos que não praticam e nem são vítimas das intimidações, porém presenciam as situações, assistindo aos conflitos que ocorrem entre vítimas e/ou agressores.

Então, você compreendeu como nós entendemos o bullying? Gostaríamos então que você respondesse as questões abaixo de acordo com a definição de bullying aqui apresentada.

6. Na sua opinião, quais as consequências do bullying às vítimas?

7. Na sua opinião, quais as consequências do bullying aos agressores?

8. Se seu filho estivesse envolvido em bullying, que comportamentos você acha que ele iria manifestar? Você pode indicar características gerais, como, por exemplo, ele não querer ir à escola. Tente pensar em todas as condições acima descritas (vítima, agressor e vítima-agressor), apontando comportamentos que poderiam ser relacionados a elas.

9. Quanto tempo você acha que os pais levam para identificar o envolvimento de seus filhos em situações de bullying? Assinale uma das alternativas abaixo e explique.

() Acredito que deve ser rápido. Por quê? _____

() Acredito que deve demorar. Por quê? _____

() Acho que depende. De quê? Explique. _____

10. Você acredita que seu filho(a) já se envolveu em situações de bullying?

() Sim. Como vítima, agressor ou agressor/vítima? _____

() Não.

() Não sei.

O que lhe fez acreditar nisso? _____

11. E atualmente, você acredita que seu filho(a) está envolvido em situações de bullying?

() Sim. Como vítima, agressor ou agressor/vítima? _____

() Não.

() Não sei.

O que lhe fez acreditar nisso? _____

Caso você tenha respondido SIM às questões 10 ou 11, responda as questões seguintes. Caso tenha respondido NÃO ou NÃO SEI, pule para a questão 13.

12. Há quanto tempo você acha que seu filho(a) está/esteve envolvido nessas situações? Estime a quantidade semanas, meses ou anos.

13. O bullying causou consequências para seu filho(a) a curto prazo (época em que sofreu/cometeu as agressões)?

() Sim. Quais? _____

() Não.

() Não sei.

14. O bullying causou consequências para seu filho(a) a longo prazo (quando já não tinha mais envolvimento)?

() Sim. Quais? _____

() Não.

() Não sei.

15. Qual foi sua reação ao saber/desconfiar do envolvimento de seu filho(a)? O que você fez?

16. Você acredita que sua reação ajudou seu filho(a)?

() Sim.

() Não.

() Não sei.

Por quê? _____

17. Seu filho(a) já falou para você que testemunhou agressões de bullying?

() Sim. Você disse algo sobre isso a ele? O que falou? _____

() Não.

18. O que você acha que os pais devem fazer caso desconfiem/saibam que seu filho(a) esteja envolvido em bullying?

Agradecemos a sua participação!

Anexo 5

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Olhos abertos: a perspectiva de pais sobre bullying

Pesquisador: Mariana Simões Floria

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 16207313.8.0000.5504

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 441.389

Data da Relatoria: 11/11/2013

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de mestrado do programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSCar que pretende estudar a questão de bullying entre adolescentes e o conhecimento que os pais têm do assunto.

Objetivo da Pesquisa:

Do projeto:

*Objetivo Primário:

Os objetivos primários dessa pesquisa são:

(1) descrever e analisar o entendimento de pais sobre o bullying, investigando-se seus conhecimentos sobre o significado do termo, consequências, medidas de auxílio, identificação do envolvimento dos filhos e tempo de envolvimento dos mesmos;

(2) Investigar a prevalência de situações de bullying nos alunos participantes, de acordo com o relato dos mesmos.

Objetivo Secundário:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (18)3351-9883

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Continuação do Parecer: 441.309

Os objetivos secundários são:

(1) verificar se há uma divergência de conhecimento sobre o fenômeno entre pais de alunos agressores, vítimas e vítimas/agressores; e

(2) comparar o relato dos pais com as informações obtidas por meio dos próprios filhos, professores e pais como forma de análise de seus conhecimentos.”

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos descritos no projeto são a possibilidade do tema trazer lembranças de situações desconfortáveis. Os pesquisadores indicam a possibilidade da necessidade de acompanhamento psicológico que poderia ser realizado pela equipe do LAPREV.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é extremamente relevante. A temática é atual e bastante pertinente.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os pesquisadores apresentaram todos os documentos solicitados, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido estão adequados, as autorizações necessárias estão presentes.

Recomendações:

Nota-se que os pesquisadores são integrantes da equipe do LAPREV. O CEP-UFSCar entende que, no caso de necessidade de acompanhamento psicológico de qualquer dos participantes da pesquisa, mesmo após o seu término, o LAPREV e sua equipe se responsabilizarão por tal acompanhamento providenciando, inclusive as condições de transporte que se fizerem necessárias.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto pode ser aprovado nas condições acima.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SÃO CARLOS

Telefone: (16)3351-9883

E-mail: cep@ufscar.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



Continuação do Parecer: 441.309

SÃO CARLOS, 30 de Outubro de 2013

Assinador por:
Maria Isabel Ruiz Beretta
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SÃO CARLOS

Telefone: (16)3351-9883

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Página 03 de 03

Anexo 6

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Pais alunos

- 1) Seu filho está sendo convidado para participar da pesquisa "Olhos abertos: a perspectiva de pais sobre bullying".
- 2) Ele foi selecionado por ser aluno de uma das séries/anos participantes da sua escola e sua participação não é obrigatória.
- 3) Os objetivos desse estudo são descrever e analisar o entendimento de pais sobre o bullying e investigar a prevalência de situações de bullying nos alunos participantes, de acordo com o relato dos mesmos.
- 4) A participação de seu filho nessa pesquisa consistirá em responder a um questionário sobre envolvimento em bullying e a um protocolo de indicação dos colegas e professores que você mais gosta e menos gosta.
- 5) A participação dele pode acarretar lembranças e/ou experiências que podem manifestar desconforto. Sua colaboração respondendo aos instrumentos pode gerar como benefício uma reflexão sobre o tema abordado, além de ser relevante para a identificação de casos de envolvimento em bullying, essencial para a assistência/tratamento e resolução dos problemas encontrados.
- 6) Caso apresente algum desconforto durante a participação dessa pesquisa, ele poderá me informar, sendo que poderei indicar profissionais para um acompanhamento psicológico.
- 7) Você poderá pedir, a qualquer momento, esclarecimentos sobre a pesquisa.
- 8) Você tem total liberdade para decidir sobre a participação de seu filho na pesquisa, podendo recusar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da mesma, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição responsável pela pesquisa (UFSCar)".
- 9) As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguro o sigilo sobre a participação de seu filho. Os dados obtidos não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.
- 10) Você receberá uma cópia desse termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.



Mariana Simões Floria

Pesquisadora

Rua Rui Barbosa, 23

Centro; CEP 13650-000 – Santa Cruz das Palmeiras

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação de meu filho na pesquisa e concordo com sua participação.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 – Caixa Postal 676 – CEP 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil. Fone (16) 3351-8028.

Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

Nome do seu filho: _____

Ano/série escolar: _____

Nome do responsável: _____

Assinatura responsável

Anexo 7

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Alunos

- 1) Você está sendo convidado para participar da pesquisa "Olhos abertos: a perspectiva de pais sobre bullying".
- 2) Você foi selecionado por ser aluno de uma das séries/anos participantes da sua escola e sua participação não é obrigatória.
- 3) Os objetivos desse estudo são descrever e analisar o entendimento de pais sobre o bullying e investigar a prevalência de situações de bullying nos alunos participantes, de acordo com o relato dos mesmos.
- 4) Sua participação nessa pesquisa consistirá em responder a um questionário sobre envolvimento em bullying e a um protocolo de indicação dos colegas e professores que você mais gosta e menos gosta.
- 5) Sua participação pode acarretar lembranças e/ou experiências que podem manifestar desconforto. Sua colaboração respondendo aos instrumentos pode gerar como benefício uma reflexão sobre o tema abordado, além de ser relevante para a identificação de casos de envolvimento em bullying, essencial para a assistência/tratamento e resolução dos problemas encontrados.
- 6) Caso apresente algum desconforto durante a participação dessa pesquisa, me informe, pois poderei indicar profissionais para um acompanhamento psicológico.
- 7) Você pode pedir, a qualquer momento, esclarecimentos sobre a pesquisa.
- 8) Você tem total liberdade para decidir sobre sua participação na pesquisa, podendo recusar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da mesma, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição responsável pela pesquisa (UFSCar).
- 9) As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguro o sigilo sobre sua participação. Os dados obtidos não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.
- 10) Você receberá uma cópia desse termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.



Mariana Simões Floria
Pesquisadora

Rua Rui Barbosa, 23

Centro; CEP 13650-000 – Santa Cruz das Palmeiras

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 – Caixa Postal 676 – CEP 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil. Fone (16) 3351-8028.

Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

Nome do participante: _____

Ano/série escolar: _____

Assinatura participante

Anexo 8

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais pares

- 1) Seu filho está sendo convidado para participar da pesquisa "Olhos abertos: a perspectiva de pais sobre *bullying*".
- 2) Ele foi selecionado por ser aluno de uma das séries/anos participantes da sua escola e pela indicação de colegas participantes, sendo que sua participação não é obrigatória.
- 3) Os objetivos desse estudo são descrever e analisar o entendimento de pais sobre o *bullying* e investigar a prevalência de situações de *bullying* nos alunos participantes, de acordo com o relato dos mesmos.
- 4) A participação de seu filho nessa pesquisa consistirá em responder a um questionário sobre o envolvimento de colegas em *bullying*.
- 5) A participação dele pode acarretar lembranças e/ou experiências que podem manifestar desconforto. Sua colaboração respondendo aos instrumentos pode gerar como benefício uma reflexão sobre o tema abordado, além de ser relevante para a identificação de casos de envolvimento em *bullying*, essencial para a assistência/tratamento e resolução dos problemas encontrados.
- 6) Caso apresente algum desconforto durante a participação dessa pesquisa, ele poderá me informar, sendo que poderei indicar profissionais para um acompanhamento psicológico.
- 7) Você poderá pedir, a qualquer momento, esclarecimentos sobre a pesquisa.
- 8) Você tem total liberdade para decidir sobre a participação de seu filho na pesquisa, podendo recusar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da mesma, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição responsável pela pesquisa (UFSCar)".
- 9) As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguro o sigilo sobre a participação de seu filho. Os dados obtidos não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.
- 10) Você receberá uma cópia desse termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.



Mariana Simões Flória
Pesquisadora

Rua Rui Barbosa, 23

Centro; CEP 13650-000 – Santa Cruz das Palmeiras

Contato: (19) 3672-3714/ (16) 99306-7614

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação de meu filho na pesquisa e concordo com sua participação.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 – Caixa Postal 676 – CEP 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil. Fone (16) 3351-8028.

Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

Nome do seu filho: _____

Ano/série escolar: _____

Nome do responsável: _____

Assinatura responsável

Anexo 9

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Pares

- 1) Você está sendo convidado para participar da pesquisa "Olhos abertos: a perspectiva de pais sobre *bullying*".
- 2) Você foi selecionado por ser aluno de uma das séries/anos participantes da sua escola e pela indicação de colegas participantes, sendo que sua participação não é obrigatória.
- 3) Os objetivos desse estudo são descrever e analisar o entendimento de pais sobre o *bullying* e investigar a prevalência de situações de *bullying* nos alunos participantes, de acordo com o relato dos mesmos.
- 4) Sua participação nessa pesquisa consistirá em responder a um questionário sobre o envolvimento de colegas em *bullying*.
- 5) Sua participação pode acarretar lembranças e/ou experiências que podem manifestar desconforto. Sua colaboração respondendo aos instrumentos pode gerar como benefício uma reflexão sobre o tema abordado, além de ser relevante para a identificação de casos de envolvimento em *bullying*, essencial para a assistência/tratamento e resolução dos problemas encontrados.
- 6) Caso apresente algum desconforto durante a participação dessa pesquisa, me informe, pois poderei indicar profissionais para um acompanhamento psicológico.
- 7) Você pode pedir, a qualquer momento, esclarecimentos sobre a pesquisa.
- 8) Você tem total liberdade para decidir sobre sua participação na pesquisa, podendo recusar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da mesma, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição responsável pela pesquisa (UFSCar)".
- 9) As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguro o sigilo sobre sua participação. Os dados obtidos não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.
- 10) Você receberá uma cópia desse termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.



Mariana Simões Floria
Pesquisadora

Rua Rui Barbosa, 23

Centro; CEP 13650-000 – Santa Cruz das Palmeiras

Contato: (19) 3672-3714/ (16) 99306-7614

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 – Caixa Postal 676 – CEP 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil. Fone (16) 3351-8028.

Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

Nome do participante: _____

Ano/série escolar: _____

Assinatura participante

Anexo 10

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Professores

- 1) Você está sendo convidado para participar da pesquisa "Olhos abertos: a perspectiva de pais sobre bullying".
- 2) Você foi selecionado por ter sido indicado pelos alunos da escola em que leciona e sua participação não é obrigatória.
- 3) Os objetivos desse estudo são descrever e analisar o entendimento de pais sobre o bullying e investigar a prevalência de situações de bullying nos alunos participantes, de acordo com o relato dos mesmos.
- 4) Sua participação nessa pesquisa consistirá em responder a um questionário sobre envolvimento de alunos em *bullying*.
- 5) Sua participação pode acarretar lembranças e/ou experiências que podem manifestar desconforto. Sua colaboração respondendo aos instrumentos pode gerar como benefício uma reflexão sobre o tema abordado, além de ser relevante para a identificação de casos de envolvimento em bullying, essencial para a assistência/tratamento e resolução dos problemas encontrados.
- 6) Caso apresente algum desconforto durante a participação dessa pesquisa, me informe, pois poderei indicar profissionais para um acompanhamento psicológico.
- 7) Você pode pedir, a qualquer momento, esclarecimentos sobre a pesquisa.
- 8) Você tem total liberdade para decidir sobre sua participação na pesquisa, podendo recusar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da mesma, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição responsável pela pesquisa (UFSCar)".
- 9) As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguro o sigilo sobre sua participação. Os dados obtidos não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.
- 10) Você receberá uma cópia desse termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.



Mariana Simões Floria
Pesquisadora

Rua Rui Barbosa, 23

Centro; CEP 13650-000 – Santa Cruz das Palmeiras

Contato: (19) 3672-3714/ (16) 99306-7614

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 – Caixa Postal 676 – CEP 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil. Fone (16) 3351-8028.

Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

Nome do participante: _____

Assinatura participante

Anexo 11

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Pais

- 1) Você está sendo convidado para participar da pesquisa "Olhos abertos: a perspectiva de pais sobre *bullying*".
- 2) Você foi selecionado por ser pai de um aluno participante da pesquisa e sua participação não é obrigatória.
- 3) Os objetivos desse estudo são descrever e analisar o entendimento de pais sobre o *bullying* e investigar a prevalência de situações de *bullying* nos alunos participantes, de acordo com o relato dos mesmos.
- 4) Sua participação nessa pesquisa consistirá em responder a um questionário sobre a temática de *bullying*.
- 5) Sua participação pode acarretar lembranças e/ou experiências que podem manifestar desconforto. Sua colaboração respondendo aos instrumentos pode gerar como benefício uma reflexão sobre o tema abordado, além de ser relevante para a identificação de casos de envolvimento em *bullying*, essencial para a assistência/tratamento e resolução dos problemas encontrados.
- 6) Caso apresente algum desconforto durante a participação dessa pesquisa, me informe, pois poderei indicar profissionais para um acompanhamento psicológico.
- 7) Você pode pedir, a qualquer momento, esclarecimentos sobre a pesquisa.
- 8) Você tem total liberdade para decidir sobre sua participação na pesquisa, podendo recusar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da mesma, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição responsável pela pesquisa (UFSCar)".
- 9) As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguro o sigilo sobre sua participação. Os dados obtidos não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.
- 10) Você receberá uma cópia desse termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.



Mariana Simões Floria
Pesquisadora

Rua Rui Barbosa, 23

Centro; CEP 13650-000 – Santa Cruz das Palmeiras

Contato: (19) 3672-3714/ (16) 99306-7614

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 – Caixa Postal 676 – CEP 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil. Fone (16) 3351-8028.

Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

Nome do participante: _____

Assinatura participante

Anexo 12

Carta pais alunos

Olá!

Meu nome é Mariana Simões Flória, sou psicóloga e atualmente faço Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Em minha pós-graduação preciso realizar uma pesquisa que é centrada na temática do bullying, fenômeno tão comentado e debatido nos últimos tempos. Pretendo investigar a compreensão de pais sobre esse fenômeno, bem como analisar a prevalência de práticas desse tipo entre os alunos. Esse estudo é muito importante, já que possibilita o conhecimento que os pais têm sobre bullying, ajudando a elaborar programas educativos para eles à respeito desse fenômeno – identificar os casos é o primeiro passo para ajudar aqueles que sofrem com essas práticas.

Para tanto, venho pedir a autorização da participação de seu filho em minha pesquisa. Nesse primeiro momento, seu filho terá apenas que responder a um questionário relativo a práticas de bullying e outro sobre quais professores e amigos tem mais contato. Ele pode ser selecionado também para responder a um outro questionário sobre o envolvimento de seus colegas em situações de bullying. Caso isso ocorra, entrarei em contato para pedir novamente sua autorização para participação.

A partir da análise desses questionários, alguns pais de alunos serão convidados a responderem um questionário sobre bullying. Caso seja selecionado, sua tarefa será responder a esse questionário, em casa, e entregar para mim em um sábado, em que distribuirei vários brindes, como livros, CD's e vales compras em lojas da cidade. Entrarei em contato quando for realizar essa etapa da pesquisa!

A diretora da escola já está ciente da realização dessa pesquisa na escola e concordou que essas atividades fossem realizadas em período de aula, com a supervisão dos professores e de uma funcionária responsável. Nenhum tipo de represália será feita caso não aceite a participação de seu filho nesse estudo. Fique à vontade para decidir sobre isso. Vale ressaltar também que seu filho poderá decidir sobre sua própria participação no estudo, ficando à vontade para interrompê-la a qualquer momento, sem maiores prejuízos.

Em anexo envio duas cópias de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Caso seja favorável a participação de seu filho no estudo, peço que **assine e envie uma das cópias para a escola amanhã**; a outra cópia permanece em seu poder. Nele você poderá ter contato com as condições de participação da pesquisa, quais serão as atividades que seu filho participará, além de informações gerais a respeito da aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Seres Humanos da UFSCar e as formas de contato comigo, no caso de necessitar sanar alguma dúvida.

Caso seu filho traga o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado **amanhã** e participe da pesquisa respondendo aos questionários, ele estará participando de sorteios de brindes, tais como CD's de música e um pendrive.

Agradeço desde já sua disponibilidade.



Mariana Simões Flória
Psicóloga, Mestranda em Psicologia pela UFSCar
Contato: (19) 3672-3714/ (16) 99306-7614

Anexo 13 - Carta pais pares



LAPREV

Laboratório de Análise e Prevenção da Violência
Universidade Federal de São Carlos
Departamento de Psicologia
Caixa Postal 676 13.565-905 São Carlos - SP
Fone: (16) 3351-8745 - Fax: (16) 3351-8357
www.ufscar.br/laprev

Senhores pais,

Estou dando continuidade à realização de minha pesquisa de Mestrado (Psicologia na UFSCar) na Escola _____. Como vocês sabem, a primeira etapa foi realizada na semana passada, com seu filho respondendo a um questionário relativo a práticas de bullying e outro sobre quais professores e amigos tem mais contato.

A partir da análise desse segundo questionário, constatei que seu filho foi apontado por seus colegas como um dos que tem mais contato com toda a sala. Por essa razão, estou pedindo sua autorização para a participação dele na segunda etapa da pesquisa. Nesse momento, a tarefa dele será responder a um outro questionário sobre o envolvimento de seus colegas em situações de bullying.

Ressalto mais uma vez que a diretora da escola já está ciente da realização dessa pesquisa na escola e concordou que essas atividades fossem realizadas em período de aula, com a supervisão dos professores e de uma funcionária responsável. Nenhum tipo de represália será feita caso não aceite a participação de seu filho nesse estudo. Fique à vontade para decidir sobre isso. Vale ressaltar também que seu filho poderá decidir sobre sua própria participação no estudo, ficando à vontade para interrompê-la a qualquer momento, sem maiores prejuízos.

Em anexo envio duas cópias de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Caso seja favorável a participação de seu filho no estudo, peço que **assine e envie uma das cópias para a escola amanhã**; a outra cópia permanece em seu poder. Nele você poderá ter contato com as condições de participação da pesquisa, quais serão as atividades que seu filho participará, além de informações gerais a respeito da aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Seres Humanos da UFSCar e as formas de contato comigo, no caso de necessitar sanar alguma dúvida.

Caso seu filho traga o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado **amanhã** e participe da pesquisa respondendo ao questionário, ele receberá um brinde.

Agradeço desde já sua disponibilidade.

Mariana Simões Flória

Psicóloga, Mestranda em Psicologia pela UFSCar
Contato: (19) 3672-3714/ (16) 99306-7614

Anexo 14 - Carta professores



LAPREV

Laboratório de Análise e Prevenção da Violência
Universidade Federal de São Carlos
Departamento de Psicologia
Caixa Postal 676 13.565-905 São Carlos - SP
Fone: (16) 3351-8745 - Fax: (16) 3351-8357
www.ufscar.br/laprev

Senhor(a) professor(a),

Meu nome é Mariana Simões Flória, sou psicóloga e atualmente faço Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Em minha pós-graduação preciso realizar uma pesquisa que é centrada na temática do bullying, fenômeno tão comentado e debatido nos últimos tempos. Pretendo investigar a compreensão de pais sobre esse fenômeno, bem como analisar a prevalência de práticas desse tipo entre os alunos. Esse estudo é muito importante, já que possibilita o conhecimento que os pais têm sobre bullying, ajudando a elaborar programas educativos para eles à respeito desse fenômeno – identificar os casos é o primeiro passo para ajudar aqueles que sofrem com essas práticas.

Durante a primeira etapa da pesquisa, apliquei dois questionários em alguns alunos da escola: um questionário relativo a práticas de bullying e outro sobre quais professores e amigos têm mais contato. A partir da análise desse último, percebi que um dos professores que os alunos da __ série __ (__ ano __) têm mais contato é o(a) senhor(a). Por isso, estou entrando em contato para convidá-lo a participar da segunda etapa da pesquisa. Sua tarefa será responder a um questionário (em anexo) sobre o envolvimento dos alunos da __ série __ (__ ano __) em situações de bullying. O(A) senhor(a) poderá respondê-lo em casa, tendo o prazo de uma semana para isso. Estarei passando na escola na semana seguinte para recolher os questionários respondidos.

Ressalto que a diretora da escola já está ciente da realização dessa pesquisa na escola e concordou com as atividades propostas. Nenhum tipo de represália será feita caso não aceite participar da pesquisa. Fique à vontade para decidir sobre isso. Em anexo envio duas cópias de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Nele você poderá ter contato com as condições de participação da pesquisa, a atividade que participará, além de informações gerais a respeito da aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Seres Humanos da UFSCar e as formas de contato comigo, no caso de necessitar sanar alguma dúvida.

Caso o(a) senhor(a) decida participar da pesquisa, receberá um brinde como forma de agradecimento.

Agradeço desde já sua disponibilidade.

Mariana Simões Flória

Psicóloga, Mestranda em Psicologia pela UFSCar
Contato: (19) 3672-3714/ (16) 99306-7614

Anexo 15 – Carta pais



LAPREV
Laboratório de Análise e Prevenção da Violência
Universidade Federal de São Carlos
Departamento de Psicologia
Caixa Postal 676 13.565-905 São Carlos - SP
Fone: (16) 3351-8745 - Fax: (16) 3351-8357
www.ufscar.br/laprev

Senhores pais,

Estou dando continuidade à realização de minha pesquisa de Mestrado (Psicologia na UFSCar) na Escola _____. Como já explicado anteriormente, pretendo investigar a compreensão de pais sobre o bullying, bem como analisar a prevalência de práticas desse tipo entre os alunos. Esse estudo é muito importante, já que possibilita o conhecimento que os pais têm sobre bullying, ajudando a elaborar programas educativos para eles à respeito desse fenômeno – identificar os casos é o primeiro passo para ajudar aqueles que sofrem com essas práticas.

Como vocês sabem, a primeira etapa foi realizada com seu filho respondendo a um questionário relativo a práticas de bullying e outro sobre quais professores e amigos tem mais contato. A partir de agora, a participação será dos senhores, mais especificamente (apenas um membro do casal ou responsável pelo seu filho). **Sua tarefa será responder ao questionário, em anexo, e entregá-lo para mim no dia 23/11 (sábado) às 14h, na escola.** Caso tenha alguma dúvida durante o preenchimento, poderei ajudá-lo mais diretamente nesse dia.

Ressalto mais uma vez que a diretora da escola já está ciente da realização dessa pesquisa na escola e concordou que essas atividades realizadas. Nenhum tipo de represália será feita caso não aceite participar dessa etapa do estudo. Fique à vontade para decidir sobre isso.

Em anexo envio um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Nele você poderá ter contato com as condições de participação da pesquisa, quais serão as atividades que está sendo convidado a fazer, além de informações gerais a respeito da aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Seres Humanos da UFSCar e as formas de contato comigo, no caso de necessitar sanar alguma dúvida.

Caso concorde em participar, você deverá **assinar ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e preencher todo o questionário.** Os pais que entregarem ambos preenchidos no **dia 23/11 (sábado) às 14h**, durante o Programa Escola da Família, participarão de uma palestra breve sobre o tema e de um sorteio de vários brindes como livros, CD's, vales compras em lojas da cidade, dentre outros.

Agradeço desde já sua disponibilidade.

Mariana Simões Flória

Psicóloga, Mestranda em Psicologia pela UFSCar
Contato: (19) 3672-3714/ (16) 99306-7614